

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E ENSINO DE  
CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA  
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA**

**LINHA DE PESQUISA:** EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, COGNIÇÃO E  
CURRÍCULO

**DOS GALPÕES DOS BUMBÁS DE PARINTINS À APRENDIZAGEM DE  
CIÊNCIA: uma reflexão acerca do fazer artístico e suas implicações no  
contexto escolar**

**MANAUS-AM**

**2016**

**SUELLEN MARTINS DA SILVA**

**DOS GALPÕES DOS BUMBÁS DE PARINTINS À APRENDIZAGEM DE  
CIÊNCIA: uma reflexão acerca do fazer artístico e suas implicações no  
contexto escolar**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como requisito para a obtenção do título de mestre em Ensino de Ciências na Amazônia.

**Orientadora: Profa. Dra. Aldenéia Soares da Cunha**

**MANAUS-AM**

**2016**

## FICHA CATALOGRÁFICA

CATALOGAÇÃO NA FONTE: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA

S586g Silva, Suhellen Martins da.  
Dos galpões dos bumbás de Parintins à aprendizagem de ciência :  
uma reflexão acerca do fazer artístico e suas implicações no contexto  
escolar / Suhellen Martins da Silva. – Manaus : UEA, 2016.  
116 f : il. ; 30 cm

Dissertação de Mestrado Acadêmico em Educação em Ciências na  
Amazônia apresentado à Universidade do Estado do Amazonas –  
UEA, Escola Normal Superior – NS.  
Orientador(a) : Profa. Dra. Aldeneia Soares da Cunha.

Inclui Referências.

1. Saber cultural. 2. Práticas pedagógicas. 3. Arte. 4. Ciência.  
I. Título.

CDU 316.74

**SUELLEN MARTINS DA SILVA**

**DOS GALPÕES DOS BUMBÁS DE PARINTINS À APRENDIZAGEM DE  
CIÊNCIA: uma reflexão acerca do fazer artístico e suas implicações no  
contexto escolar**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia, da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como requisito para a obtenção do título de mestre em Ensino de Ciências na Amazônia.

Aprovado dia: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Aldenéia Soares da Cunha – Presidente/UEA

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Almerinda de Souza Matos – Membro Externo/UFAM

---

Prof. Dr. José Vicente de Souza Aguiar – Membro Interno/UEA

Aos meus pais, Edmilson e Ana Lúcia, pela luta constante na missão nada simples de criar e transmitir valores como caráter. Pelo amor dado durante toda a minha existência, despindo-se da vaidade, na entrega pelo outro. Sempre presentes em minha vida, acompanhando-me nos momentos de angústia e vitória.

Ao filho amado, Gabriel Martins Pereira, pedaço de mim, parte de mim, por todo o exílio necessário para a construção deste projeto, por sua chegada em minha vida, por seus beijos e abraços, demonstrações sinceras de carinho, incentivando-me a continuar e crer que é possível vir dias melhores.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que, em sua infinita bondade, me concedeu o sopro de vida, proporcionando-me, também, a oportunidade de estudar, dando-me perseverança e força para vencer os obstáculos e conseguir chegar a essa realização.

À Professora Doutora Aldenéia Soares da Cunha, que se doou em orientar-me, por toda sua paciência pedagógica, seu dinamismo e pelo interesse em abraçar essa pesquisa, apresentando-me e conduzindo-me às letras, não permitindo que soltasse o *fió de Ariadne*.

Ao amigo e advogado Jorge Alberto Mendes Júnior, grande responsável pela efetivação desse projeto, que, de forma brilhante e com sua competência jurídica e humana, mudou uma história.

Ao Mestre Eufrásio Alves Bezerra, por seu incentivo nas horas difíceis e pelo seu conhecimento que contribuiu para minha formação docente e humana.

Ao Jorge Breno, pessoa maravilhosa, por seu amor, carinho e incentivo em todas as horas.

À amiga irmã Raidalena Lobato, pelo carinho, conforto e abrigo cedido.

Ao Coordenador, Prof. Dr. Augusto Fachin Terán, ao secretário, Robson Bentes, e aos docentes do Programa de Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia, pelo apoio e conhecimento proporcionado.

Às Agremiações Folclóricas de Boi Bumbá Caprichoso e Garantido, em especial aos artistas de ponta, por não se negarem a expor sua bagagem de conhecimento, que muito contribuiu para a concretização deste estudo.

Ao gestor, docentes e discentes da Escola Estadual, onde se realizou a pesquisa.

A todos os docentes que somaram para minha formação, em especial as professoras Virgínia Lane (*in memoriam*), Valdeth Simas, Maria da Saúde e Dra. Irecê Barbosa - por representar um modelo de docente, pelo espaço concedido durante o estágio na disciplina Didática I e por todo o conhecimento proporcionado.

À Secretaria Municipal de Educação de Manaus, que por meio do Programa Qualifica me liberou para cursar o mestrado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro, tão importante para a efetivação dessa pesquisa.

## A Chegada

Quem foi que disse que eu não chegava  
Se a minha meta era de chegar  
Ora não saí primeiro  
Mas chegar já é vencer  
Eu posso me orgulhar  
Quem foi que disse que eu não vencia  
Com a força de vontade minha de vencer  
Mesmo sendo por mania  
Completar a minha parte era meu dever  
Agora com um clima diferente, o meu mundo se modificou

A vida está mais perto e o presente foi o tema que  
Vingou (vingou)

Agora vou sair o mundo afora  
Pra cantar o novo samba que saiu de mim  
Resultado de um tema  
Renegando a falsa sorte  
A chegada ao fim

Hoje o samba floresceu nos caminhos da idade. (bis)

*Chico da Silva*

## RESUMO

O presente estudo teve como objetivo relacionar os diversos saberes do enfoque sociocultural apreendidos nos galpões dos bumbás de Parintins e sua influência no processo da educação formal e suas práticas pedagógicas. Diante da complexidade desse espaço artístico e cultural, o estudo foi desenvolvido conforme objeto traçado que propõe saber: como acontece a aprendizagem em consonância com as manifestações de diversos saberes apreendidos nos galpões e se esses se relacionam com a aprendizagem de ciências em sala de aula? A estrutura textual se organiza em quatro (04) capítulos. O primeiro capítulo vem com uma abordagem teórica que discute o conceito de cultura, inserindo no Festival Folclórico de Parintins e suas características, a relação entre cultura, ciência, aprendizagem. Da ânsia humana pelo saber e como este saber se deu ao longo da história. O segundo capítulo, é dedicado ao percurso metodológico, oferece uma percepção geral dos métodos de abordagem, dos procedimentos e técnicas empregados durante a pesquisa e seus participantes: artistas, discentes e docentes, imprescindíveis no processo de investigação desse estudo. O terceiro capítulo apresenta a construção de conhecimentos adquiridos nos galpões dos bumbás pelos artistas de ponta<sup>1</sup> e suas concepções quanto a relação com a educação formal. E no quarto e último capítulo, destacamos as percepções de alunos e professores sobre a influência dessa manifestação cultural no contexto escolar.

**Palavras-Chave:** Saber cultural. Práticas pedagógicas. Arte. Ciência.

---

<sup>1</sup> Artista responsável pela temáticas das apresentações destaca-se por sua experiência e notoriedade artística, líder de equipes, das quais comanda e escolhe seus integrantes.

## ABSTRACT

This study aimed to relate the diverse knowledges of the sociocultural approach seized in the sheds of Bumbás Parintins and its influence in the process of formal education and pedagogical practices. Given the complexity of the artistic and cultural space, the study was developed as outlined object that proposes to know: How line with the learning takes place in the demonstrations of different knowledges seized in sheds and these are related to science learning in the classroom? The textual structure is organized into four (04) chapters. The first one comes with a theoretical approach that discusses the concept of culture by entering the Parintins Folklore Festival and its characteristics, the relationship between culture, science, learning. The human craving for knowledge and how this knowledge was given throughout history. The second chapter is devoted to the methodological approach, it offers a general perception of the approach of methods, procedures and techniques employed during the survey and its participants: artists, students and teachers, essential in the investigation of this study process. The third chapter presents the construction of knowledge acquired in the sheds of Bumbás by leading artists<sup>1</sup> and conceptions as the relationship with formal education. And the fourth and final chapter, we highlight the perceptions of students and teachers about the influence of this cultural event in the school context.

**Keywords:** Cultural Knowing. Pedagogical Practices. Art. Science.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 CULTURA E CONHECIMENTO</b> .....	14
1.1 Conceito de cultura e suas contradições .....	14
1.2 A cultura popular de Parintins: um campo de disputas .....	17
1.3 O conhecimento e o processo cultural/social.....	22
1.4 A influência da cultura na construção do saber e da ciência .....	28
1.5 Parintins: manifestações culturais e o aprendizado da ciência.....	31
1.6 A importância do ensino da ciência e o festival de Parintins .....	33
<b>2 “DE VOLTA AO COMEÇO”</b> .....	38
<b>3 O CONTEXTO CULTURAL DE PARINTINS E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO EDUCACIONAL</b> .....	44
3.1 A contribuição da educação na formação do artista .....	44
3.2 A cultura parintinense entrelaçada ao cotidiano familiar.....	49
3.3 Encontros e desencontros entre a cultura popular e a educação formal .....	53
3.4 O espaço escolar e o folclore de Parintins: entre o dito e o não dito .....	57
<b>4 A ESCOLA E A CULTURA POPULAR DE PARINTINS: O OLHAR DOS ALUNOS E DOS PROFESSORES</b> .....	63
4.1 Habilidades adquiridas nos galpões e a aprendizagem escolar .....	65
4.1.1 Habilidade espacial e a capacidade lógico matemática.....	66
4.1.2 Habilidade Naturalista.....	71
4.2 Docentes: protagonistas de informação ou sujeitos em formação?.....	75
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	86
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	89
<b>ANEXOS</b> .....	95

## INTRODUÇÃO

Pesquisar é um convite que nos instiga a desvelar uma realidade, algumas vezes ocultada ou despercebida por quem acaba ficando aquém do afunilamento que o sistema de consumo impõe. Relatamos aqui a trajetória de um ser inquietante, que rejeita o engessamento do pensar, regada por mistos de sentimentos, na busca obstinada pelo *dever*, de suas expectativas, por vezes, podadas devido às dificuldades da vida ou pela tacanhice da sociedade. Tais laços no percurso até agora vivido foram assumindo diversas tonalidades: de observadora do folclore a brincante<sup>2</sup> dos bois, depois participante na construção do espetáculo por acompanhar a mãe que passou a ser costureira do boi bumbá Garantido, essas experiências foram permitindo o gosto pelo espetáculo.

Esse percurso incansável exigiu-me o compromisso, a dedicação e, principalmente, a insistência de contribuir com um estudo inovador, persistentemente prossegui, despindo-me de algumas ideias inicialmente traçadas no projeto de pesquisa, o que gerou mais experiências nessa redescoberta tanto da pesquisa, como da própria pesquisadora, com a certeza de que nada se sabe e estudar passa a ser algo vital, e, mesmo diante dos conflitos internos, a impotência preenche todo o espaço, chega-se a entender que é necessária uma alfabetização em tudo e, tal como uma borboleta que necessita retornar ao casulo, torna-se imprescindível reaprender a ler, a escrever, a pesquisar, o que pesquisar? Para que e para quem pesquisar? Por que pesquisar?

Nessa árdua trajetória, dando-me as mãos através de inúmeras orientações e com o cuidado e a paciência pedagógica de quem, desde o início, se doou na entrega de assumir um estudo desafiador, o contato com minha orientadora, que com sua experiência, fez através de um *insight*, situar a aprendiz como pertencente de um grupo de pesquisadores de educação em ciência na Amazônia.

Neste enfrentamento, o empenho foi fundamental, levando ao ineditismo do trabalho o que, modestamente, vem contribuir para um estudo que oferece um novo olhar acerca do processo de aprender, associado diretamente ao Festival Folclórico

---

<sup>2</sup> Convencionou-se a chamar de “brincantes” as pessoas que participam diretamente da cênica, incorporando personagens ou tocando algum instrumento.

de Parintins<sup>3</sup> e suas implicações na aprendizagem da ciência na sala de aula. A pesquisa buscou relacionar os diversos saberes do enfoque sociocultural apreendidos nos galpões dos bumbás e sua influência no processo da educação formal. No centro de interesse, essa proposta está voltada para o processo dos diversos saberes apreendidos no referido evento pelos estudantes, os quais costumam ingressar no contexto da festa na condição de aprendiz, experimentando, neste percurso, a busca do conhecimento, do aprimoramento, especialmente na área das ciências naturais. Os bois bumbás de Parintins são um espetáculo com notoriedade internacional, especialmente no âmbito artístico e técnico.

O ponto que aqui interessa é discutir a validade dos diversos saberes ensinados de maneira informal nos galpões das agremiações para a realização da festa, quando, por exemplo, na construção das alegorias e seus movimentos, no cálculo minucioso dos seus módulos, na elaboração de toadas com mensagens ambientais – articulando-as com o contexto escolar para, dessa maneira, verificar o modo como as diferentes inteligências são manifestadas no fazer artístico dos agentes participantes do evento – precisamente dos que se configuram estudantes – repercutem em sua atuação no contexto escolar. Buscamos, assim, fortalecer a perspectiva que assume a cultura como ferramenta principal para a aprendizagem da ciência.

Neste prisma para a consolidação desse evento cultural percebemos a utilização de uma pluralidade de aptidões cognitivas e ações intelectuais nas atividades laborais dirigidas à produção de fantasias, adereços, composições musicais, conhecidas como toadas, coreografias e nas alegorias, construção, divisão e movimentação. Dada à complexidade desse cenário artístico-cultural, o estudo foi organizado e construído conforme objeto traçado que propõe saber: como acontece a aprendizagem em consonância com as manifestações de diversos saberes apreendidos nos galpões e se esses se relacionam com a aprendizagem de ciências em sala de aula? Neste viés, foi traçado como objetivo geral analisar o processo de aquisição dos diversos saberes associados diretamente ao Festival Folclórico de Parintins e suas implicações na aprendizagem da ciência em sala de aula.

---

<sup>3</sup> Parintins, município do Estado do Amazonas, onde ocorre o festival folclórico. Mais informações no primeiro capítulo, no subtítulo 1.2.

O estudo, que resultou na presente dissertação: *Dos galpões dos bumbás de Parintins à aprendizagem de ciência: uma reflexão acerca do fazer artístico e suas implicações no contexto escolar*, tratou de problematizar a questão da aprendizagem inerente às estruturas culturais e sociais, sendo tomadas como advento para a transformação das construções humanas. Para tanto, elegemos os pressupostos da abordagem qualitativa no tratamento do estudo, com viés metodológico da dialética crítica, o qual, segundo Marconi & Lakatos (2006, p. 106), “penetra no mundo dos fenômenos através de sua ação recíproca, da contradição inerente ao fenômeno e da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade”, permitindo assim, que a realidade seja analisada em seu movimento, em seu processo, em vez de objeto fixo e acabado.

O estudo seguiu norteado pela necessidade de se considerar: Como historicamente a cultura tem influenciado a aprendizagem, a construção do conhecimento e sua relação com a construção do conhecimento formal? Qual a percepção dos artistas de ponta de Parintins, hoje pessoas de renome nacionalmente, vêm o processo educacional escolar? Qual a percepção de alunos e professores em relação à cultura dos Bumbás de Parintins e suas implicações na prática pedagógica?

A estrutura do texto se apresenta em quatro capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “Cultura e conhecimento”, discutimos o conceito de cultura, inserindo nesse processo o Festival Folclórico de Parintins, descrevendo as suas características, de forma breve a relação entre cultura, ciência, aprendizagem, a ânsia que o homem possui pelo saber e como este saber, ao longo da história, foi tomando espaço e sendo classificado e valorizado pelas sociedades. Essa discussão se fundamentou nos estudos dos seguintes teóricos: Brandão, Burke, Bakhtin e Revel.

O segundo capítulo, denominado “De volta ao começo”, é dedicado ao percurso metodológico e oferece uma percepção geral dos métodos de abordagem, dos procedimentos e técnicas empregados durante a pesquisa, o local, onde se deu a coleta, a forma como ocorreu, as dificuldades e conquistas enfrentadas em campo – dividido nos galpões dos bumbás, momento sumário da pesquisa, e na escola onde se deu o segundo momento – desde o primeiro contato ao envolvimento com os artistas, discentes e docentes, participantes do processo de investigação.

O terceiro capítulo relata a construção de conhecimentos apreendidos nos galpões dos bumbás pelos artistas de ponta e suas percepções sobre a relação com as escolas. No quarto e último capítulo, temos as percepções de alunos e professores sobre a influência dessa manifestação cultural no contexto escolar. A análise dos dados foi fundamentada nas ideias de Gáston Bachelard, André Giordan, Humberto Maturana, Francisco Varela, Howard Gardner e Lev Semiovich Vygotsky.

A festa de Parintins tem contribuído para o desenvolvimento do município política e economicamente, deste modo, a escola não pode e não deve ficar fora desse contexto. A escola, tendo dentre suas responsabilidades o aproveitamento do meio social em que vive o educando para melhor desenvolver sua aprendizagem, tem consciência da importância do saber cultural vivido por eles, ainda faz pouco uso em suas práticas pedagógicas dos saberes culturais aprendidos e, no cotidiano de sala de aula, ainda são trabalhados os conteúdos de forma fragmentada e isolada do meio em que vive o educando.

O estudo não teve a pretensão de esgotar a discussão aqui mencionada, mas antes instigar os profissionais da educação a realizarem novas pesquisas, para refletir sobre o papel da escola junto à realidade vivida pelos alunos e levar a reflexão de que a prática pedagógica não pode estar dissociada das questões culturais de cada região.

# 1 CULTURA E CONHECIMENTO

## 1.1 Conceito de cultura e suas contradições

Na perspectiva ocidental a cultura estabelece uma diferença entre natureza e homem, pois o ser humano age por escolhas, de acordo com os valores escolhidos por ele. “Como pensa o homem desenvolve memória e história” (BRANDÃO, 2002, p. 17), cria símbolos para compreender o mundo e a si mesmo, cria mecanismos para se adaptar aos desafios da própria natureza e estabelece a noção do eu, sendo capaz de usar suas capacidades mentais para modificar o meio em que vive.

Seja o rei-filósofo de Platão, o profeta hebraico, o escriba letrado em um mosteiro medieval ou o cientista em um laboratório, o indivíduo capaz de usar seus poderes mentais foi destacado. Isso, como assinala Gardner (2002), se evidenciou na nossa civilização. O “conhece-te a ti mesmo”, de Sócrates, o “Todos os homens por natureza desejam o saber”, de Aristóteles, e o “Penso, logo existo”, de Descartes, fornecem epígrafes que emolduram uma civilização inteira, dando um cabedal de abordagens sobre o saber e a cultura.

Nos períodos mais remotos, o homem, com o desenvolvimento de sua inteligência, conseguiu superar as diversidades naturais, conquistando o espaço e utilizando a natureza ao seu favor. Na Antiguidade Clássica, com a ascensão das cidades-estados, um determinado conjunto de conhecimentos e ideais passou a dominar as discussões sobre a condição humana na civilização ocidental. Essa gama de ideias enfatiza a existência e a importância de poderes mentais – capacidades que foram diferentemente denominadas como racionalidade, inteligência ou o desenvolvimento da mente (GARDNER, 2002), tais capacidades fazem do homem agentes culturais e atores sociais. Para Brandão (2002, p. 22), quando criamos a partir do que nos é dado, quando tomamos as coisas da natureza e recriamos chamamos isso de cultura.

A cultura é definida como ação social, onde o indivíduo se desenvolve como sujeito de ação e estabelece sua identidade. Ao longo do século XX e início do XXI, a cultura não vem sendo mais concebida apenas como acumulação de saberes da classe erudita ou intelectual, mas compreendida com uma enorme expansão de tudo que está associado aos aspectos da vida social. A redefinição do conceito de

cultura, para Revel (2009) é mais ampla e ambiciosa, abrindo espaço para a cultura popular. Na visão tradicional:

[...] cultura consiste em todos os valores materiais e simbólicos (música, dança, festas, literatura, arte, moda, culinária, religião, lendas, superstições etc.) definições da cultura, que frequentemente são conflitantes e até mesmo incompatíveis entre si [...] produzidos pelos extratos inferiores, pelas camadas iletradas e mais baixas da sociedade, ao passo que cultura erudita (ou de elite) é aquela produzida pelos extratos superiores ou pelas camadas letradas, cultas e dotadas de saber ilustrado. (REVEL, 2009, p.100).

Na concepção de Bakhtin (1987) a relação entre cultura erudita (elite intelectual) e cultura popular passa por sistemas de representações, sendo assim, essas não podem ser entendidas sem a interação entre o erudito e o popular. Para o autor há uma espécie de fusão, pois, em determinado momento, a cultura popular é codificada pela cultura erudita. Os próprios artistas de Parintins percebem essa fusão entre o erudito e o popular. O artista Karu Carvalho afirmou que:

*[...] a Grécia trouxe muito aqui pro Amazonas, usou no Teatro Amazonas, então o ali do Teatro Amazonas a gente vê que a arte vem implantada, ela veio de navio, eles trouxeram isso pra gente, então o artista se inspira em muitas coisas desses modelos que vieram da França, do lado europeu e tudo isso foi engrandecendo nossa parte artística.*

O artista retrata a forte influência do eurocetrismo para com o processo de assimilação dos nativos amazônidas, Parintins tem muitas dessas influências. Nessa análise, Torres (2010, p. 72) assinala que:

Os estilos de vida dos povos tradicionais amazônicos sofreram interferências e metamorfoses ao longo do processo civilizatório e, ainda hoje, continuam passando por transformações. As influências eurocêntricas provocaram mudanças sobre a vida destes povos desde o primeiro contato entre brancos e índios.

Neste debate sobre a assimilação cultural é notável que os povos tradicionais da Amazônia vão sofrendo toda uma influência do colonizador adotando hábitos, costumes, vestimentas, valores, sotaques, até mesmo a maneira de como trabalhar no espaço urbano (TORRES, 2010). Conseqüentemente, nesse prisma histórico, a cultura do parintinense também recebeu fortes influências na arte, na poesia e no estilo. É lógico que o meio influência também, isso se dá porque o artista vai atrás de outras artes, outras culturas em buscar de trazer novos conhecimentos para a

sua realidade. Karu Carvalho explicita que foi em busca de novas formas para confeccionar capacete para os brincantes do boi. Foi necessário criar um novo modelo, houve uma mudança, uma outra forma de utilização da estrutura do capacete, “quando há mudanças materiais, os modos de ver entram em crise e têm que ser reformulados. Essa formulação é um processo contínuo de criação, que envolve a todos” (CEVASCO, 2001, p. 53). A partir dessa experiência positiva do artista, o capacete passou a ter dimensões, ou seja, ofereceu inovação na sua produção.

Voltando à discussão sobre cultura popular, segundo os dicionários, popular é o que deriva do povo. Na mesma linha de pensamento Peter Burkler (2005) explicita que o termo cultura, geralmente se relacionava à literatura (acadêmica), música (clássica) e ciência. Depois, ele passou a ser empregado para caracterizar os seus correspondentes populares – literatura de cordel, canções folclóricas e medicina popular. Atualmente, o conceito de cultura tem um sentido bastante dilatado, abrangendo praticamente tudo o que pode ser apreendido em uma sociedade.

Para Brandão (2009), na cultura popular você não precisa pedir licença para chegar e participar, geralmente são manifestações culturais que foram passadas de geração a geração, associados a acontecimentos muito antigos. A festa dos bois bumbás Caprichoso e Garantido se insere nesse contexto. Segundo os artistas de ponta que foram entrevistados, a festa começou como *“uma simples brincadeira de rua. A prática cultural foi se expandindo e tomando uma amplitude notável”*. Outra fala que retrata essa afirmação é o depoimento de um inveterado morador de Parintins: *“cidade com pouco mais de 100 mil habitantes, também é a terra de dois ilustres filhos: Caprichoso e Garantido, a princípio, confeccionados com caixas de papelão e o Garantido, com “Curuatá”, um casco que abriga os frutos do inajá”*.

A festa dos bois bumbás em Parintins se tornou uma tradição popular. A cidade enfeita suas ruas e casas de bandeiras vermelhas e azuis, os moradores confeccionam suas fantasias e alegorias, e ensaiam as toadas e as danças. Essa tradição tem um duplo sentido: tem um fio de história do povo e são experiências vividas por pessoas que, muitas vezes, estão à margem de uma sociedade desigual.

## 1.2 A cultura Popular de Parintins: um campo de disputas

A cultura popular de Parintins expressa um campo de disputa entre os bois Garantido e Caprichoso.



**Figura 1** - Boi Garantido (à esquerda) e Boi Caprichoso (à direita).  
**Fonte:** (blogs.band.com.br/Parintins)

Revela também a visão de mundo peculiar das camadas consideradas inferiores da sociedade, pois normalmente em seus festivais são narradas às histórias indígenas e dos amazonenses em geral que vem sofrendo e sofre com a discriminação social e com o descaso com sua identidade e terra. No trecho da música do Lamento de Raça do Boi Garantido, composta por Emerson Maia<sup>4</sup>, essa discriminação fica evidente,

O índio chorou, o branco chorou  
Todo mundo está chorando  
A Amazônia está queimando  
Ai, ai, que dor  
Ai, ai, que horror  
O meu pé de sapopema  
Minha infância virou lenha  
Ai, ai, que dor  
Ai, ai, que horror  
Lá se vai a saracura correndo dessa quentura

---

<sup>4</sup> Toada: Lamento de Raça. Composição de Emerson Maia. Faixa 04 da mídia de 1996 – boi-bumbá Garantido - Lendas, Rituais e Sonhos. Texto integral nos anexos.

E não vai mais voltar  
Lá se vai onça pintada fugindo dessa queimada  
E não vai mais voltar  
Lá se vai a macacada junto com a passarada  
Para nunca mais, voltar  
Para nunca mais, nunca mais voltar  
Virou deserto o meu torrão  
Meu rio secou, pra onde vou?  
Eu vou convidar a minha tribo  
Pra brincar no Garantido  
Para o mundo declarar  
Nada de queimada ou derrubada  
A vida agora é respeitada todo mundo vai cantar  
Vamos brincar de boi, tá Garantido  
Matar a mata, não é permitido  
(MAIA, 1996)

O folclore de Parintins vem mostrando que a população que faz o festival pensa e interpreta o mundo que a cerca, conferindo a ele significado e emoção. Podemos com isso afirmar que não são pessoas desprovidas do saber, descaracterizando a ideia de que o povo não sabe formalizar e sistematizar suas ideias, contrariando a visão do conceito tradicional de cultura. Para Bucher (2005) citando Darnton (2001), através da cultura as “pessoas comuns pensam com coisas” ou com outros materiais que sua cultura disponibilize, como histórias, símbolos ou cerimônias. Falando em história, vamos conhecer um pouco de Parintins.

O município de Parintins está localizado na margem direita do rio Amazonas, na Ilha de Tupinambarana, “uma das maiores ilhas fluviais do Estado, com uma área de 7.069 km<sup>2</sup>” (VALENTIN, 2005, p. 73-74).

Para se chegar a Parintins é necessário recorrer aos serviços de embarcação fluvial ou por via aérea, com o tempo estimado de uma hora de voo da capital Manaus, percorrendo um trajeto de 369 quilômetros rumo ao aeroporto Júlio Belém. “De barco, vindo também de Manaus, descendo o rio Amazonas, são 18 horas; a volta, de subida contra a correnteza, pode durar 28 horas, completando uma rota de 420 km” (VALENTIN, 2005, p. 73).

Parintins é o segundo município mais populoso do Amazonas, sendo a maior concentração de parintinenses na área urbana da cidade. A agropecuária é uma das principais atividades econômicas do município, sendo a criação de rebanhos uma das principais ocupações da população; o plantio de pau-rosa (de onde se extrai óleo para perfumes), assim como a copaíba, a andiroba e a castanha do Brasil têm bastante adesão no concernente à subsistência dos moradores do local (VALENTIN, 2005).

É uma cidade que vive em torno dos bumbás, prevalecendo nas fachadas das casas as cores que representam o azul do Caprichoso e o vermelho do Garantido, que, geograficamente, dividem a cidade. As casas são modestas, mas, bem conservadas. “Em Parintins, ainda se cultiva o saudável hábito das cadeiras de balanço para as conversas de calçada” (VALENTIN, 2005, p. 75).

O Festival Folclórico de Parintins completou meio século no ano de 2015, impulsionado, no início, pela Igreja Católica. Nesse debate, Os caminhos da economia e cultura de um povo (2003, p. 11) contextualizam que:

De uma brincadeira, o que temos hoje é uma grande festa, que tem contribuído em muito não somente para divulgar nossa cultura e nossa região, mas também para o fortalecimento da economia do Amazonas e, principalmente, do Município de Parintins. O festival dos bumbás vem promovendo uma transformação profunda na cidade de Parintins.

A cidade possui excelentes artesãos, artistas, marceneiros e grande parte da economia de Parintins se deve aos bois, que também influenciam na economia dos municípios vizinhos. Na pesquisa de Valentin (2005, p. 20), a arte de Parintins se deu pela interferência de um missionário italiano, sendo um dos grandes colaboradores para o sucesso desses artistas. Segundo o autor:

[...] Esse “despertar criativo” teve a participação fundamental do irmão Miguel, missionário italiano, que, em 1976, veio para ficar em Parintins. Treinando em desenho, pintura, escultura e história da arte, ele criou, nos fundos da residência episcopal, a escola *Mini Arte*, onde muitos daqueles que hoje são os artistas de ponta dos Bois aprenderam ou desenvolveram seus ofícios.

Ao ir a campo, obtivemos uma das hipóteses consideradas para o surgimento do povo parintinense relatada pelo conceituado artista Juarez Lima:

*[...] eu sempre digo que na minha terra tem uma energia mística. Os que sentem essa energia mística, um dia, ainda vão ver, aqui tem uma árvore invisível chamada árvore do conhecimento, porque pra cá vieram os tupinambá, há mais de 500 anos, a migração deles durou mais que a de Moisés, que foi 45 anos, eles vieram do Rio de Janeiro, passaram pela dor, Hans Staden e chegaram aqui, próximo no Mamuru e se encontraram com os Parintintim e deixaram uma semente, o cruzamento entre os Parintintim e os Tupinambá, saíram os tupinambaranas. Então, o conhecimento indígena*

*que já existia ficou com essa raça, de uma dinastia real que já era os tupinambá, depois vieram as expedições de Francisco Orellana, que avistou e disse “terra que darás picota”. Deixou uma benção de dizer que existiam pensadores, intelectuais, depois vieram japoneses, trazendo a semente da juta, depois vieram turcos, franceses, italianos e outras famílias que se habitaram nessa árvore e essa árvore deu seus frutos, e hoje, sai poetas, pintores, escultores, pesquisadores, médicos, enfim uma cadeia produtiva dessa árvore, que gera esse fruto. Hoje, ela tá sempre lá que é o cernio da cidade de Parintins, que é a nossa Catedral, e esse brotar de conhecimento e eu tenho certeza que um dia as gerações que virão vão colher esse benefício que hoje, com muito sacrifício, fazemos, mas que é pra beneficiar uma geração futura, abençoada por Deus que vão receber esse legado cultural de uma cidade cosmopolita que vive a sua plena efervescência cultural no meio da Amazônia, no pulmão do mundo, respirando novos ares de esperança e fé para o mundo melhor.*

Em 2001, o boi bumbá Caprichoso apresentou uma toada intitulada “Odisseia Tupinambá<sup>5</sup>”, que retratou a hipótese citada por Juarez Lima,

A flecha errante no céu disparou  
Cravando no ódio que o branco espalhou  
Em busca da estrela brilhante da paz  
Começa a lendária odisseia dos tupinambás

Parecia uma migração  
Das borboletas monarcas  
Dissipando toda solidão  
Do sertão e das matas

Guerreiros andarilhos  
Incansáveis peregrinos  
Apenas lunações guiavam seu destino  
Em cada vereda, uma lágrima Tupinambá  
Do trópico de capricórnio rumaram para cá

Tupinambarana, minha terra  
Meu amor  
Foi a herança abençoada pelos deuses  
Que este povo nos deixou.  
(LEVY, CAMALEÃO, ARMSTRONG, 2001)

Através de suas músicas e lendas, o povo de Parintins conta sua história e apresenta, através de sua cultura popular, as contradições de um mundo no qual há o dominante e o dominado. A aldeia e a cidade mostram o conflito do sistema de classe e, por fim, advertem: sua festa distrai, mas também chama a atenção para as contradições sociais. Bourdieu (1989, p. 256) afirma que:

A construção social de um campo de produção autônoma, quer dizer, de um universo social capaz de definir e impor os princípios específicos de

---

<sup>5</sup> Toada: Odisseia Tupinambá. Composição de Hugo Levy, Silvio Camaleão, Neil Armstrong. Faixa 5 da mídia de 2001 – boi-bumbá Caprichoso - Amor e Paixão. Texto integral nos anexos.

percepção e de apreciação do mundo material e social e das representações literárias ou artísticas desse mundo caminha a par da construção de um modo de percepção propriamente estético que situa o princípio da criação artística na representação e não na coisa representada e que nunca se afirma tão plenamente como na sua capacidade de construir esteticamente os objetos baixos ou vulgares do mundo moderno.

Parintins é uma cidade de povo alegre, bem humorado, criativo e que, muitas vezes, brinca com suas próprias angústias. É afetuoso, fiel em suas convicções, hospitaleiro e que procura fazer tudo com esmero, até a qualidade da educação se destaca. As escolas têm jardins, são bem cuidadas, sendo comum ocupar as primeiras colocações em prêmios educacionais na região.

O festival de Parintins se tornou um divisor de águas no que tange ao desenvolvimento e o interesse das autoridades para uma ilha isolada da sede do Estado.

A cidade foi beneficiada com campi do Instituto Federal do Amazonas, Universidade do Estado do Amazonas e Universidade Federal do Amazonas e também com um anexo do Liceu de Artes e Ofícios Claudio Santoro. Muitas escolas municipais e estaduais são referências no Estado.

A cada ano, o Festival Folclórico traz novas temáticas, novas cênicas para suas apresentações. Criatividade é algo inesgotável para essa gente guerreira que luta para tornar a sua ilha, cada vez mais, formosa, um mimo para o Estado do Amazonas, elevando a beleza natural, a criatividade e o hibridismo da cultura do índio, do negro, do europeu e dos povos tradicionais da Amazônia, encantando quem assiste esse belo espetáculo denominado Festival Folclórico de Parintins.



**Figura 02** - Vista aérea da Cidade de Parintins-AM.

**Fonte:** Fernandes, 2011.

Por essas premissas é que podemos afirmar que a manifestação folclórica de Parintins é um campo de disputa e confronto, que tem significado por estar inserido em um contexto histórico, específico, situado em um lugar, mas sem estar isento de influências externas. E que, acima de tudo, que produz conhecimento.

### **1.3 O Conhecimento e o processo cultural/social**

A partir dos estudos de Piaget, Vygotsky, Gardner e outros é notória a influência do meio na construção do conhecimento humano. As experiências sociais culturais contribuem significativamente para o desenvolvimento do indivíduo. Com isso a formação cognitivo-social do ser humano se dá pela evolução das mudanças ocorridas ao longo da vida e do contexto social, histórico e cultural.

Todo desenvolvimento humano é mais que uma “simples e pura formação de conexões reflexas ou associativas pelo cérebro” (VYGOTSKY, 1989). Vygotsky (1989) destaca que o desenvolvimento cognitivo do aluno se dá por meio da interação social, ou seja, de sua interação com outros indivíduos e com o meio. Para substanciar essa construção deve haver, no mínimo, pessoas envolvidas, trocando

conhecimento e possibilitando a geração de novas experiências. A aprendizagem na visão de Vygotsky é uma experiência social, mediada pela utilização de instrumentos e signos, de acordo com os conceitos utilizados pelo próprio autor.

Nossas capacidades intelectuais e cognitivas estão relacionadas ao desenvolvimento social, na interação com os membros familiares e com os demais indivíduos que participam do convívio social. “A vida social é um processo dinâmico, onde cada sujeito é ativo e onde acontece a interação entre o mundo cultural e o mundo subjetivo de cada um” (OLIVEIRA, 1997, p. 38). Neste enfoque, o processo de aprendizagem está relacionado com o conhecimento prévio e anterior, dependendo, é claro, do desenvolvimento proximal do aprendiz.

Através do desenvolvimento histórico-cultural, o ser vivente desenvolve alternativas da memória que distanciam seu desempenho daquele definido pelas formas naturais, *a priori* contidas no funcionamento psicológico (OLIVEIRA, 1997).

Para Vygotsky (1989), um dos pilares de sua teoria é a ideia de que as funções mentais superiores são construídas ao longo da história social do homem. “Na sua relação com o meio físico e social, que é mediada pelos instrumentos e símbolos desenvolvidos no interior da vida social, o ser humano cria e transforma seus modos de ação no mundo” (OLIVEIRA, 1997, p. 83).

Rego (2012) pontua que Vygotsky, sob influência das ideias marxistas, considera o desenvolvimento da complexidade da estrutura humana como um processo de apropriação pelo homem da experiência histórica e cultural. Logo, o indivíduo, por ser um ser histórico e social, se satisfaz com a ânsia de trabalhar, “quando se fala do trabalho, está-se tratando, imediatamente, do próprio homem” (MARX, 2004, p. 89), que transforma a natureza, a sociedade, produzindo conhecimentos e transformando a sua realidade, deixando o seu legado para as gerações futuras vai se constituindo no espaço social e no tempo histórico.

Neste debate, fazemos uma relação da concepção da teoria sociointeracionista de Vygotsky com o fator predominante no processo de construção do festival folclórico de Parintins. Para Vygotsky, a criança nasce inserida em um meio social e estabelece relações com a linguagem na interação com os outros, apropriando-se dos saberes da comunidade. É seguindo esse pensamento que podemos dá como exemplo as crianças de Parintins - inseridas no contexto das manifestações culturais e, no cotidiano, vão se estabelecendo

interações e, de acordo com as mediações (dos adultos), vai se construindo o conhecimento, marcado por condições culturais, sociais e históricas.

A relação das crianças de Parintins com a festa dos bois bumbás vai sendo mediada e, entre elas e a festa, existem elementos que auxiliam sua participação nas manifestações culturais. Para Vygotsky (1989), esses elementos de mediação são os signos e os instrumentos. Para o autor, o trabalho humano une a natureza ao homem e cria, então, a cultura e a história do homem, desenvolve a atividade coletiva, as relações sociais e a utilização de instrumentos. Os instrumentos são utilizados pelo trabalhador, ampliando as possibilidades de transformar a natureza, sendo assim, um objeto social.

Em Parintins, o festival folclórico é também o único trabalho para muitos. Essa manifestação cultural vem beneficiando, ao longo desses cinquenta anos, várias famílias que desenvolvem trabalhos no âmbito da costura e na elaboração de alegorias. É por meio dos resultados desse trabalho que muitos artistas apresentam sua criatividade e potencial e, como resultado, muitos são chamados para trabalhar nos carnavais Brasil afora. “O trabalho é uma ação sobre o mundo, sobre a natureza, a partir da qual o próprio ser genérico, a própria consciência de pertencer a uma determinada espécie e de apreender sua condição, pode emergir”. (BENDASSOLLI, 2007, p. 119).

Os artistas de ponta, ao se deslocarem para os centros urbanos onde ocorrem as apresentações das grandes escolas de samba, sentem-se privilegiados no contexto do fazer arte, de avançar no seu trabalho. Eles assinam contratos e repassam outro valor financeiro aos artistas auxiliares. É sabido que “a sociedade moderna é uma sociedade de trabalhadores. Quem não trabalha está excluído, está fora dela, porque a esfera pública está reduzida ao econômico” (TORRES, 2012, p. 197), logo passam muitas privações, ficam hospedados nos galpões das escolas de samba, conforme relato dos que tiveram e têm essa experiência anualmente. É a necessidade que os leva a permanecer no ofício, assim como o fato de não se sentirem excluídos da sociedade. Nesse prisma, Marx (2004, p. 82) adverte que:

O trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz privação para o trabalhador. Produz palácios, mas cavernas para o trabalhador. Produz beleza, mas deformação para o trabalhador. Substitui o trabalho por máquinas, mas lança uma parte dos trabalhadores de volta a um trabalho bárbaro e faz da outra parte máquinas. Produz espírito, mas produz imbecilidade, cretinismo para o trabalhador.

E a maioria desses auxiliares assiste ao carnaval pela televisão, assim como o próprio festival folclórico e, por fim, se conformam, na esperança de no outro ano se empenharem mais e terem um contrato maior, oferecendo dias melhores tanto para si quanto para seus familiares. “Trata-se de uma sociedade na qual os objetos de produtividade se tomam, pela primeira vez, criaturas humanas que planejam e usam os instrumentos de seu trabalho para a realização de suas próprias necessidades” (MARCUSE, 1978, p. 57). Nesse molde o consumismo torna-se aflorado. Quanto mais se tem, mais domínio ocorre entre os pares. Os artistas de ponta se realizam no seu ofício e seus auxiliares se doam com a intencionalidade de produzir para obter mais oportunidades econômicas. Sobre isso, Weber (1996, p. 38) contextualiza que:

O homem não deseja "por natureza" ganhar cada vez mais dinheiro, mas simplesmente viver como estava acostumado a viver, e ganhar o necessário para este fim. O capitalismo moderno, onde quer que tenha começado sua ação de incrementar a produtividade do trabalho humano através do incremento de sua intensidade [...]

Nessa busca constante de produzir mais para, por fim, chegar ao nível de artista de ponta, o ato de trabalhar se torna complexo, Bendassolli (2007, p.122) assinala que:

Nesse caso, o trabalho torna-se estranho porque já não pode oferecer satisfação intrínseca a seu executor. Contudo, essas duas faces da alienação apenas antecipam uma última e mais significativa questão: a alienação atinge precisamente o "ser genérico".

O auxiliar não se reconhece na sua obra artística. Há caso de greve durante a produção da festa, ou seja, é uma somatória de acontecimentos que geram os conflitos na relação empregador versus empregado. “A consciência é construída no cotidiano das vivências, não é determinada. A consciência de classe não se expressa somente nas greves, mas nas pequenas coisas cotidianas” (TORRES, 2004, p. 65).

Atualmente, a festa dos bois bumbás transformou o município de Parintins na sede de um espetáculo que vem sendo referência cultural da Ilha Tupinambarana, quiçá uma inércia no meio do Rio Amazonas, se não houvesse tal manifestação. O

labor criativo do parintinense trouxe um diferencial para os demais municípios, Torres (2012, p. 197) destaca que:

O trabalho é o elemento fundante do desenvolvimento humano. É por meio dele que homens e mulheres articulam e colocam em movimento seus membros superiores, adquirindo novas faculdades para o raciocínio. É também por meio do trabalho que homens e mulheres constroem as relações sociais e estabelecem a sociedade.

*Ipsa facto*, o trabalho constrói, de forma alicerçada, as relações sociais, mesmo havendo o conflito, que está intrínseco nas relações humanas. Com isso, ocorrem vários fatores como: a realização do profissional, o estranhamento pelo trabalho, as queixas, a exaustão, as greves, enfim uma série de situações que advêm desta atividade puramente humana, tornando-se uma práxi criativa realizada somente pelo homem sob os domínios da razão, consciente dessa atividade salutar, onde quem não se enquadra é taxado de desocupado, ocioso, vagal, ficando à exclusão da sociedade moderna (TORRES, 2012).

O labor decorrente do trabalho artístico do parintinense não somente gera a produção econômica, como também dessa relação cultura, arte e trabalho acarreta uma práxis no campo da ciência. Nesse viés, a troca de experiências entre o artista de ponta e seus auxiliares leva a um "aprender a cooperar" que vai, paulatinamente, convergindo saberes e experiências e se consolidando enquanto conhecimento de vida" (SOUZA *et. al*, 2003, p. 307). É possível postular que o meio em que o sujeito está envolvido contribua para o despertar cognitivo entrelaçado com o fazer científico, ponto este que será discutido e fundamentado através de pesquisa de campo nos galpões dos bumbás (espaço não-formal) e em uma dada escola de ensino médio de Parintins (espaço formal) no decorrer deste estudo.

O conhecimento se dá pela ação do sujeito sobre o objeto. O conhecimento se constrói na interação homem-meio, sujeito-objeto. Conhecer consiste em operar sobre o real e transformá-lo a fim de compreendê-lo. É algo que se dá a partir da ação do sujeito sobre o objeto de conhecimento (OLIVEIRA, 1997). "Na verdade, não é o ser humano que muda, mas nossa compreensão sobre ele e os meios pelos quais apreende e transforma (ou, pelo menos, pode transformar) o mundo em que vive" (SOUZA *et. Al*, 2003, p. 306). É do desenvolvimento simples para o complexo, com a finalidade de transformar sua realidade.

Na visão piagetiana se descarta a ideia do conhecimento como algo pronto e acabado. Acredita que o saber é a construção que está relacionada com o meio em que o indivíduo vive e se desenvolve, discordando, assim, da ideia positivista de que a inteligência é herdada e que se o ser humano não se enquadrar nos padrões determinados pelos testes de inteligência fica à margem do contexto. Geralmente o conhecimento valorizado na teoria positivista é o Linguístico e o Lógico-Matemático, e são apenas essas duas inteligências que definem ou dão um parecer sobre a capacidade intelectual de um indivíduo (GARDNER, 2002).

Mesmo diante desse padrão estereotipado o sujeito é um ser inquietante no que concerne à construção do conhecimento. Daí surge o processo de ensinar quem quer aprender e aquele que aprende ensina quem o ensinou, tornando o conhecimento um processo contínuo, nunca sendo ele pronto e acabado. Pelas observações realizadas nos galpões dos bois bumbás, essa realidade foi várias vezes presenciada. Um artista ensinando um jovem estudante na pintura de uma alegoria, na construção de uma fantasia, as ideias brotavam tanto de quem ensinava quanto de quem aprendia. Embora o saber ali trocado não fosse formal, era conhecimento que se aprende na escola, mas, infelizmente, de forma isolada do contexto em que esses jovens participam fora da escola.

Para Morin (2003), a educação deve contribuir para a auto formação humana, ensinando o indivíduo a assumir a própria condição existente, isto é, ensinar a viver e, principalmente, ensinar como se tornar cidadão, até mesmo para que esse sujeito se torne útil na sua realidade, construindo e reconstruindo a sua história. Tornando a educação como instrumento que deve favorecer na aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata da inteligência (MORIN, 2003).

O que seria da humanidade se o homem não tivesse intrínseca a ânsia por conhecer, a sede pelo saber? Reporta-nos a refletir como o saber fosse vital ao homem, tal qual o oxigênio para a sobrevivência humana. “Em resumo, o homem movido pelo espírito científico deseja saber, mas para, imediatamente, melhor questionar” (BACHELARD, 1996, p. 21). Com essa característica, o indivíduo conhece e se reconhece em uma busca incansável pelo saber, possibilitando uma multiplicidade de saberes, de teses, análises, métodos e inúmeras abordagens que facilitarão os homens a redescobrirem o seu pensar, a sua forma de ser e ver o mundo.

O homem é um ser social, está em sintonia com o meio em que atua. Portanto, a ciência, ao fazer parte da humanidade, também evolui em um constante espiral, ou seja, o que hoje é considerado tecnologia de ponta, avanço científico, implica em vida e experiência. Tornando-se fundamental para o indivíduo no seu envolvimento com o conhecimento, com o aprimoramento de toda e qualquer forma de saber, muito embora, para alguns, o saber não melhore e não torne o homem mais feliz, o conhecimento contribui para o indivíduo modificar sua realidade, tornando-o mais autônomo frente às dificuldades que surgem na vida de cada um (MORIN, 2003).

#### **1.4 A Influência da cultura na construção do saber e da ciência**

Percebemos que a ciência foi tomando um novo corpo na contemporaneidade “ela está em tudo” (BACHELARD, 2006, p.18), sendo uma constante, fazendo parte do processo social, político, metodológico, empirista, racional, tecnológico dentre outros aspectos, muito embora ainda se persista na visão de que só faz ciência quem tem “mentes brilhantes”, assim como no passado só se fazia cultura quem tinha o saber erudito. O saber e o fazer científico ficam na obscuridade, como algo secreto e aquém das nossas possibilidades.

Somos resultados de toda uma história de uma larga experiência e acontecimentos sociais, científicos e culturais, sendo que a alfabetização científica, há muito, ficou relegada aos poucos, sendo um ponto que deve ser considerado, principalmente pelas escolas, pelo saber institucionalizado. Os estudantes têm o direito a essa cultura científica, para possibilitar a eles o pensamento crítico e reflexivo sobre a realidade social em que vivem e, quiçá, se tornarem futuros cientistas. Para isso, é necessário romper com o ensino instrucionista nas salas de aula. Nessa análise, Giordan (1996, p. 138) assinala que “isso implica ações educativas ou culturais que levem em consideração as representações, com o intuito de transformá-las para, no fim, levar a constructos mais próximos da realidade e de melhor desempenho na resolução de futuros problemas”.

Nas escolas, há a prática de ensinar, contudo não se faz ciência, porque fazer ciência implica em um processo de construção de conhecimento que sai do

conhecimento espontâneo para um saber onde é necessário, além do compreender, saber analisar, saber julgar, investigar, com ênfase na perspectiva da formação da ciência e na formação integral do indivíduo. O que se tem observado são práticas que levam apenas à repetição de conteúdos estereotipados. O papel da educação é “transformar as informações em conhecimento e transformar o conhecimento em sapiência” (MORIN, 2003, p. 47). E, nessa mesma linha de raciocínio, Bachelard (1996) assinala que:

O espírito científico proíbe que tenhamos uma opinião sobre questões que não compreendemos, sobre questões que não sabemos formular com clareza. Em primeiro lugar, é preciso saber formular problemas. E, digam o que disserem, na vida científica os problemas não se formulam de modo espontâneo. É justamente esse *sentido do problema* que caracteriza o verdadeiro espírito científico. Para o espírito científico, todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído. (BACHELARD, 1996. p. 18, **grifo do autor**).

Podemos afirmar que na sala de aula se ensina, sendo apenas ensinado e não havendo de fato uma prática, se ensina, mas não se faz. O que observamos nas escolas foi a coisificação da ciência, como afirma Maturana e Varela (2001, p. 29-30) [...] a “coisificação”, que serve apenas para dar uma explicação das coisas e não dos sujeitos”. Bachelard (2006, p. 15) afirma que “o ensino de ciência vem quebrar essa maneira de ensinar: limitante e insuficiente para compreender as complexidades da realidade, da sociedade e do próprio ensino”. Para ele, a ciência deve ocorrer através do contato com a experiência cotidiana, com a sanção do nosso interesse comum.

Nesse prisma, “a escola já não é mais o único lugar de aprendizagem do saber, ela corre até o risco de ser, cada vez mais, ocultada por técnicas mais atraentes” (GIORDAN, 1996, p. 10), deixando de ser um espaço de aprendizagem eficiente e eficaz e se tornando um lugar que as pessoas vão por obrigação ou porque querem um título.

Todo fazer científico se dá em um processo gradativo, conforme as necessidades e interesses da sociedade. “Ter acesso à ciência é, espiritualmente, rejuvenescer, é aceitar uma mutação brusca que deve contradizer um passado” (BACHELARD, 2006, p. 166). É estar em sintonia com uma mudança que revigora,

que emana para o belo estado de criação intelectual, “a consciência rejuvenesce tudo” (BACHELARD, 2008, p. 80).

O homem cria, recria, faz, refaz, aprende, reaprende, configura, reconfigura juntamente com suas subjetividades e necessidades, no decorrer de sua existência, sendo que “a consciência é um laboratório individual, um laboratório inato. Assim, os existencialismos abundam. Cada um tem o seu; cada qual encontra a glória na sua singularidade” (BACHELARD, 2006, p. 22). Percebe-se que acontecimentos sociais estão interligados com o avanço das ciências e, conseqüentemente, da tecnologia.

No pensamento bachelardiano, o conhecimento científico não pode encontrar-se de forma sólida. É preciso o pensamento científico se encontrar em uma realidade social, uma nova maneira de pensar, sendo que, através de erros, ocorrerão acertos, o que é fundamental na relação social, para que haja uma experimentação do que se pretende investigar. Nesse enfoque, Bachelard (2006, p.126-127) adverte que:

Para o sábio, o conhecimento emerge da ignorância, tal como a luz que emerge das trevas. O sábio não vê que a ignorância é uma teia de erros positivos, tenazes, solidários. Ele não percebe que as trevas do espírito têm uma estrutura e que, nessas condições, toda experiência objetiva correta deve sempre determinar a correção de um erro objetivo. O espírito científico só pode construir-se destruindo o espírito não científico.

Percebemos, então, que o espírito científico é um processo de construção de conhecimento que sai do conhecimento espontâneo para um saber onde é necessário, além do compreender, saber analisar, saber julgar, investigar pautado na perspectiva da formação de um espírito científico, sendo que o primeiro obstáculo é a experiência inicial, é a experiência situada antes e acima da crítica, que é, necessariamente, um elemento integrante do espírito científico. Ou seja, o indivíduo pretende desvelar sua realidade e, inquietamente, busca respostas para suas indagações (BACHELARD, 2006).

Na visão de Bachelard, o espírito científico faz parte da natureza humana. O autor considera que o amor pela ciência deve ser um dinamismo psíquico autógeno. No estado de pureza alcançado por uma psicanálise do conhecimento objetivo, a “ciência é a estética da inteligência” (BACHELARD, 1996, p. 13), ou seja, considera, então, a ciência como a parte mais bela e pura do ser humano, pois o faz desenvolver seu fazer científico, seu ato de pensar e de conhecer algo, de investigar

e produzir saberes.

### **1.5 Parintins: manifestações culturais e o aprendizado da ciência**

Na visão de Morin (2003), para considerarmos o termo “cultura das humanidades”, é necessário pensar a palavra “cultura” no seu sentido antropológico, ou seja, uma cultura fornece os conhecimentos, valores, símbolos que orientam e guiam as vidas humanas.

Na cidade de Parintins, muitas famílias sobrevivem em torno da cultura do boi e a base econômica se centraliza no que o período do Festival proporciona. Nesse contexto, é essencial que a sociedade reconheça que o festival de Parintins, além de proporcionar, momentaneamente, melhorias na economia de várias famílias, ele também desenvolve várias habilidades nos sujeitos que dele participam. Tais habilidades puderam ser observadas tanto nos galpões dos bois como no contexto escolar. O meio social no qual o indivíduo se insere colabora para que haja a predominância e o desenvolvimento de algumas inteligências. Relacionando-se a essa perspectiva, Gardner (2000, p. 50) destaca a noção das inteligências múltiplas:

A inteligência é um potencial biopsicológico. O fato de um indivíduo ser ou não considerado inteligente e em que aspectos é um produto em primeiro lugar de sua herança genética e de suas propriedades psicológicas, variando de seus poderes cognitivos às suas disposições de personalidade.

Gardner, na sua teoria, estabeleceu sete inteligências das quais iremos destacar a que observamos nos contextos das agremiações e as que se relacionam com o desenvolvimento dos conhecimentos relacionados ao desenvolvimento das ciências.

Uma delas é a **Inteligência Lógico-matemática**, capacidade para solucionar problemas envolvendo números e demais elementos matemáticos; habilidades para raciocínio dedutivo-matemático, características essas que envolvem a expressão do artista parintinense. No que tange a esse conhecimento, poder-se destacar o cálculo minucioso das alegorias, que se dividem em blocos e, depois, se unem para formar um todo, tornando real uma representação durante a cênica. Na concepção de Gardner (2002, p. 108), “o que sustenta e motiva o matemático é a crença de que ele poderá criar um resultado inteiramente novo, um resultado que mudará para

sempre a maneira como os outros pensam”. Essa ordem matemática fica evidente nas alegorias que os bumbás trazem à arena, pois podemos perceber que, a cada ano, elas se modificam, causando um impacto até mesmo nos filhos de Parintins. Há de se convir que há no espetáculo a presença de um raciocínio lógico, calculado e organizado ao ponto de formar um todo durante as apresentações.

Outra inteligência observada foi a **Inteligência Espacial ou Viso-espacial**, a aquisição desse conhecimento possibilita um melhor desenvolvimento no componente de matemática. A noção de espaço e direção, seja numa situação ampla ou mais restrita, é importante tanto para navegadores como para cirurgiões, escultores ou arquitetos, dentre outros que possuem facilidade de explorar um determinado espaço. Gardner (2000, p. 15) conceitua “capacidade de formar um modelo mental de um mundo espacial e de ser capaz de manobrar e operar utilizando esse modelo”. O desenvolvimento da estruturação espacial é essencial para que vivamos em sociedade. Segundo Oliveira (2015, p. 74), “é através do espaço e das relações espaciais que nos situamos no meio em que vivemos em que estabelecemos relações entre as coisas, em que fazemos observações, comparando-as, combinando-as, vendo as semelhanças e as diferenças entre elas”. Para Kephart (1986), a estruturação espacial nos permite selecionar, comparar, agrupar, classificar fatores comuns e chegarmos à categorização. É essa formação de categorias que nos leva à generalização e abstração, conceitos que são fundamentais para a aprendizagem da matemática. Dando ênfase na questão da festa folclórica, observamos elementos que possibilitam o desenvolvimento dessas capacidades, quando o aprendiz deve agrupar cores, selecionar objetos que combinam entre si, criar harmonia nas alegorias, classificando os elementos para a composição das mesmas. A Revista Parintins Cultura e Folclore (junho, 2001 p.114), ressalta que:

Parintins é a terra do exagero e da ousadia. Mas, este ano, parece que eles querem exceder todos os limites. Logo na entrada do QG central, a alegoria “Máscara das Águas” eleva-se a uma altura de 13 metros (mais ou menos o tamanho de um prédio de 4 andares) e ocupa uma área de 400 metros quadrados. Considere uma casa grande, de 4 quartos, sala, banheiros, cozinha, despensas completas de empregada, área de serviço. Pois é esse o espaço ocupado por esta que é apenas uma das várias alegorias.

Nesse viés, fica evidente que há predominância de princípios presentes na Física. Logo, o artista e seu aprendiz, que está em fase escolar, na maior parte das

vezes, não possuem um conhecimento técnico na prática desenvolvida. Portanto, o intuito para esse estudo se dá na investigação da relação da prática laboral desenvolvida no boi com a atuação dos brincantes em sala de aula.

E, por fim, a **Inteligência Naturalista, Ecológica ou Biológica** que ocorre da capacidade do indivíduo de se relacionar com a natureza, valorizar o natural, respeitando e preservando o seu espaço, consciente de que o homem faz parte da natureza e é de necessidade vital cuidar do seu habitat. Considerando a relação da teoria com a festa folclórica, é notória a presença dos aspectos ambientais no que diz respeito à preservação, composto nas toadas e nas apresentações. A natureza é exaltada e a sintonia entre a biodiversidade e a festa é tanta que há uma habilidade do povo com os produtos extraídos da floresta, como palha, sementes e contas, produzindo-se um artesanato diferenciado<sup>6</sup>. No artesanato e nos trajes dos brincantes não são utilizadas peles de animais silvestres, um compromisso com a preservação das espécies amazônicas.

Para Antunes (2003, p. 32), “somente temos certeza de que aprendemos alguma coisa quando podemos utilizá-la”. Foi seguindo este pensamento que acreditamos no conhecimento que o artista parintinense possui e amplia quando é dado a este a tarefa de fazer artes, sem formação técnica (caso de muitos dos artistas) e sem as devidas condições necessárias para um profissional exercer seu trabalho.

## **1.6 A importância do ensino da ciência e o festival de Parintins**

A ciência não é algo mágico, que acontece do dia para a noite. É um processo que ocorre de forma gradativa, em consonância com os acontecimentos e necessidades da sociedade e do aprendiz, principalmente, divulgando as pesquisas realizadas e compreender o que é, de fato, a ciência na escola. Na visão de Valente (2003, p. 5),

[...] as relações entre os saberes científicos e escolares ficam caracterizadas sempre por uma transposição de conteúdo, que tem origem no saber científico, destinado a ser incorporado como conteúdo escolar. Tal incorporação é fruto de um trabalho de adaptação e reorganização dos saberes escolares promovidos por uma instância distante da sala de aula, à parte do trabalho do professor, chamada noosfera. Grosso modo, a noosfera reúne os pais, os cientistas, as instâncias políticas e executivas

---

<sup>6</sup> Retirado do folder: Festival Folclórico de Parintins, 2003

dos ministérios encarregados da educação. Nela estão presentes aqueles que pensam como deve o sistema de ensino funcionar e o que deve ser ensinado.

Vemos que a transposição didática é um processo de construção de conhecimento, que sai do conhecimento engessado para um saber no qual é necessário ir além do compreender, pautado na perspectiva da formação de um espírito científico, sendo que o primeiro impacto é a falta de uma percepção mais precisa, esse momento situa-se nas inquietações e no desejo de saciar e ir em busca de soluções para suas dúvidas.

O ensino de ciência vem quebrar essa maneira de ensinar, limitante e insuficiente, para compreender as complexidades da realidade, da sociedade e do próprio ensino, que emerge no contexto escola e ciência.

Na atualidade a relação com a ciência vem ocorrendo de forma mais espontânea, logicamente que não vulgarizada, mas presente no cotidiano e nas relações sociais e o acesso a ela não se dá mais na obscuridade, como algo intocável, a ciência é parte das práticas humanas.

Percebemos essa afirmação nas práticas nos galpões dos bois, onde há notavelmente o fazer científico, porém de forma natural, sem regras e métodos complexos que no ensino formal se dá corriqueiramente.

O papel das Ciências Naturais, observando-se que a sociedade está inserida em um mundo tecnológico, no qual o conhecimento é cada vez mais valorizado, é o de formar o cidadão crítico, capaz de compreender o mundo e suas transformações, situando-o como indivíduo participativo e integrante do universo. (PCNS, 4.ed., 1997).

A compreensão dos conceitos dessa área de conhecimento contribui para ampliação das explicações dos fenômenos da natureza, do questionamento dos diferentes modos de nela intervir e utilizar seus recursos. Para tanto, os conhecimentos lógicos matemáticos, a criatividade, a intuição são capacidades fundamentais para serem desenvolvidas no contexto escolar.

O ensino de Ciências Naturais se tornou obrigatório no ensino fundamental apenas em 1971, a partir da Lei de Diretrizes e Bases nº 5.692. Ao longo de sua curta história na escola fundamental, esta tem se orientado por diferentes tendências, primeiramente, pela tradicional, que consistia em saberes transmitidos pelos professores dos conhecimentos acumulados pela humanidade, através de

aulas expositivas, cópias nos “cadernos de pontos”, e a aprendizagem se media pelo quantitativo de conhecimento absorvido pelos alunos, testado em provas bimestrais.

Com a necessidade de responder aos avanços do conhecimento científico, deslocou-se o eixo da questão pedagógica do professor para o aluno, valorizando a participação ativa do mesmo e a aprendizagem se dava pela experimentação (a Escola Nova). As atividades práticas passaram a representar importante papel para a compreensão dos conceitos de ciência.

Os PCNs (1997) assinalaram que nesse período, o objetivo fundamental do ensino de Ciências passou a ser o de dar condições ao aluno de identificar problemas a partir das observações sobre os fatos, levantar hipóteses, testá-las, refutá-las, trabalhando de forma a tirar conclusões sem a ajuda do professor. A ênfase no “método científico” acompanhou, durante muito tempo, os objetivos do ensino de Ciências Naturais, levando alguns professores, inadvertidamente, a identificarem metodologia científica com metodologia do ensino de Ciências.

A partir da década de 80, do século XX, a análise do processo de ensino-aprendizagem se voltou para o processo de construção do conhecimento científico pelo aluno e para a valorização da existência de conceitos intuitivos, espontâneos, alternativos ou concepções acerca dos fenômenos naturais adquiridos a partir das experiências vividas no cotidiano de vida, com os quais os alunos chegam à escola. Nesse contexto, a aprendizagem provém do envolvimento ativo do aluno com a construção do conhecimento e as ideias prévias dos alunos têm papel fundamental no processo de aprendizagem.

É com esse entendimento que as atividades desenvolvidas nos bois-bumbás de Parintins têm proporcionado aos alunos do ensino fundamental, de 6º ao 9º ano e do ensino médio, que participam e colaboram com a construção do Festival Folclórico, a apropriação de conceitos científicos, muitas vezes, estudados apenas em sala de aula.

No festival de Parintins, é possível observar o desenvolvimento de habilidades Lógico Matemáticas, tais como: explorar relações, categorias e padrões. Por exemplo, há um cálculo minucioso na distribuição das alegorias em módulos que, por fim, se juntam e formam uma figura que irá compor a temática desenvolvida durante a cênica. Os componentes centrais desta inteligência são descritos por Gardner (2000) como sensibilidade para padrões, ordem e sistematização através da manipulação de objetos ou símbolos e para experimentar de forma controlada; é

a habilidade para lidar com séries de raciocínios, para reconhecer problemas e resolvê-los.

Outros conceitos observados no festival estão relacionados com a Inteligência Espacial, que, de acordo com Gardner (2000), é a capacidade de formar um modelo mental de um mundo espacial e ser capaz de manobrar e operar utilizando esse modelo. Exemplo dessa habilidade percebida é a capacidade para manipular formas ou objetos mentalmente e, a partir das percepções iniciais, criar tensão, equilíbrio e composição, em uma representação visual ou espacial presente no festival, principalmente no processo criativo de dar movimentos às alegorias gigantescas, que mexem olhos, sorriem e até mesmo andam na arena<sup>7</sup> do Bumbódromo<sup>8</sup>, observa-se a destreza na manipulação de objetos.

A inteligência ecológica, biológica ou naturalista também se faz presente no festival de Parintins. Para Antunes (2009, p. 19):

A inteligência ecológica está ligada à competência para perceber a natureza de forma integral e envolver-se com profunda empatia com os mundos animal e vegetal, revelando interesse em conhecer hábitos, semelhanças e diferenças, formas de classificação e ecossistemas. O olhar ecológico abrange, em um mesmo ato, a *percepção pelo todo* na clara identificação da paisagem.

Através dessa sensibilidade com a natureza presente nas mensagens, as toadas demonstram compromisso com meio ambiente, o respeito à fauna e à flora, denunciam o descaso com o indígena e alertam sobre a destruição da natureza.

A partir do contexto cultural do festival de Parintins, podemos refletir sobre os processos cognitivos que estruturam a construção dos conhecimentos científicos e como tais conhecimentos podem ser utilizados em sala de aula.

Gardner (2000) sugere que alguns talentos só se desenvolvem porque são valorizados pelo ambiente. Ele afirma que cada cultura valoriza certos talentos, que devem ser dominados por uma quantidade de indivíduos e, depois, passados para a geração seguinte. O autor também descreve o desenvolvimento cognitivo como uma

---

<sup>7</sup> Espaço central onde ocorrem as apresentações dos bumbás Garantido e Caprichoso.

<sup>8</sup> Assim como no Rio de Janeiro chamou-se para a apoteose do samba de sambódromo, em Parintins, o local que ocorre toda a festa, o espaço geral, que envolve arquibancadas, cadeiras, jurados, imprensa e arena, foi denominado Bumbódromo, local que ocorre a festa dos bumbás.

capacidade cada vez maior de entender e expressar significado em vários sistemas simbólicos utilizados em um contexto cultural. Cada domínio se caracteriza pelo desenvolvimento de competências valorizadas em culturas específicas.

O ensino de ciência tem sido praticado de diversas maneiras e se relaciona com as diferentes culturas e localidades. Muitas práticas do ensino de ciência no ambiente escolar são baseadas na transmissão de informações, onde o conhecimento científico é considerado privilégio de alguns e quando ocorre fora do espaço escolar, esse conhecimento se dá na relação com o outro e com o mundo.

O ambiente onde vivem os jovens de Parintins tem proporcionado a estes o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas através do Festival Folclórico, contudo, muitas vezes, tais conhecimentos não saem dos espaços não-formais, não adentrando o contexto escolar.

## 2 “DE VOLTA AO COMEÇO...”

“De volta ao começo” é dedicado ao percurso metodológico, inspirado na poesia do cantor e compositor Gonzaguinha, que nos remete ao recomeço, tornando-se algo precioso na busca por uma investigação como se fosse “*o menino com o brilho do sol na menina dos olhos sorri e estende a mão, entregando o seu coração eu entrego o meu coração [...]*”. *Eu entreguei o meu coração e eu entrei na roda e cantei as “antigas cantigas de amigo irmão, as canções de amanhecer lumiar e escuridão”*.

Considero esse entrelace no momento que me dispus ao ir a campo. Em um primeiro momento era como se o sol brilhasse para mim, mas depois, as dificuldades do percurso, as noites sem dormir e as preocupações pareciam um sonho que não me deixava viver, mas, em contrapartida, o encontro com os artistas, com o folclore, com a minha realidade de professora fez com que eu me entregasse de coração para o desenvolvimento da pesquisa. É como diz Rubem Alves, o conhecimento é amargo na boca, mas é doce no estômago.

O encontro com os artistas de ponta, tanto deles como também da pesquisadora, eles com o seu *savoir-faire* para a arte, na sua realização como criador, e a pesquisadora como uma menina dando as mãos à pesquisa, ao conhecimento, ao saber e, como eterna aprendiz, sentindo-se realizada encontrando nas rodas de conversa, indo ao limiar das suas inquietações e como irmãos os artistas relataram suas glórias, suas dores, angústias e utopias. Esse recomeço foi imprescindível, para dar fôlego à pesquisadora. A pesquisa ganhava movimento e as questões norteadoras ficaram, cada vez mais, visíveis aos olhos. Como as manifestações culturais populares se relacionam com a aprendizagem em sala de aula? Como os artistas de ponta de Parintins percebem o conhecimento por eles aprendidos nos galpões com o conhecimento de sala de aula? Há relação? Os professores e alunos percebem a relação entre a cultura popular de Parintins com o que é ensinado em sala de aula? As práticas pedagógicas levam em consideração esse contexto cultural?

Nas entrevistas realizadas com os artistas de ponta, constatou-se um processo de construção do conhecimento dos artistas, sendo sujeitos, que com a troca de experiência nos galpões, tornaram-se autônomos no seu apreender, fazendo ciência. Quando cria uma alegoria, minuciosamente dividida em módulos,

que se unem e formam um todo, e nesse todo há movimentos, isto é, nesse saber há a cientificidade.

Os galpões onde ocorre a preparação para a festa dos bois bumbás também foram objetos de investigações, foram realizadas observações na construção das alegorias. A análise dessa especificidade abrangeu todas as etapas de sua cadeia de produção, desde a escolha do tema central, que determinou a elaboração dos projetos, as atividades de execução desenvolvidas nos galpões, até a apresentação na arena do bumbódromo, local onde é realizado o festival folclórico. Focalizando a interferência das inteligências lógico-matemática, espacial e biológica na formulação e efetivação das alegorias e, logicamente, essa relação na sala de aula no ensino de ciências.

A pesquisa de campo se deu nos meses de março a agosto de 2015. Para tanto, foram elaborados ofícios destinados às seguintes instituições, agremiações folclóricas do boi bumbá Garantido e Caprichoso, bem como para a Coordenação de Qualidade de Ensino da Secretaria de Educação do Estado do Amazonas – SEDUC. Depois de receber a resposta da SEDUC para a realização da pesquisa nas escolas, iniciamos a pesquisa nesses locais através de observações, questionários e entrevista com os alunos e professores. Quanto às agremiações, além do ofício houve necessidade do contato telefônico com seus representantes, presidentes dos bois Garantido e Caprichoso, recebendo a autorização apenas na primeira quinzena do mês de maio para dar início à pesquisa. Como afirma Cunha (2007, p. 40),

A superação dos desafios que surgem na prática no campo da pesquisa deve ser assumida como aprendizagens adquiridas que darão sustentação à inovação do pesquisador. Isso consiste em assumir a pesquisa como uma ação que produz conhecimento e este conhecimento, produz, novamente, uma ação.

Esse atraso comprometeu o roteiro pré-estabelecido, contudo não chegou a prejudicar o desenvolvimento da pesquisa, apenas exigiu mais empenho da pesquisadora. Temos que olhar isso como um processo de aprendizagem, onde Cunha (2007, p. 41) considera que:

A consciência de que estamos em constante aprendizado nos conduz como pessoas responsáveis pelo projeto de construção de vida de cada um, para depois sermos responsáveis pelo projeto de vida dos sujeitos permeados pela pesquisa, pelos saberes e pelos complexos fatores que contribuem no cotidiano de vida de cada um.

Em maio, tiveram início as observações nos galpões dos bois, mantendo o contato com os seis artistas de ponta e sua equipe e buscando, persistentemente, um espaço em seu concorrido tempo, considerando que era o período de produção das alegorias para o festival. Sem esquecer que:

O sujeito investigado, algumas vezes, pode olhar o pesquisador como um elemento ameaçador ao seu espaço de construção de saberes. É importante que o pesquisador conquiste a confiança dos investigados e faça sempre uma releitura de cada experiência vivenciada *in locu* da pesquisa, sem qualquer implicação afetiva, para não perder seu trabalho de ressignificação dos saberes e práticas desses sujeitos (CUNHA, 2007, p. 42).

Nessas bases investigativas, procuramos não atrapalhar o desenvolvimento nos galpões das agremiações, nem tomar muito o tempo dos artistas, realizamos a pesquisa com seis artistas de ponta, sendo três do Caprichoso e três do Garantido. Como o objetivo era identificar a relação entre seus saberes e suas percepções sobre a escola na fortificação desses saberes, utilizamos como procedimento a história de vida tópica, que, segundo Minayo (1994, p. 58-59), permite-nos:

[...] a compreensão da realidade. Sua principal função é retratar as experiências vivenciadas, bem como definições fornecidas por pessoas, grupos ou organizações. Ela pode ser escrita ou verbalizada e abrange [...] os seguintes tipos: a história de vida completa, que retrata todo o conjunto da experiência vivida; e a história de vida tópica, que focaliza uma etapa ou um determinado setor da experiência em questão.

E nesta busca de investigar a construção dos saberes dos artistas e suas opiniões sobre a escola, organizamos um roteiro para nos manter no foco da investigação, buscando não interferir na subjetividade dos artistas.

A pesquisa adotou o método misto de investigação, conjugando os elementos qualitativos e quantitativos, a fim de ampliar e obter resultados relevantes e minimizar possíveis dificuldades na conjugação entre esses dois métodos. “A pesquisa de métodos mistos é prática no sentido de que o pesquisador está livre para usar todos os métodos possíveis para abordar um problema de pesquisa” (CRESWELL, 2013, p. 28). A riqueza oriunda das práticas tanto de cunho qualitativo e das possibilidades do quantitativo, de variáveis a serem quantificadas no contexto educacional escolar, permitiu-nos maior flexibilidade, contudo tendo sempre uma preocupação de cairmos no ecletismo. A pesquisa de caráter descritivo buscou

indicar a relação entre a manifestação cultural do folclore de Parintins e suas implicações na sala de aula.

Na concepção de Gil (2009), as pesquisas descritivas têm por objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou então o estabelecimento de relações entre variáveis. Para Andrade (2002), a pesquisa descritiva, preocupa-se em observar os fatos, registrá-los, analisá-los, classificá-los e interpretá-los, exigindo do pesquisador uma delimitação precisa, cujo objetivo é conferir a validade da ciência, relatar suas vivências, suas experiências, verbalizadas e registradas com gravador. Todos os participantes identificaram como se deu sua arte, descrevendo, detalhadamente, as etapas percorridas para, enfim, chegar ao estágio de artista de ponta.

As observações realizadas na escola, e na sala de aula, bem como as entrevistas com alunos e professores, além dos dados levantados permitiram o envolvimento e a interação da pesquisadora com os sujeitos da pesquisa. Foi positivo encontrar com os alunos e com professores e perceber seus avanços para a melhoria do processo educacional. A escola selecionada foi pensada de forma bem criteriosa, escolheu-se uma Escola pertencente a rede Estadual de ensino que atende alunos do ensino médio. Trata-se de um estabelecimento que, há quatro anos, não possui mais aulas no turno noturno. Segundo a fala do gestor, a causa é o alto índice de evasão escolar e um dos motivos são os ensaios dos bois de Parintins. A escola fica situada próximo ao curral do boi-bumbá Caprichoso. Segundo o gestor, alguns membros da comunidade (poucas pessoas) reagiram de maneira negativa ao cancelamento das aulas no turno noturno, no entanto, uma boa parte aceitou com tranquilidade a extinção das aulas nesse período na escola. Após a retirada, houve um avanço no índice de aprovação nos exames externos, idade e séries compatíveis para o ensino médio e melhor acompanhamento das ações pedagógicas na escola. Mesmo com a preocupação do gestor e concordando que os estudantes devem estar na escola no período do dia, permanece o questionamento sobre como ficam os estudantes que trabalham durante o dia e necessitam estudar à noite? Para onde foram esses educandos? Na análise dos dados, retomaremos esses questionamentos.

As observações, inicialmente, ocorreram nos turnos matutino e vespertino, com todas as turmas do ensino médio. Tendo a efetivação em julho e agosto. O

questionário e entrevistas foram aplicados nos dias 05, 06 e 07 de agosto, tanto para os discentes, quanto para os docentes.

O questionário foi estruturado com perguntas fechadas de caráter quantitativo, em modelo de Armstrong (2004), definido por ele como Inventário de Inteligências Múltiplas (IM). As questões foram aplicadas em alunos que têm envolvimento com os bumbás, componentes de batucada, marujada, corpo de dança do Caprichoso ou Troup (grupo de dança do Caprichoso), Força Azul e Branca (animadores de torcida), Garantido Show (grupo de dança do Garantido) e Comando Garantido (animadores de torcida). Como a demanda seria significativa, tendo como população todas as turmas do ensino médio de ambos horários, foi necessário delimitar o público. Participaram, no total, 26 alunos, (sendo que um aluno faltou no dia da aplicação do formulário), do 2º e 3º ano do ensino médio, do turno vespertino, com faixa etária de 15 a 18 anos.

Após essa etapa foram realizadas observações diretas em sala de aula para averiguar a prática docente no contexto escolar, no que se refere ao ensino da ciência. O interessante durante as observações era que os docentes pressupunham que a pesquisa seria para apontar as problemáticas decorridas da festa dos bois, juntamente com os sujeitos inseridos. Todos os 4 docentes investigados comentaram a proposta da pesquisa como interessante para que se faça uma interdisciplinaridade, tanto na teoria como nas aulas práticas, também citaram que seria de grande valia a visitação aos galpões, os depoimentos dos artistas de ponta nas aulas teóricas, o relato de como conseguiram chegar àquela resolução na prática, na construção de uma dada alegoria e que a fusão do conhecimento sociocultural, impregnado nos filhos de Parintins, daria uma nova motivação às aulas das denominadas ciências duras.

Para apreendê-los, esse estudo necessitou ir além do horizonte da análise bibliográfica ou documental (sem, logicamente, romper com elas), indo em busca de outras técnicas que permitiram à pesquisadora atingir cada aspecto ligado ao tema de que se ocupa, com o intuito de descrever as características desenvolvidas pelos artistas parintinenses no âmbito do festival dos bois bumbás em relação aos diversos saberes e percebendo suas implicações no contexto da sala de aula nas disciplinas de Matemática, Física e Biologia. E, por fim, foi possível detectar se os professores conseguem perceber em suas aulas as habilidades dos alunos, verificando, ainda, como os professores trabalham a ciência, comparando as

estratégias de ensino e as estratégias fora da sala de aula. Com isso, buscamos os aspectos significantes do pensamento tanto dos artistas, dos professores quanto dos alunos sobre o objeto de estudo, que compreende não somente sua dinâmica interna, como também o contexto geral no qual se insere.

Os materiais coletados através da aplicação dessa estratégia de investigação passaram por um exame preliminar, sendo, logo em seguida, distribuídos em pequenos conjuntos de fontes, constituídos a partir de temas específicos. Feita essa organização e classificação, os dados analisados minuciosamente, interpretados e traduzidos em significações, conforme exigem os pressupostos de uma análise dentro de uma perspectiva descritiva, o período pós-coleta nos reportou, novamente, à poesia de Gonzaguinha, de que me encontrava de volta ao começo e o convido para relatar: *“E é como se eu despertasse de um sonho que não me deixou viver. E a vida explodisse em meu peito com as cores que não sonhei”*. Tudo se torna uma busca infinda, vindo um misto de sensações: de impotência, de encorajamento e, nesse conflito pessoal, foi imprescindível uma bússola que quando reencontrada, mais uma vez, o poeta nos fala: *“E é como se eu descobrisse que a força esteve o tempo todo em mim. E é como se então de repente eu chegasse ao fundo do fim. De volta ao começo. Ao fundo do fim. De volta ao começo”*. Por fim, nos impulsiona a compreender que a pesquisa é algo vital para o conhecimento e que, nessa busca, somos imbatíveis quando nos defrontamos e nos reencontramos *“de volta ao começo”*. Que tudo é um eterno recomeçar!

### **3 O CONTEXTO CULTURAL DE PARINTINS E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO EDUCACIONAL**

O homem é capaz de simbolizar e, através dos símbolos, cria e interage, fazendo cultura. Nesse contexto, a educação é tida como fundamental para o desenvolvimento desse ser cultural. Para Brandão (2002), é a educação que cria cenários para as pessoas e as comunidades produzirem seus símbolos e dá significados as suas vidas. O trabalho dos educadores tem papel relevante nesse processo de formação do conhecimento e da cultura.

A manifestação cultural de Parintins, realizada através dos bois-bumbás Garantindo e Caprichoso, não foi diferente, foi através do processo educacional que ela teve seu início. Essa afirmação está pautada nas pesquisas realizadas com os artistas de pontas dos bois-bumbás Caprichoso e Garantido, com professores e com estudantes do Ensino Médio, aprendizes dessa arte nos galpões dos referidos bois. A construção da arte de Parintins, segundo relatos e fatos existentes na história do festival, está relacionada aos artistas: Jair Mendes (conhecido como Pai da Arte), Irmão Miguel de Pascoale e Joãozinho Trinta que protagonizaram e alicerçaram esse evento cultural.

#### **3.1 A contribuição da educação na formação do artista**

A influência da educação no desenvolvimento cultural e da produção dos saberes populares se faz presente na história dos artistas de ponta de Parintins dos bois Caprichoso e Garantido. Juarez Lima, um dos artistas de ponta entrevistados, tem 49 anos, cursou até o 2º ano de Técnico em Contabilidade (ensino médio), é uma das referências na arte do boi bumbá, desenvolve há 33 anos seu ofício no boi-bumbá Caprichoso, esteve por dois anos no boi bumbá Garantido e, a pedido da família, retornou ao Caprichoso. Na entrevista, o artista deixa transparecer em sua fala a relação entre cultura e educação,

*Iniciei em uma escolinha de base do irmão Miguel, ele tinha um grupo de alunos e ensinava pinturas de rostos, tampas, garrafas, de latas, de personagens sacras. O irmão dizia que 'para quem quer ser grande tem que primeiro ser pequeno' e ali se desenvolvia o rosto de Nossa Senhora, de Jesus Cristo, de personagens, de animais da fauna e flora para, depois, nós galgarmos a pintura como base nos quadros grandes e sabermos ampliar e desenvolver a técnica de projeção até chegar na evolução que temos hoje.*

*Mas, em tudo aquilo, naquela prática de aula, Irmão Miguel, generosamente e pacientemente, missionário italiano, veio não só exercer uma função religiosa, mas a sua bondade de fazer prosperar pequenos artistas, pequenas sementes para que pudessem florescer hoje no presente.*

O trabalho da prática educativa se faz bem presente na fala do entrevistado. A figura do italiano Miguel de Pascoale e a escolinha criada por ele teve grande importância na implementação da arte de Parintins, podemos dizer que é a base primeira dos projetos do movimento de cultura. Nesse sentido, fica claro que a educação cria cultura e vice-versa. O processo educacional influencia na formação do conhecimento e da própria cultura. O fato é que a fronteira entre cultura e educação é uma linha tênue. As duas são componentes ativos na vida do ser humano. Nada existe na vida do homem que não possua cultura e os educadores são propagadores das manifestações culturais e, ao mesmo tempo, contraditoriamente têm dificuldades de lidar com as manifestações culturais no ato de ensinar e aprender.

Para Juarez, a escolinha deu oportunidade para quem demonstrava aptidão às artes ou, nas palavras de Cevalco (2001, p. 53), “o artista compartilha com todos nós o que se chama de imaginação criativa: ou seja, a capacidade de encontrar e organizar novas descrições da experiência e transmiti-las”, assim fez o irmão Miguel, compartilhou seu saber, o artista reconhece a importância da escolinha do Irmão Pascoale.

Noutro viés, encontramos na fala do artista Jair Mendes, 73 anos, carinhosamente chamado de Mestre Jair, com formação do 4º ano do antigo primário, contratado há 42 anos, com experiência nos dois bumbás, evidencia que:

*[...] a escola, essa aí foi só pra ajudar a ler, a escrever por aí e tal. O que eu sei é de cabeça, eu sei fazer conta de cabeça. Coisa que não é qualquer um instruído que faz. Parei de estudar porque eu achava que o que eu fazia já dava pra mim me manter, pra mim ser um artista diferente. Quero ser um pintor, um artista. Não preciso estudar, não. Aí eu enfrentei a vida pra ser artista e, graças a Deus, eu tenho fama hoje, porque eu me envolvi com a arte de Parintins [...]”.*

Mestre Jair Mendes considera o seu saber artístico suficiente para seguir sua vida, na tentativa de dar certo para ele, sem esquecer, é claro, do período em que fez sua escolha de largar os estudos, no qual a própria sociedade era menos competitiva. Seus saberes foram compatíveis com as suas necessidades, sua cultura, pois “toda tradição é construída segundo um princípio de seleção, funciona

como um poderoso mecanismo de incorporação, articulando processos de identificação e definição cultural” (CEVASCO, 2001, p. 72-73).

Para Jair Mendes, seu talento é um dom, pois não precisou de uma formação escolar, contudo, o artista não nega que foi na escola que aprendeu a ler e a escrever. A escola pode não ter valorizado o saber construído fora de seus muros. Por causa dessa falta de valorização, ainda hoje, a evasão escolar é um fato, causando impacto em todas as áreas da vida.

A evasão escolar tem vários motivos, mas a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), em 2006, revelou que 40,3% dos jovens abandonam os estudos por falta de interesse. A escola não é interessante, não convence, não chama a atenção. Há um excesso de conteúdo e ausência de contextualização desses conteúdos. Em Parintins, essa realidade não é diferente, como poderemos observar nos depoimentos dos alunos e como observamos nas histórias dos artistas de ponta dos bois bumbás Garantido e Caprichoso.

Outro depoimento que destaca a falta de interação entre o conhecimento ensinado na escola e o aprendido nos galpões dos bois foi o do artista Adenilson Ribeiro, de 48 anos de idade, com formação até o ensino médio, que desenvolve, há 28 anos, seu trabalho no Garantido, sem experiência em outra agremiação. Em sua entrevista o artista afirma:

*[...] na verdade, eu quase que não terminei o 2º grau antigo; porque, na verdade, no período do festival, a gente não tem tempo pra estudo. A gente se dedica totalmente ao boi, ao trabalho, antes a gente entrava pela madrugada, porque tinha pouca gente pra trabalhar, eram poucos artistas, hoje não, hoje até que tem tempo, mas antes, aí, depois desse trabalho do boi, eu começo no carnaval em Manaus, aí não dá mais pra continuar estudo.*

A escola, com suas preocupações corriqueiras e, por que não dizer, essenciais, com horários, tempos de aula, estrutura curricular, calendário, entre outros, se fecha em si mesma e não consegue pensar e acompanhar os ritmos dos seus educandos. Apesar de parecer impossível pensar uma escola para cada aluno, é possível a escola se apropriar ao debate da história contida na relação entre seus estudantes e o tempo que eles têm para estudar. E, quem sabe, se apropriando dessa realidade consiga pensar metodologias que permitam, pelo menos para alguns, conciliar, trabalho, escola e tempo.

Vivemos uma política educacional traduzida em planos, diários, conteúdos fechados, uma ruptura com o cotidiano e se isso não leva ao fracasso escolar, leva à evasão. A fala do artista Antônio Cansanção reforça essa afirmação;

*[...] as dificuldades foram muitas, os professores também foram coniventes com as dificuldades que nós tínhamos para estudar no período do festival, aquela coisa da ausência, de você ter que faltar e, às vezes, não ter como participar de um trabalho ou de outra atividade.*

Hoje, aos 50 anos, Antônio Cansanção tem o Ensino Médio, está há 25 anos exercendo ofício de artista no boi bumbá Garantido, já participou por 2 anos no Caprichoso, mas ele destaca em sua fala a sobrecarga e a rotatividade de tempo exigida na produção do boi, o que comprometeu o seguimento dos seus estudos. Outro ponto também a ser destacado seria a ausência de instituições acadêmicas voltadas para a arte, o turismo que atendesse os interesses desses artistas. Hoje, o processo educacional em Parintins já está corrigindo esse problema e a Universidade do Estado do Amazonas já oferece cursos que englobam esse contexto cultural.

Observamos na fala do artista que não continuar o estudo é uma opção pelo trabalho, ou se estuda ou se trabalha. Em um sistema capitalista se vive a luta constante para se destacar e/ou sobreviver, é a própria desigualdade social gerada para sustentar o sistema. Cunha (2007, p. 75) contextualiza que:

*A nossa história educacional é marcada por uma negação do saber elementar à maioria da população. Este fato é observado pela falta de escolas para atender à demanda educacional, pelo descuido com as instituições existentes e pela invisibilidade e silenciamento dos agentes que tecem a história no cotidiano da vida.*

Um dos problemas enfrentados, segundo o relato dos artistas, foi a falta de um curso com o qual se identificassem. Como não houve, a prioridade foi dada à arte, ao sustento, ao trabalho, tendo que forçadamente sobreviver da arte.

A mesma situação de desvalorização escolar se dá na percepção do artista Marivaldo Brandão, 43 anos, tendo como formação o Ensino Médio. Há 26 anos é artista do boi bumbá Garantido, foi por 1 ano artista no boi bumbá Caprichoso. Ele narra que seus saberes foram adquiridos fora da escola.

*Comecei aos treze anos de idade. Bom, na verdade eu desenvolvi minhas técnicas artísticas na escola de Irmão Miguel de Pascoale. Aqui, no Garantido, eu adquiri muitas técnicas, muito conhecimento e eu sempre digo que o galpão é a nossa escola. Nós somos autodidatas e tudo o que nós sabemos, aprendemos aqui dentro. Aqui não existe nenhum engenheiro formado, nenhum escultor formado, nenhum pintor formado, todos nós aprendemos aqui dentro.*

Para ele, foi o próprio festival do boi que contribuiu para o seu desenvolvimento artístico. Neste prisma, a cultura favorece o indivíduo a recriar sua concepção de mundo e o seu fazer artístico, propiciando a ele ferramentas capazes de atender suas mais peculiares necessidades. Neste enfoque, Gonzaga *et. al* (2011, p. 44) assinalam que:

*A distância entre o saber científico e o saber ensinado não representa, neste caso, uma hierarquia de saberes, mas uma transformação de saberes que ocorre nas diferentes práticas sociais, em função da diversidade dos gêneros discursivos e dos interlocutores aí envolvidos.*

Para Marialvo Brandão ele nasceu com um dom:

*Eu sempre digo que eu nasci com um dom, eu comecei rascunhando na areia, fui aprimorar minhas técnicas lá na escolinha do Irmão Miguel de Pascoale, me identifiquei muito no setor de escultura, aí trabalhei por muito tempo como escultor, eu vivo da arte até hoje, comecei na arte e pretendo trabalhar na arte.*

Isso significa compreender que para Marialvo Brandão a arte já está impregnada em suas ações, então a relaciona com um dom que prevalece por toda a sua vida, isto é, a simbologia do boi bumbá, hoje, representa a sua própria construção humana, “o poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico [...]” (BOURDIEU, 1989, p. 14). É uma tradição cultural que faz uma cidadezinha se destacar entre as outras, o parintinense tem orgulho de pertencer e de fazer parte desse contexto cultural.

E como fica a educação formal nesse processo? Na concepção de Marialvo Brandão,

*[...] a escola no ensino regular reforçou como pessoa sim, como pessoa me ajudou a formar o meu caráter, minha personalidade, mas na parte artística, as nossas escolas, na verdade, elas não repassam nada mais que uma*

*caricatura, um rabisco de alguma coisa, mas isso não contribuiu em nada pra minha formação artística [...]”.*

Essa afirmação discute a atitude e a postura dos que fazem educação no Brasil. Não é raro encontrarmos professores de artes nas escolas sem a devida formação. Discute-se, ainda, as possibilidades de negligências na perspectiva de pensar a qualidade de ensino, partindo do princípio que essa qualidade começa com o compromisso do profissional e com sua valorização. Essa é outra característica que provoca a evasão escolar e faz o estudante perder o interesse pelo conhecimento elaborado e historicamente construído. Mais uma vez, tais práticas pedagógicas trazem consequências para o desenvolvimento histórico-cultural.

Assistimos a um crescente interesse pelas questões culturais na esfera acadêmica, nas esferas políticas e na vida cotidiana. O entendimento da cultura apresenta uma posição privilegiada, pois perpassa por tudo que acontece em nossas vidas e nas representações que fazemos desses acontecimentos, portanto urge a escola lançar mão desse conhecimento.

### **3.2 A cultura parintinense entrelaçada ao cotidiano familiar**

A cultura de Parintins está impregnada nas manifestações sociais, na convivência familiar, em toda a esfera da vida cotidiana. A toada de Tony Medeiros e demais compositores<sup>9</sup>, do boi Garantido, descreve bem essa realidade:

De onde vem, a magia da toada  
Vem do sangue do caboclo  
Vem do cheiro da cabocla  
Ou das águas do grande rio  
De onde vem,  
o encanto da toada  
Vem do compasso das remadas  
Vem das tribos dizimadas  
Vem das cinzas das queimadas  
O feitiço e a magia vêm da ilha  
Tá no sangue, tá na veia, tá na vida  
Tá nas mãos de dona negra parteira  
Ou nos braços de Valdir Viana  
O feitiço e a magia vêm da ilha

---

<sup>9</sup> Toada: Magia da Toada. Composição de Tony Medeiros/ Inaldo Medeiros/ Edvaldo Machado. Faixa 02 da mídia de 1998 – boi-bumbá Garantido – 500 anos do passado para construir o futuro. Texto integral nos anexos.

Tá no sangue, tá na veia, tá na vida  
(MEDEIROS *et. al*, 1998)

A música mostra que a cultura de Parintins está nas práticas sociais concretas, no compasso da remada do nativo, nas mãos das parteiras, na história das tribos indígenas dizimadas, está na história do povo. Logo, é possível afirmar que não somos simples assistentes, mas somos partícipes ativos dessa criação cultural, sendo que a família tem papel fundamental.

O artista Juarez Lima destaca a participação de sua família no festival, mostrando como a cultura está na veia, está no sangue:

*[...] nossa família tem uma tradição dentro do festival. Temos como maior referência na musicalidade o tio Braulino, autor da toada “Tic, Tic, Tác” e grandes toadas antológicas. Praticamente toda a nossa família participa diretamente do festival, meu irmão na parte da organização administrativa por parte do Caprichoso, outros irmãos são designers, trabalhavam no boi. Hoje, tenho um filho que é designer, tenho um arquiteto, que me ajuda diretamente na projeção, na criação, tem minha esposa que me ajuda também na parte do adereço [...]*

Marialvo Brandão reforça essa ideia quando esclarece que:

*[...] minha filha mais velha, ela trabalha comigo, não aqui dentro, mas, me auxiliando em casa, ela que formata todos os livros dos artistas, das fundamentações, os rascunhos das alegorias, as plantas. Todos os encadernamentos que são repassados pros artistas, ela que faz.*

Notamos uma incorporação das atividades familiares ao festival e percebemos que tal conhecimento é repassado de geração para geração. A atividade do boi oferece aprendizagem de vários conhecimentos, inclusive pesquisa daquilo do que vai ser contextualizado na Comissão de arte no Garantido e no Conselho de arte no Caprichoso.

Dadas essas informações, percebemos que o espaço cultural das agremiações folclóricas oportuniza uma aprendizagem cultural, social, antropológica, científica e histórica. “É, pois, aprendendo a estudar a natureza e a diversidade das formações culturais – em estreita ligação com estudo das formas culturais [...] – que podemos caminhar na direção de uma compreensão mais adequada [...]” (WILLIAMS, 2011, p. 85).

A pesquisa mostrou a importância da relação familiar na criação da cultura. O Mestre Jair Mendes se orgulha em responder que seus familiares sempre participaram da vida cultural de Parintins. Ele afirma:

*[...] sempre participaram, sempre me ajudaram e hoje, graças a Deus, nós somos três artistas de ponta. Pra chegar a artista de ponta não é fácil. Então, aqui eu tenho o Teco, é meu filho o Teco Mendes, e lá tem o Jairzinho, no Garantido, são meus filhos e são bons artistas.*

Karu Carvalho também evidencia a importância da família, “todos, desde criança, trabalham comigo, irmãos, mãe, tio, tudo. A minha equipe é minha família. Meus irmãos, hoje, são artistas contratados no Teatro Amazonas”.

É notório que a força da família é essencial para a afirmação artística contida no DNA do parintinense, “a arte é então uma reduplicação da vida, uma espécie de emulação nas surpresas que excitam a nossa consciência e a impedem de cair no sono” (BACHELARD, 2008, p. 17). É um conhecimento compartilhado, adaptado e transformado que entrelaça o saber cultural na esfera do boi, nas suas práticas sociais e educacionais proporcionadas no exercício da produção da arte.

Por meio da fala de Karu Carvalho, percebemos um leque de oportunidade que o folclore de Parintins vem oferecer para seus participantes, “o conhecimento envolve sempre um fazer, um atuar do homem” (REGO, 2012, p. 98). O parintinense quer mostrar ao mundo o que o saber cultural propiciou a ele com o passar do tempo. Seria uma espécie de grito de liberdade, uma emancipação artístico-intelectual-social e registrando que a festa também é compartilhada, não sendo apenas do parintinense, mas da Região Norte.

Antônio Cansanção registrou a presença marcante de sua mãe, afirmando:

*“Ela costura há vários festivais pro boi. Ela teve uma passagem pelo Rio de Janeiro, ela chegou alguns anos a viajar, comprar material pro boi, porque ela conhecia os materiais, conhecia os canais. Os itens que hoje têm no boi, os chamados itens femininos”.*

O artista comentou sobre as mudanças na nomenclatura dos itens, falou sobre a figura da miss (hoje é a cunhã-poranga, mulher bonita em tupi-guarani), rainha da fazenda (filha do amo do boi, modificado para sinhazinha da fazenda), porta-bandeira e rainha do folclore (usavam vestidos, feitos com materiais regionais, mantiveram o nome de rainha do folclore, porém, hoje, ambas se

apresentam caracterizadas com trajes indígenas, e o nome porta-bandeira foi substituído por porta-estandarte – aquela que defende o pavilhão do boi) e, segundo o artista, sua mãe participou na efetivação dessas mudanças e era responsável pela confecção das indumentárias, os ditos vestidos. O artista não se esqueceu de salientar que, quando criança, desenhava os heróis de TV, como, homem-aranha, superman, entre outros e que, indiretamente, ajudava sua mãe nos desenhos dos vestidos.

Valentin (2005, p. 115) afirma ser “[...] marcante a presença de crianças e adolescentes trabalhando com parentes (pais, irmãos mais velhos, tios) nos QGs<sup>10</sup>. Com dedos pequeninos e intuição infantil, eles são importantes na confecção das peças”. Com o passar do tempo, ficou terminantemente proibida a presença de crianças dentro dos ateliês dos bois, podendo a agremiação receber multa do Ministério Público, ou seja, o boi bumbá se tornou uma empresa, com regulamentos, atendendo a cláusulas rigorosas.

A família é uma instituição funcional, provida de certa autonomia, que não se restringe à obediência de normas e decretos advindos de órgãos superiores e se configura como locus privilegiado de reapropriação e reinterpretção cultural, por isso mesmo, colocar o filho para aprender um ofício é considerado natural. As famílias não veem isso como exploração de menores, claro que há de se ficar atento, tendo em vista hoje a exploração do trabalho infantil, mas é necessário diferenciar a aprendizagem de um ofício e exploração do trabalho infantil.

Neste sentido, fica claro que a família institui cultura, ou seja, a vida cotidiana é relevante no que é instituinte, assumindo abertura ao novo, ao debate, ao embate, à construção, à identificação cultural e à participação. De acordo com Demo (2001, p.57), “é preciso encontrar o eco reconhecido de algo que é seu, de algo que se encaixa na história vivida, de algo que aparece nas determinações do dia – a – dia”. Participar da vida dos bois nos galpões leva crianças e jovens a tomarem para si essa cultura popular. Ou como diz Williams (2011, p. 182) “uma tradição é o processo de reprodução em ação”, toda arte é um processo que evolui, tem uma matriz, mas se modifica, é enriquecida, transformada e reconstruída.

---

<sup>10</sup> QGs são os chamados Quarteis Gerais ou ateliês onde se confeccionam as indumentárias e demais adereços da festa.

O artista de ponta Antônio Cansanção, confirmando a importância tradicional da família na festa popular, nos narra:

*[...] quem teve uma participação primordial, foi minha mãe, ela me incentivou, inclusive, ela me recomendou pro Mestre Jair Mendes, pediu um espaço dele pra que eu fosse aprendiz dele e, depois, a partir daí, por conta da própria convivência com ele nos festivais que nós passamos juntos, aí que eu entendi de abraçar essa vocação.*

E acrescenta ainda mais, “nas relações sociais, o convívio efetivado pelas relações afetivas se dão de forma mais suave, com menos cobrança”. Quando Cansanção relembra a figura de sua genitora, é evidente o carinho que demonstra por sua história no contexto do boi, das mudanças que ocorreram com o passar do tempo, “e essa mudança é emocional. Então, digo que o amor é a emoção que funda o social” (MATURANA, 2001, p. 47), é comum nos depararmos com situações que envolvem sentimentos, memórias dos que se foram dos que deixaram sua marca na construção de uma cultura.

Podemos afirmar que a participação da família na potencialidade e criatividade dos artistas teve grande influência, seja por participarem e estarem envolvidos com o folclore seja porque queriam que os seus filhos aprendessem um ofício para a vida. A família é sujeito do processo de desenvolvimento cultural. Nesse enfoque, a discussão da participação da família é fundamental para a contextualização das políticas públicas e da gestão educacional, e da democratização entre família e escola.

### **3.3 Encontros e desencontros entre a cultura popular e a educação formal**

E, conforme os objetivos traçados na pesquisa, buscamos identificar se, de fato, houve um estímulo da escola, se ela contribuiu para a edificação artística, se reconheceu as aptidões ou as negligenciou.

Para o artista Juarez Lima seu conhecimento se deu independente do saber sistemático e ele condena a forma como a escola ensinava:

*[...] éramos fruto de uma pedagogia do oprimido, na verdade, assim, na nossa época, a escola tinha seu rigor, se você não acertava quanto era 2 e 2, você pegava uma palmatória, você era chamado à atenção, era um rigor*

*bruto, alguns aprenderam, alguns dizem que aquilo era uma repressão meio absurda. Era uma agressão, na verdade.*

Sua sensibilidade aflorada destaca que “quando você coloca com delicadeza no coração a medida das pessoas às palavras, elas têm o poder de transformação”.

Mestre Jair reforça que quem o valorizava eram seus colegas de aula: “quando tinha trabalhos pra fazer, vinham comigo, aí tudo eu ganhava aquele dinheirinho deles. Eu tinha uma experiência muito grande, desde doze anos já desenhava o rosto de uma pessoa”. Na contramão, Antônio Cansanção afirma que a “escola deu uma base, ela me deu a segurança de que eu tinha a certeza de que eu era artista [...]”. Adenilson Ribeiro reforça: “a educação artística, ela deveria ser adequada ao ensino desde o primário”. Marivaldo Brandão destaca que a escola não somou para sua formação artística e o curso que almejava nunca veio para o município, “nunca me desloquei daqui porque constituí família muito cedo, eu optei por continuar trabalhando só na área artística e deixar um pouco os estudos de lado”.

O que se percebe no discurso dos artistas acima é que o sistema educacional foi, na maioria das vezes, omissivo, contrariando o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 2002), Art. 54, no seu parágrafo V, Artigos 58 e 59, quando assegura que,

V - Acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um;

Art.58- No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade de criação e o acesso às fontes de cultura.

Art.59- Os Municípios, com apoio dos Estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude.

A principal forma de transformar, de emancipar o ser humano, é valorizá-lo desde sua infância, reconhecendo suas aptidões. Enquanto a educação persistir no conhecimento marcado por conteúdos organizados de forma estática, impedindo o diálogo com a bagagem cultural trazida pelo estudante, o ensino formal permanecerá engessado incapaz de intervir para o melhoramento da sociedade (GONZAGA *et. al*, 2011).

Nas falas dos artistas, o que se percebeu foi a dissociação entre cultura e escola. A maioria dos artistas não teve o devido apoio, isso há mais de 20 anos, a escola não havia estabelecido essa relação, e hoje? Estamos fazendo essa ressalva, porque os artistas de ponta têm mais de 20 anos de participação no folclore, portanto, suas histórias remontam ao tempo da década de 80, do século passado. Isso não significa dizer que a escola não mudou, que hoje ela não estabeleça essa relação. Essa dúvida foi esclarecida com a análise das entrevistas dos professores e alunos.

No suporte desse processo, a escola é chamada a lidar com a pluralidade de culturas, ampliando seus espaços para os debates e embates. Para Candau e Moreira (2003, p. 161), “[...] a escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e a neutralizá-las”. Urge abrir seus espaços para o cruzamento de culturas e, talvez hoje, esse seja um dos seus maiores desafios.

Na contramão desses depoimentos sobre a não participação da escola na vida dos artistas, foi interessante obter informações com o artista Karu Carvalho, graduado em Artes Visuais, pela Universidade Federal do Amazonas. Temos, então, uma comparação do conhecimento dos artistas, dos que têm formação prática e do que teve formação prática e teórica.

Karu Carvalho considera que aprendeu a usar as cores, a colagem, a física, a geometria “[...] Isso você aprende lá na teoria, na faculdade. Muita coisa aprendi na faculdade. É uma maneira até de você aprender a se expressar”.

Durante a entrevista, o artista Karu Carvalho sempre fazia questão de enfatizar a graduação, ou seja, o artista, mesmo diante das dificuldades, em conciliar o trabalho do galpão com os estudos, persistiu em buscar uma formação acadêmica. Paulo Freire (2004, p. 7) diz que “a mudança do mundo implica na dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho”. É o que nos mostra Karu, apesar das dificuldades de adentrar em uma universidade ou de terminar seus estudos, o artista denuncia sua condição de marginalizado do processo, superando as injustiças sociais e, com seu gesto, diz, de forma velada, nos deixem também sonhar.

Karu Carvalho, no período da faculdade se tornou secretário de Cultura de Parintins e, no que consta nos relatos sobre o contrato de trabalho dos artistas, é somente no período da construção do festival que se tem um contrato, uma renda

certa, fora isso, os artistas têm que ir em busca do sustento fora de Parintins. “No entanto, o que distingue as artes liberais das artes servis não é, de forma alguma, um grau superior de inteligência, nem o fato de que o artista liberal trabalha com o cérebro enquanto o sórdido negociante trabalha com as mãos” (ARENDDT, 1999, p. 102). Nessa relação, podemos considerar que Karu, de uma certa forma foi beneficiado por uma situação política, tinha como meta se graduar, o curso veio para o município e conciliou o momento político com sua aspiração. Com essa formação, o artista abre outras oportunidades: pode cursar um mestrado, um doutorado, pode se tornar professor de uma instituição superior, somando com o seu conhecimento prático e teórico.

O depoimento de Karu nos leva a afirmar a refletir sobre como a educação formal é importante para a vida da sociedade, por possibilitar a ampliação do mercado de trabalho, sendo assim, deve-se assegurar às crianças, jovens e adultos uma maior participação no contexto escolar, facilitar sua entrada e não medir esforços para sua permanência. Para tanto, deve haver abertura à participação dos pais e de outros elementos da comunidade local, que permitam o envolvimento nas decisões e funcionamento da organização escolar, conferindo a ela autonomia em sua gestão.

A escola necessita rever algumas situações que levam os alunos a se sentirem aprisionados em suas ideias, criações e autonomias. Uma postura metódica e preconceituosa que alguns docentes insistem em levar em sua caminhada, contudo, no final da carreira, descubrem quanto tempo foi desperdiçado, pois tinham equivocadamente em mente uma “couraça” que para eles representava estar acima do bem e do mal, nesse debate lembramo-nos do mestre Paulo Freire<sup>11</sup> quando afirma que a “Escola é...o lugar onde se faz amigos não se trata só de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos...Escola é, sobretudo, gente, gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima [...]”. Portanto, o clima hostil e nada salutar que muitos ambientes escolares oferecem deve, emergencialmente, ser repensado. Podemos mudar essa realidade e caminhar com prazer, com amor e, acima de tudo, com respeito a toda história de

---

<sup>11</sup> A Escola de Paulo Freire, <http://blogs.odiarario.com/odiarionaescola/tag/paulo-freire/>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.

vida trazida por nossos alunos. Logo, “aprender nesse caso é atividade prazerosa, pois engaja-se não somente a razão mais também as emoções. Lidar com a imaginação acarreta emoções que permanecem vivas em nossa mente” (CARVALHO, 2004, p. 131), educar não fica apenas no repasse de conteúdos, e sim na recíproca troca de conhecimentos, jamais subestimando a grandeza de nossos aprendizes.

A sociedade em que vivemos tem buscado, constantemente, o ter e o consumir, impedindo que haja um processo educacional que proporcione aos sujeitos uma dinâmica capaz de condizer com as aspirações dos indivíduos e, ao mesmo tempo, que essa busca de suas aspirações seja prazerosa. A ideia de estudar está sempre voltada à melhoria de vida, isso significa ter mais, ter trabalho para ter dinheiro, nunca significa, simplesmente, estudar pelo simples prazer de aprender.

A própria universidade, atendendo às necessidades da sociedade capitalista, deixou em segundo plano cursos como turismo, arte, a cultura do município. Os primeiros cursos a serem oferecidos foram às licenciaturas, ou fazia licenciatura ou não tinha outra opção. Nesse processo, o artista se torna itinerante, vendendo sua arte por outros lugares, larga a família, suas belas casas, construídas durante longos anos. E não perde o anseio de voltar a estudar. Foi o que fixou Antônio Cansanção, que intenciona levar para o espaço escolar o seu conhecimento. A troca de experiência do cotidiano, expressa na dinâmica da sala de aula, nos remete a um prazeroso rio de saberes. A compreensão de que não há saber menor ou maior torna o ensinante mestre na arte de valorizar a peculiaridade do seu aprendente, nessa relação não há perdas, somente a expansão de conhecimentos.

### **3.4 O espaço escolar e o folclore de Parintins: entre o dito e o não dito**

Tomar como referência o estudo da escola e sua relação com o folclore de Parintins é refletir sobre como a escola cheia de regras, normas, rigidez pode participar da vida cultural local. Essa discussão abre espaço para repensar a relação entre a escola e a comunidade. Paro (2000, p. 103), afirma que:

[...] a instituição escolar encontra-se quase totalmente impermeável a qualquer forma de participação da população usuária, como se não fosse essa população que mantivesse o estado com seus impostos, e como se a escola não devesse servir precisamente a seus usuários, procurando agir

de acordo com seus interesses manifestados a partir de sua participação nas tomadas de decisão que aí se dão.

Nas opiniões dos artistas, embora a maioria tenha afirmado que a escola pouco contribuiu para sua formação como artista de ponta dos bois Caprichoso e Garantido, há lembranças que apontam para uma outra direção. Juarez Lima lembrou, carinhosamente, de uma professora de Artes chamada Selma, que sempre o estimulava dizendo que ele seria um grande artista e ainda afirmou que as disciplinas de “Geografia, História e, principalmente, Artes e Ciências, gostava muito porque era muito ligada ao desenho, que era reproduzir a natureza, era reproduzir a anatomia humana, lógico que com uma outra concepção, com uma outra ótica”. Marialvo Brandão destaca que os professores o valorizavam *“porque eu contribuía, em quase todas as escolas que passei, eu ajudava a fazer cartazes, faixas, elaborar desenhos, projetos, tudo o que eu pudesse contribuir na minha área, eu contribuía”*. Marialvo relata que o ambiente escolar soube aproveitar seu desenvolvimento que se deu de fora para dentro, *“eu levava meus conhecimentos para dentro da escola”*.

Karu Carvalho reconhece que a escola sempre valorizava seu potencial. Quando cursou a faculdade, os colegas queriam se beneficiar por ele ser artista, mas logo fez com que todos também reconhecessem seu potencial. Antônio Cansanção afirma que não há como negar que os colegas e os professores valorizavam sua aptidão na arte.

O depoimento dos artistas permite visualizar a importância do papel do educador. As práticas silenciadas dos professores, conscientes ou não, possibilitavam o diálogo entre vida cotidiana cultural e saber escolar. Para Antunes (2001), o educador deve se voltar para uma aprendizagem inovadora, rompendo, definitivamente, com a concepção de que o aluno inteligente seja aquela pessoa condicionada a repetir aquilo que lhe foi armazenado durante algum tempo. Deve também fazer uma reflexão sobre o que é ser “inteligente”, valorizando o seu aluno nos demais eixos de aprendizagem e em sua realidade o papel do professor não será reduzido, não ficará condicionado a um “caçador de habilidades”, porém estará atento a elas, oportunizando sua efetivação e estimulando-as, cada vez mais, em seus educandos.

Acredita-se que por mais que o ambiente não proporcione um espaço para atender todas as necessidades, é fundamental que nessa realidade o professor seja

perceptivo e consiga explorar cada detalhe de sua sala de aula, para que tais habilidades não “fujam” do educando, apesar de que mesmo quando os estímulos não são oferecidos, o cérebro sabe procurá-los nos desafios a que se propõe (ANTUNES, 2002). Assim será bastante proveitoso para o indivíduo se o seu ambiente proporcionar condições para que haja o desenvolvimento das diversas habilidades,

Contextualizando os relatos quanto ao reconhecimento da escola no que diz respeito às suas habilidades, ficou evidente detectar que, na maioria deles, os primeiros a percebê-las foram os professores. Os professores possibilitaram um espaço escolar que contribuiu para os diversos saberes-fazeres do educando, eles promoveram práticas que, dada a natureza de seus trabalhos, permitiram a “[...] humanização dos alunos historicamente situados, [...] de forma que desenvolvessem as habilidades, atitudes e valores” (PIMENTA, 2000, p. 18) necessários à aprendizagem dos conhecimentos, permitindo a relação entre o saber do estudante e o saber escolar.

Apesar do “não dito”, ou seja, da importância que alguns professores tiveram na vida desses artistas - falamos do “não dito” porque a negação da escola era bem mais expressiva na fala dos artistas, entre um relato e outro, foi que, em alguns momentos, captamos a valorização que estes davam aos professores. Aos professores, não à escola. Infelizmente, em suas falas o depoimento sobre educação formal sempre foi negativo – é que passamos a narrar agora, “o dito” sobre a educação escolar.

Para Juarez Lima, a escola muito pouco ajudou. Ele narra como exemplo os cálculos de Matemática. *“Tive muita dificuldade em Matemática na vida escolar, em compensação, nos galpões dos bois tinha exatidão para que a alegoria não caísse”*. Segundo o artista, *“minha maior influência foi trocando experiências no cotidiano, aprendi, fazer, fazendo. Dei movimento às alegorias, construí simetricamente as imagens e assim por diante”*. Percebemos aí um conhecimento construído e aprendido fora dos muros da escola e que a própria escola não soube aproveitar ou, pelo menos, fortalecer.

Há todo um saber apreendido nesse contexto: arte, matemática, física, conhecimento que foi adquirido por Juarez Lima nos galpões dos bumbás e na troca de experiência com outros. Esses saberes adquiridos em espaços não-formais são levados à sala de aula, mas não foram aproveitados. A escola reúne diferentes

percepções de mundo, influenciadas pelas culturas que se fazem presentes nos diversos contextos. “Nosso cérebro recebe positivamente informações vindas já prontas de fora. Num dos modelos teóricos mais conhecidos, o conhecimento é apresentado como resultado de tais informações” (MATURANA E VARELA, 2001, p. 7-8). A fala do artista ainda nos remete aos Parâmetros Curriculares Nacionais que vêm, desde 1997, falando da importância da Pluralidade Cultural, sendo que a ideia é que a escola reconheça e valorize as diferentes formas de percepção e de compreensão cultural e social que se encontram presentes nas salas de aula (BRASIL, 1997). O artista Juarez Lima sonha em *“levar para a sala de aula, o que fez para obter, para chegar à compreensão prática da matemática e dos movimentos das alegorias”*.

Outro depoimento que nega a escola é de Adenilson Ribeiro, para ele: *“tenho bastante dúvida se a escola aproveita um pouco os conhecimentos que os alunos trazem de fora de seus muros”*. Os estabelecimentos de ensino precisam compreender que o processo científico se dá de forma gradativa e recíproca. Logo, a criança e seu conhecimento trazido de casa, através das suas vivências, devem ser trabalhados, a fim de buscar uma aprendizagem com mais sentido para sua história de estudante. *“É necessário que o professor se reencontre com a educação e a valorize como um processo permanente na vida das pessoas, que transcenda as paredes da escola e da chamada idade escolar”*. (KALHIL e MENEZES, 2009, p. 36). Com isso, é de suma importância rever as metodologias utilizadas nas escolas. O ensino tradicional já se mostrou ineficiente, prova disso, são as estatísticas que indicam que as crianças do Ensino Fundamental mal sabem ler e escrever, e precisam aprender a contextualizar suas experiências.

Marialvo Brandão reconhece a importância das escolinhas dos dois bois e que estão longe de se parecerem com as escolas formais, ele afirma:

*Nas escolinhas nós estamos formando vários artistas, novos auxiliares e que a gente vai poder aproveitar a mão de obra deles futuramente, diferente da escola tradicional, que não é muito voltada pra esse lado, ela não tem uma área específica voltada pra arte, pelo menos aqui na nossa cidade deveria ter um núcleo, voltado pra esse lado aí de forma artística, de conhecimento, de técnicas.*

Tornar a aprendizagem dos conhecimentos adquiridos nas escolinhas dos dois bois uma estratégia de compreensão dos conteúdos da sala de aula, pode ser uma

alternativa de melhoria na prática escolar, neste debate Kalhil e Menezes (2009, p. 42), identificam que:

A criatividade é a capacidade de produzir e comunicar nova informação em forma de produtos originais. Pode-se manifestar como descoberta, como invenção ou como criação de obras artísticas, modelos de atuação, método e procedimento.

Neste aspecto, o mesmo processo criativo que as crianças bem adquirem nas escolinhas do boi, pode também ser algo estimulante para uma melhor assimilação dos conteúdos programáticos das escolas formais.

Ao falar de saberes culturais, utilizamos a ideia de Brandão (2002, p 16) para nos posicionarmos sobre cultura. Para o autor, inicialmente somos um ser da natureza, mas nos diferenciamos dos demais animais pelo fato de possuímos a capacidade de pensar e, com isso, sermos sujeito da cultura. Brandão (2002) ainda apresenta como conceito de cultura:

[...] tudo aquilo que criamos a partir do que nos é dado, quando tomamos as coisas da natureza e recriamos como os objetos e os utensílios da vida social, representa uma das múltiplas dimensões daquilo que, em uma outra, chamamos de: cultura (BRANDÃO, 2002, p.22).

Os atores de Parintins têm criado e recriado a partir do festival folclórico e, com isso, conseguem influenciar política e economicamente o município, elevam o nome da cidade, os holofotes se voltam para a ilha, em função da arte proveniente do parintinense. Karu Carvalho destaca que sua arte foi despertada na escola, a partir daí passou a confeccionar trabalhos para professores e alunos. Em relação ao processo de criação e de reconhecimento na fase inicial do artista, ele perpassa por obstáculos onde precisa criar caminhos para que seja percebida sua arte. “Não se trata de adquirir uma cultura experimental, mas sim de mudar de cultura, de derrubar os obstáculos amontoados pela vida diária”. (GIORDAN, 1996, p. 176). E foi exatamente no âmbito escolar que arte foi a *priori* identificada.

Antônio Cansanção esclarece que sim, hoje utiliza a regra de três, usa o PI, mesmo com as deficiências no ensino, as matérias somam no seu trabalho artístico. Mesmo sabendo que o sistema educacional necessita buscar novas alternativas que ofereçam ao educando estímulos, para que ele se sinta motivado em aprender e compreender que o conhecimento é uma constante e todo o conhecimento é

resposta a uma questão, e que “a ciência não é mais um conhecimento cuja disseminação se dá exclusivamente no espaço escolar, nem seu domínio está restrito a uma camada específica da sociedade, que a utiliza profissionalmente. (DELIZOICOV, 2011, p.127). Com essa prática, a escola, a sala de aula, o ato de aprender e de ensinar terá mais sentido, o aluno não irá para a escola para cumprir as designações dos seus pais, e sim porque terá prazer em conhecer, pois será instigado a desvelar, a criar e a aprender. O professor não estará apenas passando cópias, será um agente que produz, um gerador de teoria pedagógica, transformador de sua árdua tarefa de ensinar.

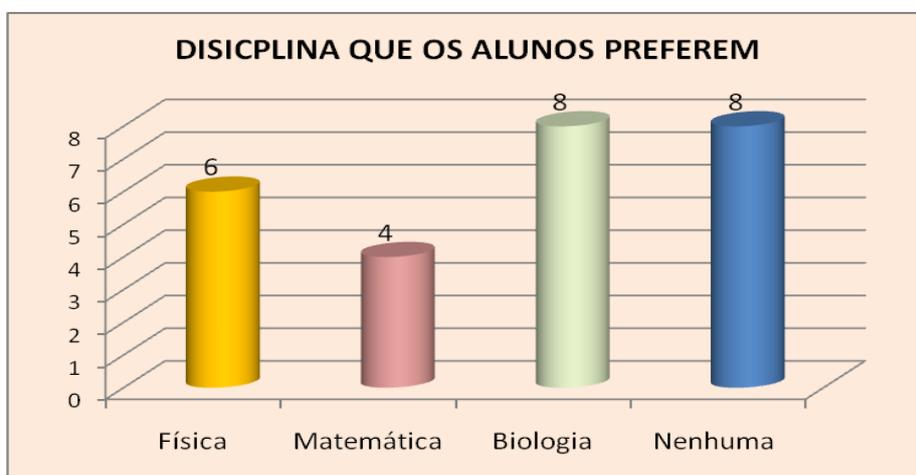
## 4 A ESCOLA E A CULTURA POPULAR DE PARINTINS: O OLHAR DOS ALUNOS E DOS PROFESSORES

O conhecimento adquirido nas práticas culturais interfere na escola e vice-versa? A escola incorpora as atividades culturais de Parintins em seu dia a dia? A educação escolar e a cultura são processos complementares, porém, muitas vezes, apresentam contraditórios, embora a escola não esteja alheia e descompromissada com o processo do folclore em Parintins. Este capítulo buscou discutir como se dá essa relação, qual a visão dos alunos e dos professores, como são vivenciadas ou não as práticas culturais na escola.

Coincidentemente, as entrevistas e observações na escola se deram justamente no período do festival folclórico e isso permitiu acompanhar a vivência da escola e ter uma maior clareza no levantamento dos dados.

A pesquisa foi realizada com 26 (vinte seis) alunos do Ensino médio, do 2º e 3º ano, tendo como critério de seleção somente os que participam dos galpões dos bois Garantido e Caprichoso. Devido ao estudo estar vinculado ao ensino de ciência, as entrevistas se deram somente com os professores de Física, Matemática e Biologia, bem como as observações foram em suas respectivas aulas.

No processo de construção da festa, a maioria desses alunos participa da cênica, animando as torcidas (chamadas de galera) ou como ritmistas da batucada – Garantido ou na marujada – Caprichoso. Nessa relação há fortemente a presença dos conhecimentos básicos de Matemática, Física e Biologia, mas quando perguntamos se gostavam dessas disciplinas suas respostas foram:



**Gráfico 1:** Preferência nas disciplinas – 2015  
**Fonte:** Questionário aplicado aos alunos - 2015

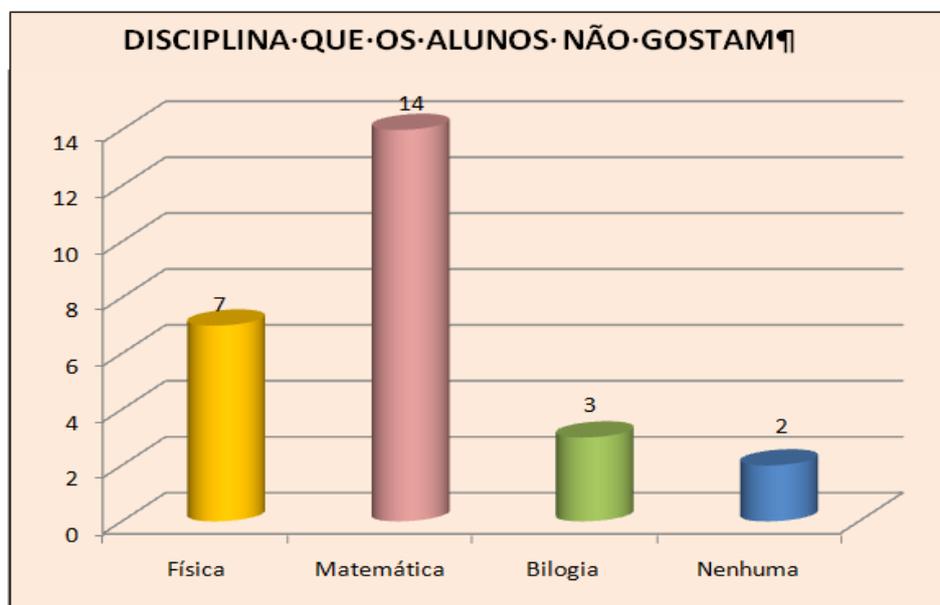
Em um universo de 26 alunos, apenas 6 afirmam gostar de Física e 4 de Matemática. Esse dado é relevante porque é através do conhecimento de Física e de Matemática que as alegorias são confeccionadas e que se busca equilíbrio nas fantasias. Os artistas, responsáveis pelas alegorias, juntamente com sua equipe, têm que calcular o peso que uma alegoria vai suportar, sem ter problemas em suas estruturas. Quando perguntamos aos alunos o porquê de não gostarem dessas disciplinas suas respostas foram: “o ensino é chato, repetitivo, cheio de regras” (A.D.S, 17 anos). Para Calil (2009, p.106) “[...] esse temor, reforça ainda mais a repetição mecânica de textos dos livros didáticos das séries subsequentes. A transmissão do conhecimento passa a ser feita de forma fragmentada”. Diante de uma realidade que se faz presente e é vivida pelos alunos, um pouco de criatividade ao trabalhar os conhecimentos desses componentes seria uma saída para tornar o ensino mais prazeroso. Através da criatividade, oferecer aos estudantes a oportunidade de reencontrar as ciências em seu cotidiano e descobrir que ela está presente na vida e nas suas atividades laborais nos galpões dos bois.

Outro dado que nos chamou a atenção foi que dos 26 estudantes, 8 não se interessam por nenhum dos componentes. De todas as dificuldades por que passa a educação escolar no Brasil e, em particular, em Parintins, se destaca, atualmente, a falta de interesse dos estudantes pelas atividades escolares. Temos então alunos apáticos e, por conseguinte, professores frustrados por não atingirem seus objetivos.

As aulas de ensino e ciência deveriam promover a curiosidade dos fatos e a utilização da criatividade, originalidade, pensamento crítico, principalmente em uma época em que os alunos estão com seu olhar voltado para o folclore, para a festa dos bois, ficando mais difícil sua concentração nas aulas que são morosas, com cópias do quadro, com exercícios infundáveis que não têm haver com seus interesses. Como sugestão, nesse momento poderiam ser utilizados os espaços não-formais, como museus, galpões dos bois, palestras dos artistas, contribuindo no ensino de ciências através de seu depoimento, de suas vivências reais. Kalhil e Menezes (2009, p. 89) destacam que:

Devido à falta de laboratório nas escolas, propõem-se atividades de educação não-formal para suprir essa carência, pela visita de centros de ciência, universidades, parques e museus, que desenvolvem metodologias lúdicas, capazes de estimular os alunos a aprender e expressar esses conhecimentos através de uma nova linguagem, conforme apresentado pela visita de alguns parques urbanos da cidade.

Para obter mais compreensão acerca do interesse dos alunos por esses componentes curriculares fizemos a pergunta inversa, ou seja, quais disciplinas eles não gostavam e o resultado foi (gráfico 2):



**Gráfico 2:** Disciplinas que os alunos não gostam – 2015  
**Fonte:** Questionário aplicado aos alunos - 2015

Os dados vêm conferir a informação do gráfico anterior, a maioria sinaliza não gostar de Matemática. Nosso questionamento se volta, portanto, para como esses conteúdos estão sendo trabalhados na escola. Será que os saberes desenvolvidos nos galpões adentram os muros das escolas em Parintins? Os conteúdos programáticos estão sendo relacionados a essa diversidade cultural? Em observações em salas de aula identificamos como os conteúdos são apresentados aos estudantes. Apresentados porque acontece apenas a exposição dos assuntos dissociados da vida cotidiana e em detrimento à valorização dos conhecimentos prévios dos estudantes.

#### **4.1 Habilidades adquiridas nos galpões e a aprendizagem escolar**

Jovens que são capazes de matizar cores, dar vida a uma fantasia, calcular o peso de uma alegoria, saber vivido nos galpões dos bois, mas que possuem problemas com a aprendizagem escolar. Os espaços oferecidos pelas agremiações proporcionam uma infinidade de conhecimento e, através da prática cultural,

sinalizam para a escola formal como a prática docente pode ser mais eficaz, mais condizente com a realidade, nesse debate Calil (2009, p.34) destaca que:

O conhecimento prático, proveniente do senso comum, mesmo não tendo fundamento científico, possui uma importância geral para a população, já que está presente no cotidiano de todas as pessoas, traduzindo-se em um conhecimento não científico diário, independente do nível de escolaridade ou da classe social.

Não se pode negar que as agremiações folclóricas, em muitos casos, resgataram e resgatam pessoas que a sociedade deixou alheia do processo educacional formal e que hoje são pessoas respeitadas, reconhecidas, bem-sucedidas economicamente, fruto de um trabalho que o boi ofereceu. Em contrapartida, a educação formal não consegue inserir tais conhecimentos na vida escolar dos educandos.

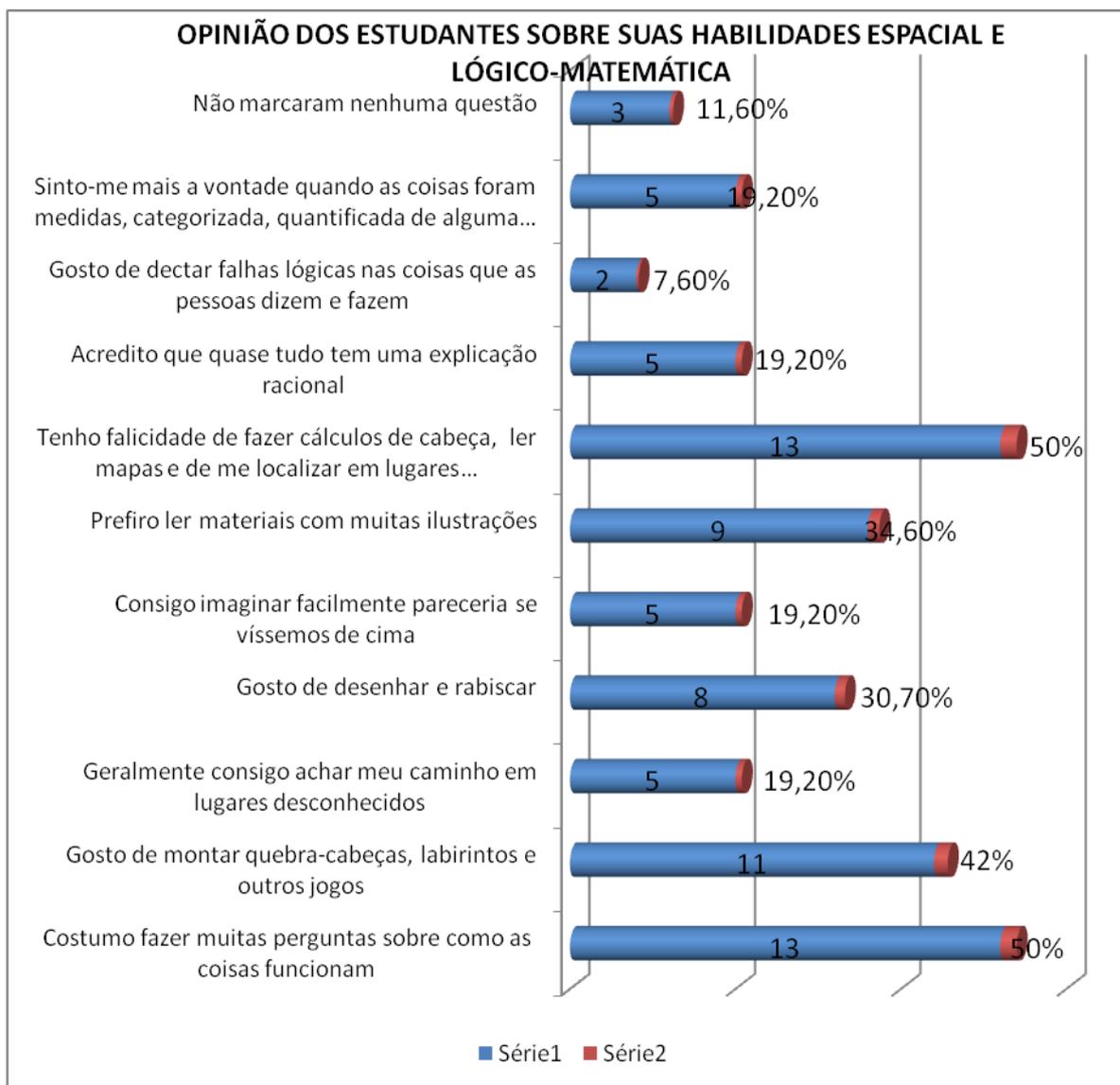
Os conhecimentos dos componentes de Física e Matemática, bem como Biologia estão presentes na construção cultural de Parintins e ajudam a estruturar o pensamento, o raciocínio dedutivo, a observar as questões naturalistas, além de serem ferramentas para tarefas específicas, em quase todas as atividades humanas. Em seu papel formativo, esses componentes contribuem para a formação de pensamento e a aquisição de atitudes, podendo formar alunos com capacidade de resolver problemas, gerando hábitos de investigação, proporcionando a confiança para enfrentar novas situações, além de contribuir na percepção da beleza e da harmonia, o desenvolvimento da criatividade e outras capacidades (BRASIL, 1997).

#### **4.1.1 Habilidade espacial e a capacidade lógico matemática**

Um dos conhecimentos muito presentes na vida dos estudantes que participam dos bois bumbás foi a inteligência espacial, associada à Lógica Matemática, descrita por Gardner (2000) como a capacidade para perceber o mundo visual e espacial de forma precisa. É a habilidade para manipular formas, objetos, composição. Para ele, é a inteligência dos artistas plásticos. Por isso, envolve sensibilidade para cores, linha, reta, formas, configurações espaciais, características necessárias para se envolver com a festa dos bois bumbás de Parintins.

Com o objetivo de averiguar se realmente os estudantes que trabalham nos galpões dos bois apresentam essas habilidades, foi aplicado um questionário,

adaptado de Armstrong (2004). Observamos acentuada inteligência espacial e lógico-matemática, conforme as respostas ao questionário (anexo 01), tabuladas no gráfico 3.



**Gráfico 3:** Opinião dos estudantes sobre suas habilidades espacial e lógico-matemática  
**Fonte:** Pesquisa de campo - 2015

Os estudantes podiam assinalar mais de uma resposta, isso justifica o número de estudantes na soma dos dados ser maior que 26. As respostas indicam que mais estudantes percebem em si mesmo uma maior facilidade para as habilidades espacial e lógico-matemática. Das dez perguntas realizadas, em 5 delas os estudantes se identificaram, umas com mais frequências, outras não. Uma outra situação que justifica o menor número em alguma das questões, pode ser o fato de

terem o contato com as atividades diferenciadas nos galpões dos bois. Observam que alguns artistas trabalham com alegorias, e isso envolve um conhecimento maior de Matemática e Espacialidades, outros observam a confecção de fantasias e também o contato direto com a musicalidade, o que levaria a um maior desempenho em Biologia.

Na escola, a disciplina indicada como a que menos gostam foi justamente a Matemática. Em contrapartida, nos galpões os artistas realizam muitas atividades que envolvem cálculo e domínio da espacialidade. Para Nuñez e Ramalho (2004, p.89) “cabe à educação em ciências promovida pelo Ensino Médio oportunizar, de forma sistemática, a construção e a aplicação dos saberes para sua apropriação pelos alunos”. Os estudantes no dia a dia demonstram sua aptidão para a Inteligência Espacial, Física ou Matemática? Para Pozo (2009, p. 212), “a experiência diária sobre o movimento dos corpos proporciona dados confiáveis sobre o seu comportamento. Trata-se de uma série de fatos conhecidos que são de conhecimento público”. Isso justifica esse conhecimento adquirido fora da escola, porque esses jovens têm a curiosidade de saber como as coisas funcionam. Então, eles aprendem, no cotidiano, ciências tão complexas que permitem a eles gerar movimentos em alegorias gigantescas, criar condições favoráveis para, através de uma manivela, gerar movimentos diversos em uma cobra grande, em um curupira, um mapinguari, dar forma e movimento à figura do boi bumbá, entre outros elementos que condizem com a temática da apresentação.

Ainda para Pozo (2009, p. 189), “a Física é uma das disciplinas que fazem parte das chamadas ciências da natureza que, entre outros, tem por objetivo o estudo do mundo e seus fenômenos, da matéria e da energia, e tudo que se relaciona com a natureza e suas derivações”. Na escola, observamos que, muitas vezes, o estudante até compreende a disciplina, mas na hora do exercício ou de uma prova ele se perde em seu raciocínio e, por isso, muitas vezes deixa de gostar da ciência enquanto conhecimento elaborado. Deste modo, é adequado que o professor utilize mecanismos para mostrar que tais conhecimentos se encontram no cotidiano, que faz parte da vida e que “o conhecimento científico é imprescindível para as pessoas poderem tirar o melhor proveito do que fazem na vida” (SALLES *et.al*, 2009, p. 136). A ciência está em tudo, assim como a cultura.

Através da cultura, o homem consegue enxergar o mundo ao seu redor e busca nele seus significados. Tais significados não estão fora dos muros das

escolas, mas é necessário aproveitar tais conhecimentos trazidos pelos estudantes, associar a prática docente à prática vivenciada por eles, tornando consistente o conhecimento apreendido nos galpões, as limitações desse conhecimento, quando cortado com o conhecimento científico, com a finalidade de propiciar uma análise crítica do educando, ao se defrontar com o conhecimento que ele já possui e, simultaneamente, propiciar alternativas de apreensão do conhecimento científico. (DELIZOICOV, 2002).

Os professores de ciência necessitam estar atentos às concepções culturais dos alunos, possibilitando uma maior comunicação entre os sujeitos da aprendizagem, porém, contrariamente, percebe-se a dificuldade de comunicação nas salas de aulas. Na realidade, na maioria das vezes, o que ocorre é um monólogo do professor. Com isso, “as aulas de Ciências são chatas e monótonas. Os alunos não conseguem conceber os conteúdos científicos para além das palavras e símbolos utilizados” (CARVALHO, 2004, p. 129). A educação formal ainda persiste na prática conteudista, muito embora seja compreensível que para haver uma prática docente eficaz é imprescindível que escola reconheça e aproveite o conhecimento sociocultural peculiar em todo ser humano. Diante das observações coletadas, a opinião de Delizoicov (2002, p. 125) traz a seguinte reflexão:

Será que esse aluno tem interesse no que lhe está sendo proposto como conteúdo a ser aprendido? Será que desperta sua curiosidade, justifica com o prazer final o esforço de aprender? Será que ele pode entender as relações entre os tópicos, ou está sendo somente adestrado para decorar palavras e procedimentos sem significado, que serão rapidamente esquecidos, até por falta de uso?

Essas reflexões são fundamentais para que a aprendizagem seja mais eficiente e eficaz, “daí a importância de o professor criar oportunidades reais para que eles expressem suas ideias, utilizando outros instrumentos de avaliação desses conhecimentos prévios”. (CAMPOS, 1999, p. 54). Se o professor percebesse que na maioria das salas de aulas as concepções dos alunos são condizentes com as concepções científicas, ele conseguiria tecer um diálogo com os mesmos, tendo o conteúdo como eixo norteador. Infelizmente, nas salas de aula não são considerados os saberes culturais dos estudantes para ampliação das ideias científicas, mas a subtração dos mesmos. “Muitas vezes, dificuldades para aprender derivam-se do fato do aluno não saber “o que não sabe”, o que pode impossibilitá-lo

de procurar estratégias em busca da construção do desconhecido e, conseqüentemente, autorregular sua aprendizagem”. (NUÑES e RAMALHO, 2004, p.57).

O mais instigante nessa análise é reconhecer praticamente que a metade, dos que afirmaram não gostar de Matemática trabalham com seus conhecimentos diariamente, principalmente com o conhecimento de espacialidade. Percebemos que, na escola, o estudante “não sabe o que ele tem de saber”. Isso me lembra uma frase de Cora Coralina <sup>12</sup> “*O saber se aprende com os mestres. A sabedoria, só com o corriqueiro da vida*”.

A falta do saber científico parece estar na ausência de estratégias para conduzir o estudante ao encontro de uma aprendizagem capaz de resgatar sua aprendizagem cotidiana. Paulo Freire (1987) em seu livro “Pedagogia do Oprimido” defendia como objetivo da escola ensinar o aluno a “ler o mundo” para poder transformá-lo. Para ele, a missão do professor era possibilitar a criação ou a produção de conhecimentos, ele dizia que ninguém ensina nada a ninguém, mas as pessoas também não aprendem sozinhas, se educam entre si mediados pelo mundo. Logo, “a eficácia da educação científica deverá ser medida pelo que conseguimos que os alunos realmente aprendam”. (POZO, 2009, p. 27).

Foi comum observar em sala de aula os estudantes se perderem nos conteúdos maçantes e monótonos, que não representam um significado para a vida cotidiana, e, quando se deparam em uma prática que exige o raciocínio, como nos galpões, a estrutura da lógica se dá de forma menos complexa. Neste prisma, na troca de experiências se somatiza, então, uma verdadeira aprendizagem.

Essa reflexão segue a seguinte reflexão: o que faz os nossos alunos pesquisados estarem tão distantes da Matemática? Por que tantas dificuldades são apresentadas? Por que ela é, ainda, uma das disciplinas que mais reprovam? Uma das causas pode ser explicada pelo fato dessa ciência ainda ser realizada através de explicações no quadro e cópia de exercícios. O conteúdo ainda é trabalhado de forma engessada. Acreditamos que seja necessária uma renovação do ensino de ciências, não só de uma renovação epistemológica dos professores, mas que essa

---

<sup>12</sup> Frases de Cora Coralina, <http://kdfrases.com/frase/99163>. Acesso em: 25 de janeiro de 2016.

venha acompanhada por uma renovação didático-metodológica de suas aulas, quiçá acompanhada de aulas práticas (CACHAPUZ, 2005).

Os artistas dos bois bumbás de Parintins, muitas vezes, em suas falas, chamaram a atenção para esse fato e chegaram a afirmar que é necessário introduzir uma metodologia mais prazerosa, sendo o conhecimento resultado da interação entre sujeito e a realidade, interação esta que é necessária para a construção das representações e expectativas dos sujeitos, pois estes se encontram com a necessidade de produzir uma ciência que atenda às suas expectativas. (NUÑES e RAMALHO, 2004). Nos galpões, grande parte dos esquemas utilizados nas alegorias se deu na práxis da elaboração da arte.

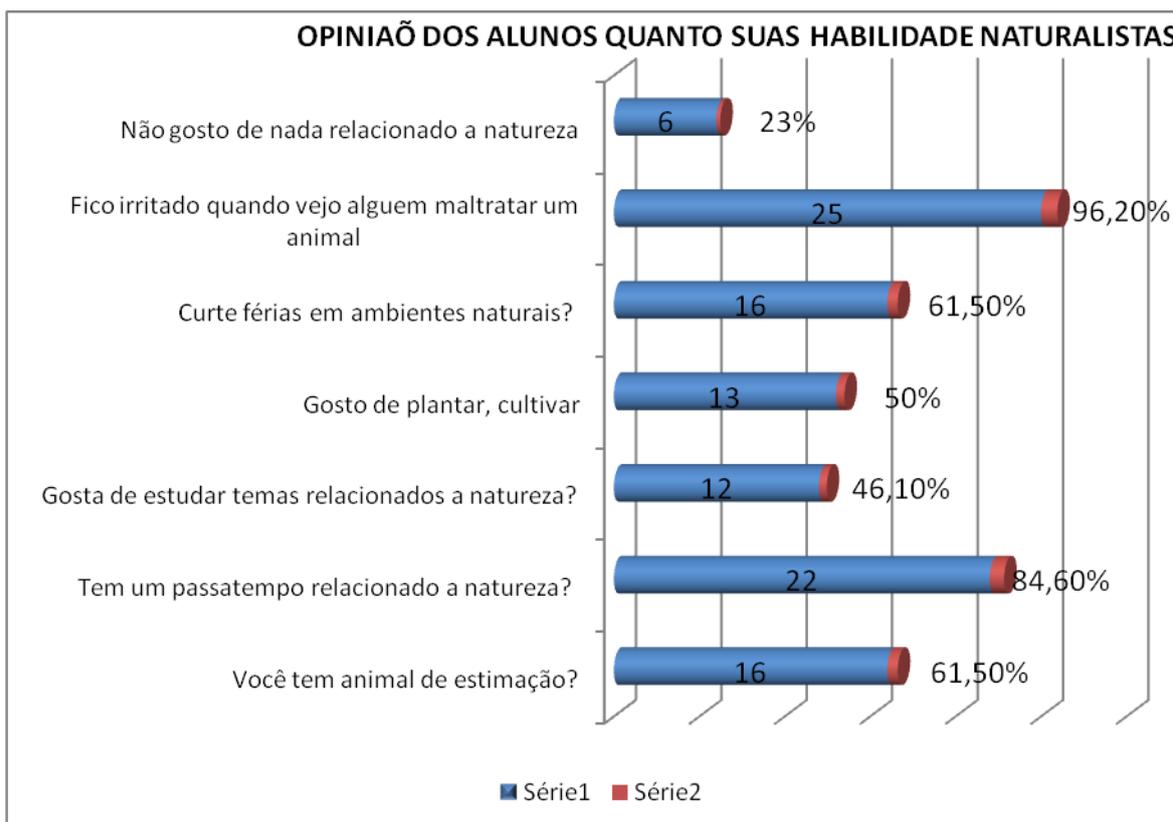
#### **4.1.2 Habilidade Naturalista**

Uma das grandes preocupações do mundo moderno é a sustentabilidade, é o saber pedagógico alicerçado em um saber ambiental, pois a falta de uma consciência ecológica tem transformado radicalmente o nosso planeta, causando desequilíbrio na fauna e na flora. O problema é tão sério que a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 dedica um capítulo inteiro à questão ambiental e define que cabe ao Poder Público “promover a Educação Ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do Meio Ambiente” (CF. Art. 225, VI). Também os Parâmetros Curriculares consideram que a educação ambiental deva estar presente no currículo, como tema transversal, devendo ser ministrada de forma interessante e prazerosa para estabelecer, no estudante, um vínculo de afetividade com o tema meio ambiente.

O folclore de Parintins em suas toadas e fantasias tem trazido à tona muitas temáticas ambientais e, nos galpões, essa preocupação é sempre um dos temas trabalhados. Na escola onde se desenvolveu a pesquisa também é desenvolvido um trabalho voltado para a construção de uma consciência ambiental, realizando um trabalho de coleta de compostagem. Nesse trabalho, os estudantes lidam com a terra, incutem noções de preservação do meio ambiente, coleta seletiva e outros elementos que fazem parte de uma educação ambiental. Campos (1999, p. 54) salienta que:

O professor tem um papel fundamental na condução do processo de construção do conhecimento pelo aluno. E, atualmente, fica cada vez mais claro que um dos papéis do professor deve ser o de favorecer que seus alunos superem a metodologia das superficialidades no tratamento do mundo natural.

Será que essa superficialidade tem sido superada tanto nos galpões dos bois como no contexto escolar? Para saber se os estudantes têm desenvolvido habilidades naturalistas, utilizamos, novamente, questionários adaptados dos testes de Armstrong (2004) para saber se há, de fato, uma afetividade sendo desenvolvida nos estudantes em relação à natureza. Para tanto, utilizamos seis afirmações: Você gosta de animais? Tem um passatempo relacionado à natureza? Gosta de estudar temas relacionados à natureza? Tem facilidade de diferenciar tipos de plantas? Curte férias em ambientes naturais? Gosta de programas, livros, revistas sobre natureza?



Novamente, os estudantes puderam assinalar mais de uma resposta. Mas, em todas elas é possível perceber que suas opiniões refletem as características de uma inteligência naturalista, segundo a teoria de Gardner (2000, p. 47), como a capacidade em reconhecer padrões na Natureza; identificar e classificar objetos e as

numerosas espécies; compreender sistemas naturais e aqueles criados pelo homem. O autor sugere, ainda, que essa inteligência também está relacionada a uma participação em alguma atividade culturalmente valorizada e que o desenvolvimento do indivíduo segue uma determinada trajetória. Podemos afirmar que no caso específico de Parintins, através do folclore dos bumbás há uma história que narra toda a cultura de um povo, principalmente os indígenas e sua relação com a natureza. Um trecho da música do Caprichoso<sup>13</sup>: mostra essa harmonia entre homem e natureza

[...] Entoam os cantos em grande esplendor  
Exaltando a mãe natureza  
Que Tupã criou  
A coisa mais linda do meu boi-bumbá  
É ver esse povo pra lá e pra cá  
É ver a floresta e o mundo inteiro  
Explodirem no ar  
(ANSELMO, 1995)

As toadas dos bois comunicam os valores e crenças da cultura local, além de apelarem para a conservação de seus recursos naturais. Os jovens são sensibilizados a terem uma preocupação com o meio ambiente e também podemos observar que estes mesmos valores orientam a educação escolar. Na fala de um dos professores, é possível perceber essa preocupação: “a educação tem responsabilidade de preparar para a cidadania e isso inclui uma educação ambiental”.

Para Gardner (2000), o desenvolvimento das inteligências é,

[...] como um potencial biopsicológico para processar informações que pode ser ativado num cenário cultural para solucionar problemas ou criar produtos que sejam valorizados numa cultura. [...] as inteligências não são objetos que podem ser vistos nem contados. Elas são potenciais – neurais presumivelmente – que poderão ser ou não ativadas, dependendo dos valores de uma cultura específica, das oportunidades disponíveis nessa cultura e das decisões pessoais tomadas por indivíduos e/ou suas famílias, seus professores e outros (Gardner, 2000, p. 47)

Os valores culturais se fazem muito presentes quanto às questões ambientais em Parintins e, dessa forma, todo um valor natural é ativado pelo envolvimento dos estudantes e de seus professores. Percebemos que os estudantes se sentem

---

<sup>13</sup> Toada: Cantos da mata. Composição de Alceo Anselmo. Faixa 04 da mídia de 1995 – Boi-bumbá Caprichoso – Luz e Mistério da Floresta. Texto integral nos anexos.

orgulhosos de participarem da festa, de morarem em Parintins e de como sua festa é conhecida nacionalmente.

Quando aplicamos o questionário aos estudantes, todos estavam apreensivos, mas, depois, deixaram a imaginação fluir e percebemos o quanto eles foram transparentes em suas escolhas. Aproveitando essa imaginação nos utilizamos da seguinte história para detectar a predominância dessa inteligência naturalista: “Você caminhando por uma rua, de repente, vê um gato correndo, gritando com o rabo grampeado e, próximo ao gato, um menino, autor da situação, o que você faria diante disso?” 11 (onze) estudantes disseram que procurariam salvar o gato, 1 (um) ficaria receoso do gato machucá-lo, 11(onze) chamariam a atenção do menino que provocou o incidente, apenas 3 (três) disseram que nada fariam.

Estabelecemos, assim, um jogo intelectual destinado a transformar o desconhecido em conhecido, dentro de situações do dia a dia para, deste modo, perceber o quanto o estudante tem uma inclinação para a inteligência naturalista, ecológica ou biológica.

Em sala de aula, também ficou evidente o quanto os alunos gostam da disciplina de Biologia. Esse gostar está associado à prática do professor, que tem utilizado uma metodologia diferenciada. Ele desenvolve um projeto de compostagem. O projeto inicial é uma experiência que está dando certo, uniu-se no experimento teoria à prática. Os alunos são instigados através de gincanas e premiações ao final de cada bimestre, acumulam pontos e ainda obtêm conhecimento sobre as questões ambientais. Unir prática à teoria já está sendo uma atividade positiva, que está provocando mudanças tanto nos alunos, quanto nos professores.

Na experiência com o projeto de compostagem, foram despertadas nos estudantes características que envolvem valores éticos, ambientais e, acima de tudo, humanos. O professor conseguiu “tornar a aprendizagem dos conhecimentos científicos em sala de aula num desafio prazeroso e conseguiu que seja significativa para todos, tanto para o professor quanto para o conjunto de alunos que compõem a turma” (DELIZOICOV, 2002, p. 153).

Diante dessas informações, percebemos que o professor tem em mente que o aluno é o sujeito da atividade e ele não está isolado, e possui todo um conjunto das relações sociais que estabelece com os outros e se tratando do processo de conhecimento é imprescindível reconhecer e dar destaque nas atitudes, valores,

como consequência da própria atividade cognitiva do aluno com o objeto da aprendizagem. (NUÑES E RAMALHO, 2004).

Acreditamos que o desenvolvimento da ciência se relaciona a aspectos sociais, políticos, “a educação científica aparece assim como uma necessidade do desenvolvimento social e pessoal” (CACHAPUZ, 2005, p. 37); as opções feitas pelos cientistas, muitas vezes, refletem seus interesses (estando, muitas vezes, distante da realidade de outros indivíduos).

#### **4.2 Docentes: protagonistas de informação ou sujeitos em formação?**

As reflexões realizadas nesse item são oriundas das discussões que realizamos com os professores e a necessidade de construir uma relação entre práticas pedagógicas do ensino de ciências e o reconhecimento dos saberes locais. Uma visão comum é dar um certo *status* superior ao saber científico em detrimento à aprendizagem que permeia a vida do estudante.

Para essa discussão, tivemos a participação de 4 (quatro) docentes, sendo 2 (dois) com formação em Matemática, 1 (um) com mais de 34 (trinta e quatro) anos de experiência e que, por falta de profissional na área de Física, já ministrou aula também desse componente curricular, e outro com 3 (três) anos e meio de experiência no componente de Matemática; 1 (um) professor formado em Licenciatura em Física, com 3 anos de experiência, que também já ministrou aula de Matemática; e 1 (uma) professora formada em Biologia, com mais de 34 anos de docência.

Primeiramente, perguntamos aos docentes qual a visão deles sobre os estudantes que participam do festival folclórico dos bois Garantido e Caprichoso? Obtivemos as seguintes respostas:

*Professor 1: Nos primeiros meses do ano letivo, esses alunos são assíduos, participativos, mas quando começam as festas juninas, os ensaios, aí muda. Não dão mais atenção, o pensamento se volta somente para o boi. A falta de interesse é constante, é o período em que há maior número de reprovação. Quando passa esse período, muitos até abandonam a escola (O.B.F., professor de Matemática e Física, há 34 anos)*

*Professor 2 - Aproximadamente 50% são participativos e os outros 50% são negligentes, pois chegam a faltar aula para participar dos ensaios do boi (D.A .O, professor de Física, há 3 anos)*

*Professor 3 - Bem, não posso falar dos meus alunos atuais, pois não os conheço muito bem, retornei a Parintins, após trabalhar 3 anos no município de Maués/AM. Na escola onde eu trabalhava existia uma quantidade muito elevada de alunos que participavam de grupos de dança pertencentes a agremiações folclóricas e, muitos deles, precisavam viajar para outras cidades, com o intuito de fazer apresentações. Não posso generalizar todos os casos, mas, na maioria deles, os alunos que participavam destes grupos acabavam sendo prejudicados, uma vez que suas faltas não eram justificadas. (C.P.S., professor de Matemática, há 3 anos).*

*Professor 4 - Os alunos que participam da festa e da brincadeira folclórica do boi-bumbá apresentam comportamento normal, agem dentro dos princípios normativos da escola (R.H.P.B. professora de Biologia, há 34 anos).*

Observamos que os três primeiros professores percebem a evasão dos alunos nesse período de festividade, por conta dos ensaios e das atividades que desenvolvem nos balcões dos bois. Os três professores, dois de Matemática e um de Física, chegam a afirmar o desinteresse dos alunos, suas faltas e, por fim, até a negligência à escola, por escolherem o boi e não as aulas.

Coincidentemente, esses componentes curriculares foram apontados pelos alunos como aulas chatas e monótonas. Também foram identificadas como habilidades necessárias para o desenvolvimento de suas atividades desenvolvidas no folclore, como medir, calcular, ter domínio de espacialidade. Em contrapartida, a professora de Biologia, afirmou que os alunos agem normalmente, dentro dos princípios da escola, todavia é a mesma professora que desenvolve a atividade de compostagem e estabelece relação com o ensinado e o vivido pelos estudantes.

Percebemos que há uma dissociação das relações entre cultura e educação científica e que o conhecimento popular não está sendo considerados na orientação dos currículos de ciência. O Festival Folclórico de Parintins já acontece há algumas décadas. Não estaria na hora dos professores repensarem suas práticas pelo menos no momento que esse evento está acontecendo? Os alunos se dispersam, faltam às aulas. Que metodologias poderiam ser utilizadas para amenizar esse problema ou que atividades poderiam estar sendo propostas para superar a dicotomia entre a cultura popular e o ensino aprendido na escola? A reflexão sobre essa problemática que já vem acontecendo, há algum tempo, pode levar à substituição da prática tradicional de ensino, onde a aula só acontece na sala de aula propriamente dita. Ou ainda, explorar a inter-relação entre ciência e sociedade no contexto de vida dos estudantes.

Como sugestão, propomos aos professores utilizarem os recursos locais, estabelecendo relação entre os galpões dos bois e a escola, utilizarem textos e problemas que abordem o festival, desmistificando a ideia de ciência pronta e acabada e desenvolverem atividades científicas em cada um desses componentes que não impeçam os estudantes de participarem do contexto cultural, mas sim que explorem os métodos, os critérios de validade e racionalidade sobre os quais os conhecimentos são construídos.

A sala de aula é, por excelência, um espaço coletivo, há uma diversidade de saberes, de histórias de vida e de conhecimentos. É na relação com o outro que o estudante elabora suas representações e reelabora, cria, constrói, coordena com outras interpretações, através da cultura, busca argumentos e consolida novos significados, na eterna busca pelo devir. (LIMA, 2004). O fato de o aluno estar respirando a cultura dos bumbás implica na representação de esquemas aos quais os docentes poderiam organizar e contextualizar na sua prática.

O professor de Ciências, imerso nessa realidade, tem em mãos a possibilidade de tornar a aprendizagem do conteúdo específico da área em um desafio que todos possam vencer. (DELIZOICOV, 2002, p. 144), criando alternativas que possibilitem maior participação nas aulas, compartilhando experiências, seus sonhos, o motivo de estar participando daquela atividade cultural. O professor tem um leque de opções para transformar aquela infrequência avassaladora que as escolas de Parintins todos os anos enfrentam.

É interessante quando o professor conhece o seu aluno, pensa sobre esse aluno, sabe dos seus anseios e de suas expectativas, no entanto, parece que “o que define a atividade profissional de muitos professores é, ainda hoje, explicar a ciência aos seus alunos; e o que define o que seus alunos fazem costuma ser copiar e repetir” (POZO, 2009, p. 250). A quantidade está em primeiro lugar, a qualidade, a subjetividade do aluno, acaba se tornando balela, diante de tantos afazeres que os professores são designados a cumprir.

Fazer ciência hoje é, antes de tudo, conhecer o espaço onde ocorrerá o processo de aprendizagem. Todo conhecimento científico é um constante jogo de hipóteses e expectativas lógicas, um constante vaivém entre o que pode ser e o que é, em caráter de construção e reconstrução, uma permanente discussão e argumentação/contra argumentação entre a teoria e as observações e as suas

experiências realizadas (CACHAPUZ, 2005). O conhecimento prévio dos alunos muito contribui para haver esse constante vaivém, o feedback ocorre nessa ocasião.

O fato argumentado pelos professores quanto à infrequência ocorrida durante o período da festa foi imprescindível para perguntamos a eles suas opiniões sobre por que os alunos preferem os ensaios que as aulas.

*Professor 1 - A juventude hoje é muito ligada às festas e, muitas vezes, a escola não promove atividades que venham despertar o interesse dos alunos e aulas sem motivação. Por outro lado, os bois executam essa atividade no horário das aulas e a família não acompanha, não incentiva os filhos a frequentarem as aulas e, tanto a escola como a família, devem mostrar a esses alunos que o futuro de cada um depende da educação. (O. B.F.)*

*Professor 2 - A questão de "status sociais" em relação aos seus amigos (D.A.O.).*

*Professor 3 - A falta de uma orientação adequada até mesmo por parte do corpo pedagógico da escola e a falta de uma estrutura familiar adequada contribuem para que os alunos acabem por optar pela escolha de ensaios, como não existe uma fiscalização rígida isso acaba acontecendo. Vale ressaltar que muitos destes alunos são menores (C.P.S.).*

*Professor 4 - Essa problemática não atinge os alunos que frequentam a escola durante o dia, esse agravamento se confirma mais no horário noturno (R.H.P.B.).*

Fazendo uma rápida leitura da fala dos professores temos: o primeiro professor admite que as aulas são desmotivantes, mas responsabiliza os familiares por não acompanharem os filhos e os incentivarem para vir à escola, afirmando que o futuro de cada estudante está na educação. O segundo professor associa à relação com manter o *status* entre os amigos, já o terceiro professor responsabiliza o corpo pedagógico, a falta de uma estrutura familiar e a fiscalização da escola. A última professora afirma que este é apenas um problema do turno da noite.

Vamos aos fatos. Nenhum docente se responsabilizou pela problemática. Ou é falta de acompanhamento familiar, ou fiscalização pedagógica e escolar, ou são os amigos. A educação é percebida como aquela que prepara para o futuro. Um professor admite que as aulas são desmotivantes.

Para os professores, a falta de interesse dos alunos na época do festival não é de responsabilidade deles. Eles creditam que o baixo índice de frequência é de responsabilidade das famílias e dos próprios alunos, que são jovens demais. Essa visão simplista impede que o professor enxergue sua responsabilidade. Claro que uma família estruturada é um fator importante para a escola, mas e se o estudante

não tiver essa família? Qual o papel da escola? Pela fala dos professores, aparentemente, a escola parece competir com o movimento cultural desenvolvido em Parintins.

A festa do boi parece encantar, enquanto a escola desencanta. Nesse sentido, a prática do professor é merecedora de nossa atenção, devido este ser figura propulsora no processo de ensinar e aprender, e, nesse contexto, cabe-nos perguntar, os estudantes não têm interesse ou são excluídos pelos currículos escolares? Para Sacristán (2000), o currículo é um instrumento de mediação entre a cultura real e a cultura escolarizada, por isso, a realidade não se reduz ao que é evidente. É preciso descobrir o que não está evidente. Se a cultura real está ameaçando a cultura escolarizada, o problema não evidente não é simplesmente o desinteresse do aluno ou culpa dos pais. Nesse contexto, não se deve considerar que o ensino está somente limitado aos programas oficiais ou aos propósitos dos professores.

A aprendizagem efetiva depende das capacidades que têm os sujeitos para dar significado às experiências, como estímulos do meio exterior. (NUÑES E RAMALHO, 2004, p.77). O papel do professor é o de construir com os alunos essa passagem do saber cotidiano para o saber científico, por meio da investigação e do próprio questionamento acerca do fenômeno. (CARVALHO, 2004, p. 26) para oferecer mais sentido no saber, na prática educacional. Fato este, portanto que está sendo negado.

Renegar o fator cultural e responsabilizar o corpo pedagógico e a família simplifica o papel do professor que também tem uma função fundamental para a formação dos adolescentes, ou ainda, ele nega aos educandos exercitar e praticar ações que os preparem para viver e participar de sua comunidade. “Todo fazer leva a um novo fazer: é o círculo cognitivo que caracteriza o nosso ser, num processo cuja realização está imersa no modo de ser autônomo do ser vivo” (MATURANA E VARELA, 2001, p. 264). Nesses moldes, temos um desafio de conduzir os alunos à construção de sua autonomia, de escolhas próprias, porém com responsabilidade.

O ponto crucial para a realização da pesquisa nesse estabelecimento de ensino foi o fato da extinção do turno noturno. Devido aos ensaios dos bumbás, vários estudantes deixam de ser atendidos porque não se pensou em mudar a forma, o modelo de dar aulas, contudo, mesmo não havendo mais aulas à noite porque os ensaios são realizados no período da noite, isso não interfere na

frequência dos alunos. Contudo, envolvidos nas brincadeiras, nas danças, os estudantes, mesmo em turno diferente, tornam-se mais dispersos. Logo, é necessário do professor que produza uma aula mais criativa e atrativa para que assim os discentes não foquem seu interesse simplesmente nas brincadeiras do boi bumbá.

Com a intenção de saber um pouco mais sobre a prática pedagógica e sua relação com a cultura local, perguntamos aos docentes: como se dá a prática das aulas de ciências? As respostas foram:

*Professor 1 - As aulas são com experimentos e com a participação dos alunos, abordando sempre um assunto que é preparado para cada momento em sala de aula com a turma. Essas experiências são sempre do cotidiano do aluno” (O.B.F.) .*

*Professor 2 - Em relação à Física, se dá através de observação, estudo teórico e experimentação (D.A.O.).*

*Professor 3 - Não tenho propriedade para falar sobre essas práticas. Na minha disciplina, que é Matemática, procuro contextualizar o conteúdo com algumas aplicações (C.P.S.).*

*Professora 4 - Toda atividade é uma prática do indivíduo. Agora, em se tratando de aula-laboratório, se torna um tanto difícil, visto que, os tempos de aula são de 45 min, ficando quase que impossível realizar essa prática em face ao tempo, pois, sempre em uma aula- laboratório, a sala de aula ou o laboratório fica com “lixo” dos materiais utilizados e sobra sempre para o colega que vem depois (R.H.P.B.).*

Conforme as observações realizadas durante as aulas, não houve, naquele momento, nenhum experimento, assim como os alunos eram “sentantes” e ouvintes, logicamente que todo profissional da educação tem em mente aulas dinâmicas com experimentos e a participação de toda a turma, contudo, na prática, as dificuldades são muitas. Sendo assim, o discurso dos professores diverge de suas práticas. Seus discursos parecem inovadores, contudo a prática é pautada em uma visão bancária, acumulativa de conteúdos a serem simplesmente adquiridos pelos estudantes, que submetem seus educandos a assistirem aulas em suas carteiras e acompanharem os seus ritmos (FREIRE, 2010).

Por outro lado, não podemos negar que há práticas educativas que dão condições, que preparam o sujeito estudante para assumir seu ser social, histórico, transformador. Sendo necessárias propostas educacionais que possibilitam aos educandos “ter acesso aos conhecimentos científicos mais significativos por meio de

uma descoberta mais ou menos pessoal e que parte do pressuposto de que eles estão dotados de capacidades intelectuais similares às dos cientistas” (POZO, 2009, p. 250). A ciência não é mais algo intocável, hoje ela se realiza através de situações rotineiras, como, na fervura de uma água, nos galpões dos bumbás, na administração de um antibiótico, entre outras experiências do cotidiano e, na sala de aula, mesmo sem um laboratório sofisticado, as trocas de informações são imprescindíveis.

Não foi observada nenhuma aplicação ou qualquer relação das aulas com o contexto da festa, no sentido de enfatizar os cálculos utilizados na divisão dos módulos das alegorias, momento oportuno para serem realizadas como “pequenas pesquisas, aqueles problemas nos quais se apresenta uma pergunta cuja resposta, necessariamente, requer a realização de um trabalho prático por parte dos alunos, tanto no laboratório escolar como fora da sala de aula”. (POZO, 2009, p. 238). Nessa dinâmica cultural, seria de grande valia o docente contextualizar suas aulas nas manifestações cognitivas dos artistas.

Podemos considerar que, “o professor de Ciências precisa ter referências na ciência, se ele quer que seu discurso seja marcado pelas características da ciência. A construção dessa referência pode ser dada por meio da abordagem histórica” (CARVALHO, 2004, p. 26), as dificuldades, de fato, são diversas e é fundamental nesse viés construir metodologias aplicadas na questão sociocultural e histórica. Nesse enfoque, fizemos a seguinte pergunta aos professores: Já houve alguma visita nos galpões dos bois?

*Professor 1 - Não (O.B.F.).*

*Professor 2 - Eu só comecei a trabalhar na cidade em setembro do ano passado e, desde então, ainda não houve essa visita (D.A.O.).*

*Professor 3 - Desconheço (C.P.S.).*

*Professor 4 – De iniciativa própria não. E acrescento, realizar visita nos galpões é uma estratégia legal, desde que haja uma transposição didática de conteúdo para o contexto em evidência (R.H.P.B.).*

Nesse debate, podemos considerar que vivemos em uma sociedade que prioriza o saber tradicional da ciência, regado a metodologias, e “aprender não é fazer *fotocópias* mentais do mundo, assim como ensinar não é enviar um fax para a

mente do aluno, esperando que ela reproduza uma cópia no dia da prova, para que o professor a compare com o original enviado por ele”. (POZO, 2009, p. 23). Logo, a ideia que se oferece seria utilizar o conhecimento dos artistas e os saberes adquiridos nos galpões para uma interdisciplinaridade, ou seja, através dos relatos de experiência e de depoimentos dos artistas demonstrar aos alunos como se faz. Atualmente, a escola traz o conteúdo de uma forma tão complexa, que ele se torna distante para uma aplicação na prática, fazendo desse conhecimento algo desperdiçado nas instituições de ensino de Parintins.

Os pressupostos de ensino baseados no método científico foram expandidos na década de 1970, quando a didática em ciências consistia em fazer o estudante observar, definir problemas e procurar meios para solucioná-los, interpretar dados, formular generalizações, redescobrir conhecimentos produzidos pela ciência (Método da Redescoberta Científica). Nesse modelo, não fazia qualquer sentido a incorporação dos conhecimentos prévios dos estudantes nas aulas, o que não muda muito da situação atual de muitos professores (BAPTISTA, 2010).

Tornou-se hábito das instituições não reconhecer o aprendizado próprio do aluno, insistindo na pedagogia mecanicista, do “decoreba”, visando apenas à teoria, nem sequer fazendo um *feedback* com aquilo que, muitas vezes, o aluno tem a oferecer, pois em Parintins os professores reconhecem que nos movimentos presentes nas alegorias, assim como, na divisão dos seus módulos há, fortemente, a presença das Ciências Exatas. Na investigação foi importante saber se os professores utilizam esses saberes em sala de aula. Quando indagados, obtivemos como resposta:

*Professor 1 – Não (O.B.F.)*

*Professor 2 - Geralmente os professores de educação artística (D.A.O.).*

*Professor 3 - Seria interessante, a observação no galpão, principalmente no 2º ano do ensino médio, sendo que as estruturas que são utilizadas para a construção de alegorias são ricas em formas geométricas. Confesso que seria interessante essa observação e a aplicação desses saberes (C.P.S.).*

*Professora 4 - Na Biologia, comenta-se a questão socioambiental (lixo doenças, DSTs, prostituição infanto-juvenil e outros assuntos lembrados e colocados pelos alunos no momento da conversa em sala de aula) (R.H.P.B.).*

Nessa análise, podemos considerar que ainda os padrões tradicionais fazem parte do pensamento dos professores em se tratando da arte, por exemplo, não há em sua visão a manifestação da cientificidade nas apresentações das alegorias.

É necessário que o professor reconheça seu aluno como sujeito da aprendizagem. Nesse prisma, o professor tem um papel fundamental de auxiliar no processo de construção do conhecimento, mas, sobretudo, perceber que, para de fato poderem exercer esse papel, é preciso pensar sobre quem é esse aluno. (DELIZOICOV, 2002). Quando ocorre essa empatia, a aprendizagem não se distancia dos objetivos traçados e “o professor deve conseguir transmitir seu interesse pelo processo dos alunos e seu convencimento de que um trabalho adequado terminará produzindo os resultados desejados” (GIL PÉREZ, 2009, p. 58), introduzindo em suas práticas os elementos que conduzem o movimento das alegorias, oferecendo aulas envolventes e mais inovadoras.

Nessas falas, detectamos que o professor reconhece a importância da aplicação desses saberes em sua prática docente. Sabemos que a escola formal não é mais o único espaço no qual se faz e se constrói o conhecimento. Logo, “o ser humano, sujeito de sua aprendizagem, nasce em um ambiente mediado por outros seres humanos, pela natureza e por artefatos materiais sociais”. (DELIZOICOV, 2002, p. 130). Na relação do homem com o meio é imprescindível o uso dos recursos socioculturais, pois, através deles, ocorre uma aproximação capaz de conduzi-lo a uma aprendizagem mais consistente.

Na observação registrada pelo Professor 4, o que podemos analisar é que o enfoque é restrito apenas às mazelas ocorridas no âmbito do evento dos bois bumbás. No entanto, essa festa causou uma mudança socioeconômica no município, logo não deve ser contabilizado apenas o lado negativo. “A cidadania que sabe pensar é tecida duplamente: carece consistência metodológica formal e autoridade do argumento. Não precisa gritar, agredir, difamar, violentar. Precisa argumentar” (DEMO, 2010, p. 100). Em muitos momentos, o professor, ingenuamente, pensa estar produzindo ciência ao realizar discussões vagas, sem conhecimento próprio de um assunto.

Quando a pesquisa foi realizada, os professores acreditavam que se tratava de uma crítica aos alunos que participam do festival folclórico, ou seja, com o intuito de desvelar o que alguns profissionais consideram a displicência para com os estudos. Essa postura faz muitos dos docentes rotularem esses alunos e a

menosprezar suas aptidões artísticas. Ao se depararem com o questionário que explicava, de fato, a ideia central do trabalho, que versa sobre o reconhecimento da cognição dos artistas elencados com uma cientificidade que ocorre espontaneamente nos galpões, todos concordaram com a ideia da pesquisa, assim como garantiram inovarem suas práticas pedagógicas.

Levando-se em consideração as palavras do artista Juarez Lima, quando nos revelou sobre sua vontade de compartilhar seu conhecimento, através de depoimento, foi necessário evidenciar se, na prática, em algum momento, houve uma explicação (palestra) de algum artista a fim de relatar seu conhecimento prático. Os professores em sua totalidade responderam que não.

Na concepção Vygotskyana, a aprendizagem é uma atividade social, uma atividade de construção e reconstrução da cultura, mediante a qual o indivíduo assimila os modos sociais de atividade e, quando no espaço escolar, os conhecimentos científicos sob condições de orientação, medição, interação social e cultural. Nas relações sociais, mediadas pela história, produz-se a cultura, objeto de conhecimento e ponto de partida para sua construção que fornece mais sabor à aprendizagem (NUÑES E RAMALHO, 2004), quando isso não ocorre, o conhecimento se estreita, não há uma dinamicidade, o conhecimento torna-se algo *mofado*, a aprendizagem fica fossilizada, sendo que o processo de aprendizagem está vinculado às vivências, e, atualmente, para ensinar a ciência é preciso “adotar como um de seus objetivos prioritários a prática de ajudar os alunos a aprender e a fazer ciência, ou, em outras palavras, ensinar aos alunos procedimentos para a aprendizagem de ciências” (POZO, 2009, p. 47), relacionando-a com situações do cotidiano. A nossa proposta é oferecer possibilidades para que haja, de fato, uma relação entre conhecimento formal e informal, dando, logicamente, ênfase a cada um deles. Toda aprendizagem é relevante para os indivíduos.

Nesse enfoque, procuramos saber se houve alguma experiência desenvolvida pelo professor que estivesse associada ao folclore com os conteúdos de ciências e as respostas foram:

*Professor 1 - Uma das experiências foram no conteúdo de Resistência Elétrica, com uma comparação em que fui fazendo com uma associação com resistores e galeras dos bois. Enquanto uma galera torce para seu boi ser vencedor o outro também faz o mesmo trabalho (O.B.F.).*

*Professor 2- A observação dos trabalhadores que são responsáveis pelos movimentos das alegorias e também o próprio movimento das alegorias, como acontece e suas aplicações físicas (D.A.O.).*

*Professor 3 - Não tenho propriedade para responder essa pergunta (C.P.S.).*

*Professora 4 - Fazendo aliança do contexto ao texto, tratou-se da questão “produção de lixo nos dias da festa folclórica em Parintins”, o resultado foi alarmante. Diante disso, fez-se a discussão e apresentamos à comunidade (R.H.P.B.).*

Ressaltamos, mais uma vez, que a pesquisa se deu antes do recesso do festival e depois, nas observações, ao retornar do recesso, não foi enfatizado, em nenhum momento, sobre a relação da festa e suas vertentes nas aulas. “Desta forma, acreditamos que as atividades práticas podem auxiliar na construção de explicações mais poderosas, capazes de dar sentido às nossas experiências com o mundo”. (LIMA, 2004, p. 22), porém o que se notou foram alunos e professores exaustos. Mesmo com o recesso, estavam cansados, salas de aula com refrigeração comprometida, conversas constantes, enquanto o professor ministrava sua aula. O que percebemos, lamentavelmente, é que a construção de uma pedagogia inovadora, menos maçante, ainda está longe de acontecer. Os professores se sobrecarregam, impossibilitando essa prática. A aplicação de uma didática facilitadora e a prática de ensino estão em paralelo e “nenhuma mudança educativa formal tem possibilidades de sucesso, se não conseguir assegurar a participação ativa do professor”, (CARVALHO, 2004, p. 8). Isto é, se não houver o interesse do professor para estender a sua prática e a aceitação para novas propostas de aprendizagem, as ideias ficarão armazenadas nos planos de aula e nas gavetas da escola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento transforma o ser humano, as novas possibilidades de evidenciar o contexto social, científico e cultural do qual os filhos de Parintins se localizam, nos remetem a um olhar provido de riqueza de saberes, ocasionando assim mudanças no pensar, no fazer, no ser e, principalmente, na vertente cognição *versus* ciência. O encontro com os artistas, docentes e discentes nos ofereceu uma diversidade de alternativas para desenvolver essa pesquisa.

Desenvolver esse estudo foi mais que um desafio, foi uma superação dos limites de uma pesquisadora que, há mais de uma década, tinha em mente um projeto que falasse sobre a relação entre cultura popular e o saber escolar, elencados no fazer artístico do parintinense. E tramitar nesse universo desafiador por meio de uma pesquisa nos remete a uma série de conflitos, tais como o de redimensionar o contexto da pesquisa para atender às exigências do mestrado em educação em ciências na Amazônia.

E, quando partimos do pressuposto de que ensinar ciências se dá de diversas maneiras, isso foi mágico, pois a ideia é valorizar o conhecimento dos artistas do boi no decorrer de sua trajetória de vida, tendo em vista que o artista parintinense se depara com muitas dificuldades, sendo a primeira delas a falta de reconhecimento do sistema escolar que negligencia sua habilidade, deixando-o fora de uma educação que insiste em manter os padrões convencionais e tradicionais de aprendizagem. Se não fosse seu potencial artístico, hoje talvez o artista fosse um delinquente. Como, em toda regra há uma exceção, quem permaneceu nos estudos, teve que ter muita obstinação.

Outra dificuldade encontrada pelos artistas é quanto a ter de deixar seus familiares para desenvolver seu trabalho em outras cidades.

A inteligência é um fator biológico e o homem em suas inquietações procura aprimorar o que faz. Nessa busca, ocorre o processo de cognição do parintinense nas Artes especificamente, e todo conhecimento é amigo do homem, o acompanha e, como diz Bachelard, nesse estudo, a epistemologia é aliada do docente. Como somos ora professores, ora alunos, acreditamos que a escola já não é mais o único local no qual se desenvolve o saber, como persiste o olhar positivista. E, nessa

dinâmica, nos remetemos a Vygotsky que, com sua teoria pautada no meio físico, social e cultural, muito somou para que em campo nos encontrássemos de maneira satisfatória.

O ensino de ciências nos oferece oportunidades de desvelar a realidade, quebrando com a visão cartesiana de pensar, do pronto e acabado. E, em Parintins, foi possível desenvolver um estudo que veio atender às manifestações artísticas, permitindo compreender que no espaço não-formal se faz ciência, isentando-se das fórmulas complexas e enfadonhas, e fazendo aquele artista, que era tido como um nada na escola, se tornar um mago da arte, capaz de produzir ciência. Mesmo sem intencionalidade, alcançou uma cientificidade nos galpões dos bois.

Indo em campo, vimos um distanciamento entre os conteúdos da escola e o saber cultural. Primeiramente, foi constatado que nos galpões dos bumbás Garantido e Caprichoso, na dinâmica laboral ocorre a ciência, todavia com as informações coletadas pelos próprios artistas, eles têm a intuição de que há outras maneiras de calcular, de medir, de gerar movimentos, fora dos padrões convencionais que a educação formal ofereceu. O que houve, segundo os artistas foi um descaso da escola, impossibilitando que eles desenvolvessem de forma espontânea esse conhecimento, que somente foi demonstrado no fazer artístico.

Percebemos na fala dos artistas entrevistados que o sistema educacional não tem possibilitado uma leitura sistemática e abstrata do mundo. O objetivo maior da escola é formar cidadãos que saibam pensar e atuar na sociedade em que estão inseridos. A escola, por negar os conhecimentos culturais em detrimento do saber formal, exclui o estudante e a percepção que ainda é construída é que trabalho e escola não são intrínsecos. É preciso almejar uma educação melhor e de qualidade, que tenha como objetivo criar novos ambientes e oportunidades, onde a cultura seja valorizada.

Infelizmente, esse contexto cultural, ainda não adentrou os muros das escolas da Educação Básica e, para muitos, ela ainda é um espaço que apenas ensina a ler e escrever, sem o envolvimento com a vida. Os professores apenas dão aula, sem ter o cuidado de relacionar sua prática com uma abordagem sociocultural.

Vislumbrar o cotidiano do aluno hoje é tarefa fundamental para o futuro do estudante, o conteúdo só tem significado quando demonstramos sua utilização nas

esferas cotidianas. Segundo os PCNs (BRASIL, 1998), as necessidades culturais cotidianas fazem com que os alunos desenvolvam uma inteligência essencialmente prática, que permite reconhecer problemas, buscar e selecionar informações, tomar decisões e, portanto, desenvolver uma ampla capacidade para lidar com as atividades das ciências. Quando essa capacidade é potencializada pela escola, a aprendizagem apresenta melhor resultado.

Os artistas de ponta do festival obtiveram, através da cultura, conhecimentos que se inter-relacionam com a prática escolar, todavia a escola negligenciou a prática desses artistas e perdeu a oportunidade de fazer ciência. Os relatos demonstram que a educação formal ainda precisa abrir as portas da escola para o contexto cultural, utilizando-se dela como ferramenta para melhorar o processo ensino-aprendizagem.

É perceptível que urge estabelecer uma proposta que reconheça a importância do festival folclórico no contexto escolar e que este seja utilizado na prática docente, isso traria benefícios tanto para a educação formal quanto para o saber cultural.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. de. **Introdução à metodologia do trabalho científico - 5ª ed.** São Paulo: Atlas, 2002.

ANTUNES, C. **Trabalhando habilidades: construindo ideias.** São Paulo: Scipione, 2001.

\_\_\_\_\_. **Jogos para a estimulação das Múltiplas Inteligências.** 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. **A avaliação da aprendizagem escolar.** 3ª ed. fascículo 11. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Inteligências múltiplas e seus jogos: inteligência ecológica,** Vol. 3. 2ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ARENDT, H. **A condição humana;** tradução de Roberto Raposo; prefácio de Celso Lafer, -9. ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

ARMSTRONG, T. **Inteligências múltiplas na sala de aula. 4. ed.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento;** tradução Esteia dos Santos Abreu.- Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. 316 p.

\_\_\_\_\_. **A Epistemologia.** Tradução: Fátima Lourenço Godinho e Mário Carmino Oliveira. Lisboa/Portugal: Edições 70 Ltda., 2006.

\_\_\_\_\_. **A Poética do Espaço;** tradução Antônio de Pádua Danesi. – 2ª. ed.- São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.** Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da UnB, 1987.

BAPTISTA, G.C. S. **Importância da Demarcação de Saberes no Ensino de Ciências para Sociedades Tradicionais.** Revista Ciência e Educação, v. 16, n. 3. P. 679-694, 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cieduv16n3v16n3a12.pdf>> Acesso em: junho de 2015.

BENDASSOLLI, P. F. **Trabalho e identidade em tempos sombrios: insegurança ontológica na experiência atual com o trabalho**; prefácio de Thomaz Wood Jr. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2007.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**; tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro – RJ: Bertrand Brasil, 1989.

BRANDÃO, C. R. **A Educação Como Cultura**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

BRANDÃO, C. R. **O trabalho de saber. Cultura camponesa e escola rural**. 2ª. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. 12 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

\_\_\_\_\_ **Parâmetros curriculares nacionais: ciências naturais/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

\_\_\_\_\_ **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm) Acesso em: janeiro de 2016.

BURKE, P. **O que é história cultural?** Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CACHAPUZ, A. **A Necessária renovação do ensino das ciências** – São Paulo: Cortez, 2005.

CALIL, P. **O professor pesquisador no ensino de ciências** – Curitiba: Editora Ibpex, 2009.

CÂMARA DO DEPUTADOS, 52ª Legislatura – 1ª Sessão Legislativa – SÉRIE – SEPARATAS DE DISCURSOS, PARECERES E PROJETOS Nº 124/2003. **Semana do Amazonas – Os caminhos da economia e cultura de um povo**, Centro de Documentação e Informação. Coordenação de Publicação, Brasília, 2003.

CAMPOS, M. C. C. **Didática de ciências: o ensino-aprendizagem como investigação** – São Paulo: FTD, 1999.

CANDAU, M. V., MOREIRA, A. F. B. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação: Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação**. Rio de Janeiro: mai/jun/jul/ago, n.23, 2003.

CARVALHO, A.M.P. **Ensino de Ciências: Unindo a pesquisa e a prática**. – São Paulo: Pioneira Thomson Learnig, 2004.

CEVASCO, M. E. **Para ler Raymond Williams**. – São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CRESWELL, **Pesquisa de métodos mistos**; tradução: Magda França Lopes; revisão técnica: Dirceu da Silva. 2a. ed.- Porto Alegre: Penso, 2013..

CUNHA, A. S. **Implicações do gênero no exercício da docência e na construção do espaço das escolas públicas estaduais de Manaus/AM**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, USP, 2012.

CUNHA, A. S. **Implicações dos processos sociais na implementação do plano de gestão ambiental em Manairão**. Dissertação de mestrado. Ufam, 2007.

DARNTON, R. **O beijo de Lamourette: mídia, poder, revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DELIZOICOV, D. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos** – São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos** – 4. ed.- São Paulo: Cortez, 2011.

DEMO, P. **Participação é Conquista: noções de política social participativa**. 5.ed. São Paulo, Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Educação e alfabetização científica** – Campinas, SP: Papirus, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30. ed. São Paulo, Paz e Terra, 2004.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 42ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas: A Teoria na Prática**. Tradução de: Maria Adriana Veríssima Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

\_\_\_\_\_ **Estruturas da Mente: A Teoria das Inteligências Múltiplas**; tradução de: Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GIL-PEREZ, D. **Formação de professores de ciências: tendências e inovações**. 9. ed. – São Paulo: Cortez, 2009.

GIORDAN, A. **As origens do saber: das concepções dos aprendentes aos conceitos científicos**; tradução de Bruno Charles Magne. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GONZAGA, A. M.; FACHIN TERÁN, A.; BARBOSA, I. S. *et. al.* **Temas para o observatório da educação na Amazônia**. Curitiba: CRV, 2011.

KALHIL, J. B., MENEZES, A. P. S. (organizadores). **Novas tendências pedagógicas: proposta alternativa no ensino de ciências**. -1. ed.- Curitiba: Editora CRV, 2009.

KEPHART, N.. **O aluno de aprendizagem lenta**; tradução de Ieda Luci Sehm Gerhard. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5a. ed. São Paulo: Atlas 2006.

LIMA, M.E.C.C. **Aprender Ciências: um mundo de materiais**. 2a. ed. Revista. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

MARCUSE H. **A Ideologia da Sociedade Industrial**; tradução de Giasone Rebuá- 6 ed.. Rio de Janeiro: Zaha, 1978.

MARX K. **Manuscritos econômicos-filosóficos**; tradução Jesus Ranieri – 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2004.

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**; organização e tradução Cristina Magro, Victor Paredes. - Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MATURANA, H. R., VARELA, F. J. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**; tradução: Humberto Mariotti e Lia Dislin;

ilustração: Carolina Vial, Eduardo Osório, Francisco Olivares e Marcelo Maturana Montañez – São Paulo: Palas Athenas, 2001.

MINAYO. M.C.S. **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**; tradução Eloá Jacobina. - 8a ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NUÑES, I. B., RAMALHO, B. L. **Fundamentos do Ensino-Aprendizagem das Ciências Naturais e da Matemática: o Novo Ensino Médio** – Porto Alegre: Sulina, 2004.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sócio-histórico** - São Paulo: Scipione, 1997.

OLIVEIRA, G. C.. **Psicomotricidade e reeducação num enfoque psicopedagógico**. 20a. ed, Petrópolis, RJ, 2015

PARO, V. H. **Qualidade do Ensino: a contribuição dos pais**. São Paulo: XAMÃ, 2000.

PIMENTA, S. G. **Pedagógicas e atividade docente** / Textos de Edson N. Campos [et. Tal]. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

POZO, J. I. **A aprendizagem e o ensino de ciências: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico**; tradução de Naila Freitas. – 5. ed.- Porto Alegre: Artmed, 2009.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 23 ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

REVEL, J. **Proposições: ensaios de história e historiografia**; tradução de Claudia O'Connor dos Reis. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2009.

REVISTA PARINTINS CULTURA E FOLCLORE, nº 2, junho de 2001.

SACRISTÁN, J. G. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SALLES, S. E. *et. al.* **Ensino de biologia: história, saberes e práticas formativas** – Uberlândia: UDUFU, 2009.

SEC - Secretaria de Estado de Cultura, Turismo e Desporto, Folder: **Festival Folclórico de Folclórico de Parintins** - Viva Parintins, 2003.

SOUZA A. R., CAVALCANTI G. C., R. Y. DAKUZAKU (orgs.) **Uma outra economia é possível: Paul Singer e a economia solidária** - São Paulo: Contexto, 2003.

TORRES I. C. **Noção de trabalho e trabalhadores na Amazônia.** Revista Somanlu. Manaus: Edua. Nº 2, Ano 4, Jul./Dez. 2004

\_\_\_\_\_. **As malhas do trabalho e da economia solidária no Brasil:** Iraildes Caldas Torres (Org)- Manaus: Edua, 2010.

\_\_\_\_\_. **O ethos das mulheres da floresta.** / Organização: Iraildes Caldas Torres. - Manaus: Editora Valer / Fapeam, 2012.

VALENTE, W. R. **Saber Científico, Saber Escolar e suas relações: elementos para reflexão sobre a didática.** Revista Diálogo Educacional, v.4, n.10, 2003. Recuperado de <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=787&dd99=view&dd98=pb>  
Acesso em: 25 de outubro de 2014.

VALENTIN, A. **Contrários – A celebração da rivalidade dos Bois-Bumbás de Parintins.** Manaus: Editora Valer, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 3ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WEBER M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo;** tradução de M. Irene de Q.F. Szmrecsányi.Tamás J.W.K. Szmrecsányi. -- 11. ed, - São Paulo: Pioneira. 1996.

WILLIAMS, R. **Cultura.** Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. Conhecendo o campo de pesquisa por um devir de pesquisadora

## ANEXOS

**ANEXO A – OFÍCIO DE SOLICITAÇÃO DE PESQUISA**



GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
ESCOLA NORMAL SUPERIOR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS  
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA

Of.nº. 007/2015 UEA-ENS-PPGEEC

Manaus, 27 de março de 2015.

Ilma. Senhora.

Ana Ester Pinho de Lima Paulino

Coordenadora Regional da Secretaria de Educação e Qualidade de Ensino de Parintins

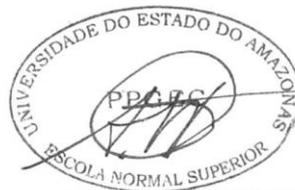
A Universidade do Estado do Amazonas por meio do Mestrado Acadêmico em Educação em Ciências na Amazônia, apresenta a mestranda *Suhellen Martins da Silva*, RG 1665119-7 e CPF 721358322-00, sob orientação da Professora Doutora Aldenéia Soares da Cunha. Nesta oportunidade solicitamos a viabilização da pesquisa intitulada: *Inteligências Múltiplas: da cognição dos artistas parintinenses às implicações na aprendizagem da ciência na sala de aula*, nesta instituição, no período de 01 de abril a 30 de junho, nos turnos matutino, vespertino e noturno. Na certeza de contar com o apoio de V.Sa. agradeço atentamente pela relevante parceria.

Contato:

*Suhellen Martins da Silva*

92 - 99147-8607

Atenciosamente,



Prof. Dr. Augusto Fachín Terán

Coordenador do Mestrado Acadêmico em Educação em Ciências na Amazônia

Ana Ester Pinho de Lima Paulino  
Coordenadora Regional de Ensino  
Port. GS 666 de 08 de julho de 2013  
Parintins, AM  
30/03/2015

Universidade do Estado do Amazonas  
Av.: Djalma Batista, 3578 - Flores  
CEP: 69050-010 / Manaus - AM  
www.uea.edu.br





GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
ESCOLA NORMAL SUPERIOR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS  
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA

Of.nº. 005/2015 UEA-ENS-PPGEEC

Manaus, 27 de março de 2015.

Ilmo. Senhor.

Joilto Gomes de Azêdo

Presidente da Agremiação Folclórica Boi Bumbá Caprichoso

A Universidade do Estado do Amazonas por meio do Mestrado Acadêmico em Educação em Ciências na Amazônia, apresenta a mestranda **Suhellen Martins da Silva**, RG 1665119-7 e CPF 721358322-00, sob orientação da Professora Doutora Aldenéia Soares da Cunha. Nesta oportunidade solicitamos a viabilização da pesquisa intitulada: **Inteligências Múltiplas: da cognição dos artistas parintinenses às implicações na aprendizagem da ciência na sala de aula**, nesta instituição, no período de 01 de abril a 30 de junho, turnos matutino, vespertino e noturno. Na certeza de contar com o apoio de V.Sa. agradeço atenciosamente pela relevante parceria.

Contato:

**Suhellen Martins da Silva**

92 - 99147-8607

*Lucimárcia Gomes da Silva*  
SECRETARIA DO CAPRICHOSO  
CPF: 660.149.262-87

*Revisão:*  
30  
03  
2015

Atenciosamente,



*991112234*  
*hurgismad*

Prof. Dr. Augusto Fachin Terán  
Coordenador do Mestrado Acadêmico em Educação em Ciências na Amazônia

Universidade do Estado do Amazonas  
Av.: Djalma Batista, 3578 - Flores  
CEP: 69050-010 / Manaus - AM  
[www.uea.edu.br](http://www.uea.edu.br)

  
**AMAZONAS**  
GOVERNO DO ESTADO

GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
ESCOLA NORMAL SUPERIOR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS  
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA

Of.nº. 006/2015 UEA-ENS-PPGEEC

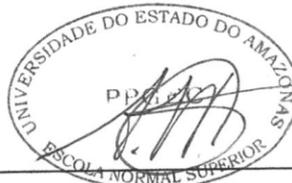
Manaus, 27 de março de 2015.

Ilma. Senhor.  
Adelson Albuquerque  
Presidente da Agremiação Folclórica Boi Bumbá Garantido

A Universidade do Estado do Amazonas por meio do Mestrado Acadêmico em Educação em Ciências na Amazônia, apresenta a mestranda **Suhellen Martins da Silva**, RG 1665119-7 e CPF 721358322-00, sob orientação da Professora Doutora Aldenéia Soares da Cunha. Nesta oportunidade solicitamos a viabilização da pesquisa intitulada: **Inteligências Múltiplas: da cognição dos artistas parintinenses às implicações na aprendizagem da ciência na sala de aula**, nesta instituição, no período de 01 de abril a 30 de junho, turnos matutino, vespertino e noturno. Na certeza de contar com o apoio de V.Sa. agradeço atentamente pela relevante parceria.

Contato:  
**Suhellen Martins da Silva**  
92 - 99147-8607

Atenciosamente,



Prof. Dr. Augusto Fachin Terán  
Coordenador do Mestrado Acadêmico em Educação em Ciências na Amazônia

Universidade do Estado do Amazonas  
Av.: Djalma Batista, 3578 - Flores  
CEP: 69050-010 / Manaus - AM  
www.uea.edu.br

Recebido em: 01/04/2015.  
as 17:28. Apoio





Ofício Circular nº 001 / 2015 C.R.E.P.

Parintins-Am, 01 de Abril de 2015

Da: Coordenadora Regional de Educação de Parintins  
Aos (as): Gestores (as) das Escolas Estaduais de Parintins

Assunto: Realização de pesquisa acadêmica de pós-graduação da mestranda SUHELLEN MARTINS DA SILVA da Universidade do Estado do Amazonas, nas Escolas Estaduais de Parintins.

Senhores (as) Gestores (as),

Na oportunidade em que cumprimento Vossas Senhorias sirvo-me do presente expediente para, informar-lhes que a Mestranda SUHELLEN MARTINS DA SILVA do Mestrado Acadêmico em Educação em Ensino de Ciências na Amazônia, da Universidade do Estado do Amazonas, sob a orientação da professora Doutora Aldenéia Soares da Cunha, está autorizada a realizar a pesquisa intitulada Inteligências Múltiplas: da cognição dos Artistas Parintinenses às Implicações na Aprendizagem da Ciência na Sala de Aula.

Sem mais para a ocasião agradecemos antecipadamente.

Atenciosamente,

  
**Aurélio Sousa Silva**  
Coord. Adjunto Pedagógico  
Portaria GS 203-27/03/2014

*Recebido 09/06/15  
Heloísa.*



## CAPRICHOSO

Ofício nº 14/2015/AFBBC

Parintins/AM, 05 de Maio de 2015.

Da: Associação Folclórica Boi Bumba Caprichoso  
Para: Prof.Dr. Augusto Fachin Terán  
Coordenador do Mestrado Acadêmico em Educação em Ciências na  
Amazônia.

Senhor Professor,

Ao cumprimentá-lo cordialmente, e em atenção ao Ofício nº005/2015 UEA-ENS-PPGEEC, de 27 de abril de 2015. A Associação Folclórica Boi Bumba Caprichoso está autorizando a mestranda Suhellen Martins da Silva a realizar a pesquisa intitulada: Inteligências Múltiplas: da Cognição dos artistas Parintinense às implicações na aprendizagem da ciência na sala de aula.

Certos de sua compreensão desde já agradeceram a parceria.

Atenciosamente,

Elias da Silva Michiles  
Diretor Administrativo da AFBBC

**ELIAS DA SILVA MICHILES**  
DIRETOR ADMINISTRATIVO  
PORTARIA Nº 003 2014 BBC  
CPF 337.979.942-49





Associação Folclórica Boi Bumba Garantido

Ofício nº019/2015 – GP- AFBBG

Parintins (AM), 24 de abril de 2015.

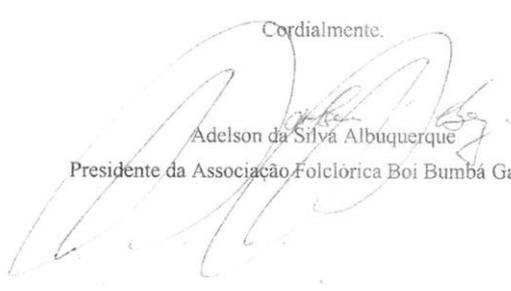
Da: Presidência do Boi Bumba Garantido  
Para: Prof. Dr. Augusto Fachin Terán  
Coordenador do Mestrado Acadêmico em Educação em Ciências na Amazônia

Senhor Professor,

Ao cumprimenta-lo cordialmente, e em atenção ao Ofício nº 006/2015 UEA-ENS-PPGEEC, de 27 de abril de 2015. A Associação Folclórica Boi Bumba Garantido está autorizando a mestranda Suhellen Martins da Silva a realizar a pesquisa intitulada: Inteligências Múltiplas: da cognição dos artista parintinenses às implicações na aprendizagem da ciência na sala de aula.

Sem mais para momento renovamos votos de apreço e consideração,

Cordialmente.

  
Adelson da Silva Albuquerque

Presidente da Associação Folclórica Boi Bumba Garantido

## **ANEXO B – LETRAS DAS TOADAS DO BUMBÁS**

Toada: Lamento de Raça. Composição de Emerson Maia. Faixa 04 da mídia de 1996 – boi bumbá Garantido - Lendas, Rituais e Sonhos.

O índio chorou, o branco chorou  
Todo mundo está chorando  
A Amazônia está queimando  
Ai, ai, que dor  
Ai, ai, que horror  
O meu pé de sapopema  
Minha infância virou lenha  
Ai, ai, que dor  
Ai, ai, que horror  
Lá se vai a saracura correndo dessa queitura  
E não vai mais voltar  
Lá se vai onça pintada fugindo dessa queimada  
E não vai mais voltar  
Lá se vai a macacada junto com a passarada  
Para nunca mais, voltar  
Para nunca mais, nunca mais voltar  
Virou deserto o meu torrão  
Meu rio secou, pra onde vou?  
Eu vou convidar a minha tribo  
Pra brincar no Garantido  
Para o mundo declarar  
Nada de queimada ou derrubada  
A vida agora é respeitada todo mundo vai cantar  
Vamos brincar de boi, tá Garantido  
Matar a mata, não é permitido

Toada: Odisséia Tupinambá. Composição de Hugo Levy, Silvio Camaleão, Neil Armstrong.

Faixa 5 da mídia de 2001 – boi bumbá Caprichoso - Amor e Paixão.

A flecha errante no céu disparou  
Cravando no ódio que o branco espalhou  
Em busca da estrela brilhante da paz  
Começa a lendária odisséia dos tupinambás  
Parecia uma migração  
Das borboletas monarcas  
Dissipando toda solidão  
Do sertão e das matas  
Guerreiros andarilhos  
Incansáveis peregrinos  
Apenas lunações guiavam seu destino  
Em cada vereda, uma lágrima TUPINAMBÁ do trópico de capricórnio rumaram para cá  
Cumá, Ibiapaba, Caeté, Madeira  
Uruna, Tapajós, Amazonas  
Vieram cultivar a sua liberdade  
Enamoraram o rio-mar  
E a natureza do lugar  
Cauim no IBIRAPEMA  
Alma tranquila e serena  
Mas a cobiça do descobridor  
A ferro e fogo os exterminou  
Agora só caminham  
Nas veredas do Guajupιά  
Tupinambarana, minha terra  
Meu amor  
Foi a herança abençoada pelos deuses  
Que este povo nos deixou

Toada: Magia da Toada. Composição de Tony Medeiros/ Inaldo Medeiros/ Edvaldo Machado. Faixa 02 da mídia de 1998 – boi bumbá Garantido – 500 anos do passado para construir o futuro.

De onde vem, a magia da toada  
Vem do sangue do caboclo  
Vem do cheiro da cabocla  
Ou das águas do grande rio  
De onde vem, o encanto da toada  
Vem do compasso das remadas  
Vem das tribos dizimadas  
Vem das cinzas das queimadas  
O feitiço e a magia vêm da ilha  
Tá no sangue, tá na veia, tá na vida  
Tá nas mãos de dona negra parteira  
Ou nos braços de Valdir Viana  
O feitiço e a magia vêm da ilha  
Tá no sangue, tá na veia, tá na vida

Toada: Cantos da mata. Composição de Alceo Anselmo. Faixa 04 da mídia de 1995  
– boi bumbá Caprichoso – Luz e Mistério da Floresta.

Ô, Ô, Ô, há, há  
Quando soam os tambores na mata  
Os corpos entoam seu canto no ar  
E dançando ao redor da fogueira  
Se põem a cantar

Caprichoso é o meu boi bumba  
Há-há-há  
E faz parte de um povo que tem  
Tradição milenar  
Na batida bem forte do grande tambor

Entoam os cantos em grande esplendor  
Exaltando a mãe natureza  
Que Tupã criou  
A coisa mais linda do meu boi bumba  
É ver esse povo pra lá e pra cá  
É ver a floresta e o mundo inteiro  
Explodirem no ar

Hea, ea, ea, ea, eô  
Hea, ea, ea, ea, eô  
Ô, ô, ô, ô, ô, ô, ô

## **ANEXO C – FORMULÁRIOS**

FORMULÁRIO I – IDENTIFICAÇÃO DOS ARTISTAS INSERIDOS NAS  
AGREMIações FOLCLÓRICAS QUANTO AO SEU SABER ADQUIRIDO E A SUA  
TRAJETÓRIA

Entrevista

1. Identificação

Nome:.....

Idade..... sexo ( ) masculino ( ) feminino ( ) homo afetivo

Escolaridade.....

Tempo de atividade na agremiação folclórica\_\_\_\_\_

Já esteve em outra agremiação?

( ) Sim ( ) Não

Por quanto tempo?\_\_\_\_\_

O que lhe fez mudar para esta  
agremiação?.....

Quais atividades desenvolve.....

2. Percepção do artista

a) Quem mais lhe influenciou para se tornar artista de  
boi?\_\_\_\_\_

b) Onde você aprendeu a desenvolver essa atividade?  
\_\_\_\_\_

c) Seus familiares participavam das festividades?  
\_\_\_\_\_

3. Trajetória escolar

a. A escola reforçou esse conhecimento ( ) sim ( ) não

Porque.....Se

não quais os motivos que fizeram você abandonar a  
escola.....No

caso de sim quais foram os motivos que fizeram você permanecer na  
escola?.....

b) No período em que você estudava o professor valorizava as suas habilidades  
artísticas?

- c) Quais eram as atividades desenvolvidas pelos professores que você se sentia mais a vontade?
- 4. O olhar do artista quanto ao ser artista
  - a) Você se sente reconhecido/valorizado pela comunidade?
  - b) Você é empregado ou apenas contratado no período do boi?
  - c) Fora essa atividade qual outra atividade você desenvolve?
  - d) Como você escolhe seus auxiliares ou seriam escolhidos pela administração do boi?
  - e) Na sua opinião a escola aproveita o saber cultural no exercício de sua prática?
  - f) Para você esses saberes seriam úteis para uma prática na sala de aula ou não seria possível misturar o conhecimento do boi com a escola?

## FORMULÁRIO 2 – IDENTIFICAÇÃO DE GESTÃO

Nome:

Formação

Tempo de docência

Tempo de gestão na Escola-3 anos

1. Há quanto tempo que foi retirado o turno noturno da escola?
2. Foi na sua gestão?
3. Quais os motivos cruciais para a retirada do turno noturno?
4. Como a comunidade reagiu?
5. Houve algum avanço positivo após a retirada do turno noturno?

FORMULÁRIO 3 – IDENTIFICAÇÃO DOS ALUNOS QUE APRESENTAM CARACTERÍSTICAS RELACIONADAS AS INTELIGÊNCIAS LÓGICO MATEMÁTICA/ ESPACIAL NAS ESCOLAS E QUE PARTICIPAM DAS AGREMIações FOLCLÓRICAS

Entrevista

1 Identificação

Idade..... sexo ( ) masculino ( ) feminino ( ) homo afetivo

Escolaridade.....

Agremiação boi bumbá.....

Atividade na agremiação folclórica.....

Há quanto tempo?.....

Já esteve em outra agremiação?

( ) Sim ( ) Não

Por quanto tempo?.....

O que lhe fez mudar para esta agremiação? *Responda:*

a) Minhas disciplinas favoritas na escola são:

b) As disciplinas que menos gosto são: .....

**1. Marque a resposta que está relacionado com você**

- a) Costumo fazer muitas perguntas sobre como as coisas funcionam ( )
- b) Não costumo fazer muitas perguntas sobre como as coisas funcionam ( )
- c) Gosto de jogar xadrez, damas, dominó, baralho ou outros jogos de estratégia. ( )
- d) Não gosto de jogar xadrez, damas, dominó, baralho ou outros jogos de estratégia. ( )
- e) Tenho facilidade em resolver contas de cabeça ( )
- f) Tenho dificuldade em resolver contas de cabeça ( )
- g) Tenho facilidade em ler mapas e de me localizar em lugares desconhecidos ( )
- h) Tenho dificuldade em ler mapas e me perco em lugar desconhecido ( )

3 No quadro abaixo tente resolver o seguinte problema: Preencha com os números de 1 a 9, sem repeti-los, mas em que todas as direções a soma dê 15


Quantas vezes tentou resolver o problema acima

- a) 0 a 3 ( )
- b) 3 a 6 ( )
- c) 6 a 10 tentativas ( )
- d) só desisti quando consegui ( )
- e) nem tentei ( )

PARTE II – IDENTIFICAÇÃO DOS ALUNOS QUE APRESENTAM CARACTERÍSTICAS RELACIONADAS ÀS INTELIGÊNCIAS ECOLÓGICA NAS ESCOLAS E QUE PARTICIPAM DAS AGREMIações FOLCLÓRICAS

1. O item abaixo marque as situações que mais lhe agrada

a) prefiro passar um final de semana num sítio, numa fazenda ou lugares onde tenha rio, mata etc....( )

2. Prefiro passar meu final de semana em praças, shopping, cinema etc considero uma pessoa da cidade ( )

3. tenho animal de estimação ( )

4. não gosto de animais de estimação ( )

5. gosto de plantar, cultivar, gosto do cheiro da terra ( )

6. não gosto de mexer com terra ( )

7. Fico irritado quando vejo alguém maltratando cachorro, gato, ou matando passarinho ( )

8. não me importo se vejo alguém preocupado com a natureza, acredito que temos situações mais importantes para nos preocuparmos ( )

9. Você caminhando por uma rua, de repente vê um gato correndo, gritando com o rabo grampeado e próximo ao gato um menino, autor da situação, o que você faria diante disso?

a) Iria rir, afinal não é sempre que se vê uma traquinagem dessa ( )

b) Lembraria da sua infância, pois toda criança tem lá suas histórias ( )

c) Iria dá um jeito de socorrer o animal ( )

d) Ficaria com receio de socorrer o animal, pois ele poderia lhe arranhar ( )

e) Chamaria a atenção do menino, pois isso é coisa que não se deve fazer ( )

f) Não faria nada, afinal você tem muito mais o que fazer ( )

## FORMULÁRIO 4 – IDENTIFICAÇÃO DOS DOCENTES

Nome:.....

Formação.....

Tempo de docência.....

Disciplinas que atua.....

1. Como você vê os alunos que participam do boi? Eles são participativos nas aulas ou são negligentes quanto à aprendizagem?
2. Na sua opinião o que faz alguns alunos preferirem os ensaios que as aulas?
3. Como se dá a prática das aulas de ciências?
4. Já houve alguma visitação nos galpões dos bois?
5. No caso de sim o que foi útil para sua prática pedagógica?
6. Os professores utilizam esses saberes na sala de aula?
7. Em algum momento houve uma explicação (palestra) de algum artista a fim de relatar seu conhecimento prático. Como foi?
8. Relate uma experiência que você associou ao folclore com os conteúdos de ciências.